

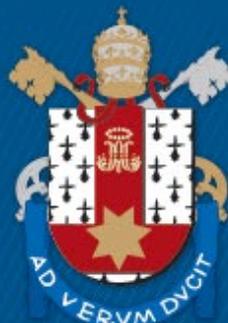
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ARTES E DESIGN - FAMECOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**OS MORTOS DO CAPITÃO:** A NARRATIVA DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NO  
TWITTER EM RELAÇÃO À COVID-19 DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020

Porto Alegre  
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**OS MORTOS DO CAPITÃO:**

A NARRATIVA DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NO TWITTER EM RELAÇÃO  
À COVID-19 DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020

**Orientador:** Prof. Dr. Roberto Tietzmann

Porto Alegre

2022

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**OS MORTOS DO CAPITÃO:**

A NARRATIVA DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NO TWITTER EM RELAÇÃO  
À COVID-19 DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 24 de maio de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dra. Maria Clara Aquino Bittencourt (PPGCC/UNISINOS)

---

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (PPGCOM/PUCRS)

---

Prof. Dr. Roberto Tietzmann (PPGCOM/PUCRS)

Porto Alegre

2022

*“Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer o controle sobre a mortalidade e definir a vida como implementação e manifestação de poder”.*

(MBEMBE, 2018, p. 5)



## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as postagens de Jair Bolsonaro em seu perfil no Twitter durante o primeiro semestre de 2020 para compreender se existiu relação entre a comunicação de Bolsonaro postada na rede social digital e suas ações enquanto presidente durante a pandemia. Foram verificadas publicações pertencentes a um banco de dados com 8.204 publicações, com datas entre 31 de março de 2010 e 1º de julho de 2020. A pesquisa considera a trajetória de conflito (NETO, 2019) na qual Bolsonaro realiza o seu discurso entre 2010 e 2020 por meio de inserções no Twitter e analisa as publicações com base em critérios de classificação da desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Busca-se compreender se existe relação entre as ações jurídicas mapeadas (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) e quais suas ligações com o que Bolsonaro *tweetou*. Também são discutidas potenciais características fascistas (ECO, 2018) no discurso de Bolsonaro e suas conexões com a necropolítica (MBEMBE, 2018). Ao final do trabalho, é possível perceber uma relação direta entre o que Bolsonaro falou e fez, em uma política que assumia as mortes por COVID-19 como parte do seu modelo de gestão do Estado.

**Palavras-chave:** Bolsonaro. COVID-19. Saúde. Dados. Necropolítica.

## ABSTRACT

This project's aim is to analyze Jair Bolsonaro's posts on his Twitter profile during the first semester of 2020 to understand if there was a connection between Bolsonaro's warning posted in the social network and his actions as president during the pandemic. Posts belonging to a database with 8,204 publications were verified, with dates between March 31, 2010 and July 1, 2020. The research considers the trajectory of conflict (NETO, 2019) in which Bolsonaro delivers his speech between 2010 and 2020 through Twitter insertions and analyzes publications based on disinformation classification criteria (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). It seeks to understand whether there is a relationship between the mapped legal actions (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) and what their connections are with what Bolsonaro tweeted. Potential fascist characteristics (ECO, 2018) in Bolsonaro's speech and its connections with necropolitics (MBEMBE, 2018) are also discussed. At the end of the work, it is possible to perceive a direct relationship between what Bolsonaro said and did, in a policy that assumed deaths from COVID-19 as part of his model of state management.

**Keywords:** Bolsonaro. COVID-19. Health. Data. Necropolitics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa sobre o conceito de informação .....	21
Figura 2 – Imagem sobre a classificação da desinformação.....	29
Figura 3 – Imagem sobre os elementos envolvidos na desinformação.....	30
Figura 4 – Imagem sobre as fases de desinformação.....	30
Figura 5 – Tweet do dia 26 de março de 2020, primeira vez que Bolsonaro cita em texto a palavra cloroquina no seu perfil.....	31
Figura 6 – Exemplo de <i>tweet</i> do Bolsonaro ao falar sobre guerra.....	37
Figura 7 – Definição de engajamento de acordo com o <i>analytics</i> do Twitter .....	58
Figura 8 – Primeiro dia de Twitter de Jair Bolsonaro.....	60
Figura 9 – <i>Tweet</i> com o maior engajamento do ano, tendo 3.207 em valores de engajamento ao somar respostas, <i>retweets</i> e curtidas .....	62
Figura 10 – Única publicação do ano de 2011 .....	63
Figura 11 – Segunda publicação de maior engajamento, tendo 72 em valores de engajamento ao somar respostas, <i>retweets</i> e curtidas. Responsável por 19% do engajamento do ano.....	65
Figura 12 – Publicação de maior repercussão no ano de 2013 .....	67
Figura 13 – Publicação de maior repercussão em 2014 .....	67
Figura 14 – Publicação de mais repercussão em 2015.....	68
Figura 15 – Publicação de maior repercussão em 2016 .....	70
Figura 16 – Publicação de maior repercussão em 2017 .....	70
Figura 17 – Publicação de maior repercussão em 2018 .....	71
Figura 18 – Publicação de maior repercussão de 2019 .....	72
Figura 19 – Tweet de maior engajamento no ano de 2020 .....	73
Figura 20 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro .....	77
Figura 21 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro .....	78
Figura 22 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro .....	79
Figura 23 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro .....	80

Figura 24 – <i>Tweet</i> que teve o maior número de curtidas no primeiro semestre de 2020 .....	81
Figura 25 – Artigo de Bolsonaro para a revista <i>Veja</i> .....	84
Figura 26 – Matéria do Jornal Nexo sobre a comparação dos votos de Bolsonaro com a média dos votos do PT ao longo do governo de Fernando Henrique Cardoso até o final do governo Temer. Linha vermelha, votos do PT, linha cinza, votos de Bolsonaro .....	89
Figura 27 – Pirâmide invertida de dados .....	96
Figura 28 – Primeira vez que Bolsonaro cita a palavra saúde em seu Twitter .....	101
Figura 29 – Única publicação sobre saúde no ano de 2014 .....	102
Figura 30 – Exemplo de <i>tweet</i> sobre saúde no ano de 2016 .....	103
Figura 31 – Exemplo de <i>tweet</i> sobre saúde no ano de 2017 .....	104
Figura 32 – Exemplo de <i>tweet</i> sobre saúde no ano de 2018 .....	105
Figura 33 – Exemplo de <i>tweet</i> sobre saúde no ano de 2019 .....	106
Figura 34 – Número de <i>tweets</i> envolvendo saúde vs. <i>tweets</i> por mês em 2020/1..	107
Figura 35 – Métrica média dos <i>tweets</i> de 2020/1 envolvendo saúde .....	108
Figura 36 – Média dos <i>tweets</i> em 2020/1, mas sem envolver saúde .....	109
Figura 37 – <i>Tweet</i> informativo do grupo A .....	110
Figura 38 – Justificativa do Twitter para oscilação em relação ao número de seguidores .....	111
Figura 39 – Exemplo de publicação desinformativa do grupo A .....	112
Figura 40 – Exemplo de <i>thread</i> desinformativa relacionada a saúde, grupo B .....	113
Figura 41 – <i>Tweet</i> informativo e isolado do @minsaude, grupo C .....	115
Figura 42 – <i>Tweet</i> isolado com @minsaude e desinfirmativo, grupo C .....	115
Figura 43 – <i>Tweet</i> informativo do grupo D .....	117
Figura 44 – <i>Tweet</i> desinformativo do grupo D .....	118
Figura 45 – <i>Tweet</i> desinformativo do grupo E .....	119
Figura 46 – <i>Tweet</i> informativo do grupo E, sem mencionar saúde e @minsaude ..	120
Figura 47 – Total de <i>tweets</i> por dia em janeiro .....	122
Figura 48 – <i>Tweet</i> de maior repercussão em janeiro de 2020 .....	123
Figura 49 – Total de <i>tweets</i> por dia em fevereiro .....	125
Figura 50 – <i>Tweet</i> de maior engajamento no mês de fevereiro .....	126
Figura 51 – Total de <i>tweets</i> por dia em março .....	127
Figura 52 – <i>Tweet</i> de destaque no dia 4 de março de 2020 .....	128

Figura 53 – <i>Tweet</i> do dia 7 de março de 2020 .....	129
Figura 54 – <i>Tweet</i> com maior número de curtidas no dia 15 de março.....	131
Figura 55 – Exemplo de <i>tweet</i> sobre indígenas .....	132
Figura 56 – <i>Tweet</i> do dia 18 de março de 2020 .....	133
Figura 57 – <i>Tweet</i> de maior engajamento no mês de março .....	134
Figura 58 – <i>Tweets</i> sobre saúde vs. outros <i>tweets</i> no mês de março.....	136
Figura 59 – <i>Tweet</i> de maior engajamento com relação a saúde no mês de março	137
Figura 60 – Total de <i>tweets</i> por dia no mês de abril.....	138
Figura 61 – <i>Tweet</i> com maior engajamento no mês de abril.....	139
Figura 62 – <i>Tweets</i> que envolvem saúde e outros <i>tweets</i> em abril.....	140
Figura 63 – <i>Tweet</i> de maior engajamento sobre saúde em abril.....	141
Figura 64 – <i>Tweet</i> de Bolsonaro no dia 8 de abril sobre cloroquina.....	142
Figura 65 – Total de <i>tweets</i> por dia no mês de maio.....	144
Figura 66 – <i>Tweet</i> de maior engajamento no mês de maio e relacionado a saúde	147
Figura 67 – <i>Twitter</i> de maior engajamento no mês de maio .....	148
Figura 68 – Publicação de maior engajamento no mês de maio.....	149
Figura 69 – Total de <i>tweets</i> por dia no mês de junho.....	149
Figura 70 – <i>Tweets</i> sobre saúde vs. <i>tweets</i> sobre outros assuntos .....	150
Figura 71 – <i>Tweet</i> de Bolsonaro reforçando a narrativa de esforços do governo federal. .....	151
Figura 72 – <i>Tweet</i> de Bolsonaro sobre responsabilidades de prefeitos e governadores .....	152
Figura 73 – <i>Tweet</i> de Bolsonaro com ataque ao STF, governadores e prefeitos....	153
Figura 74 – <i>Tweet</i> de junho de 2020 com o maior engajamento.....	154
Figura 75 – <i>Tweet</i> de terceiro maior engajamento no mês de junho.....	155
Figura 76 – Número de trabalhos que citam Bolsonaro de acordo as áreas de pesquisa .....	182
Figura 77 – Nuvem de palavras-chave das áreas de comunicação e comunicação e suas tecnologias.....	183
Figura 78 – Nuvem de palavras chaves de todos os 42 trabalhos analisados .....	185
Figura 79 – Todos os 29 trabalhos que não são da área de comunicação .....	186
Figura 80 – Mapa mental do processo de agrupamento dos <i>tweets</i> presentes no item 5.1 .....	188

Figura 81 – Mapa mental do processo de análise dos *tweets* presentes no item 5.2  
..... 188

Figura 82 – Mapa mental do processo de análise dos *tweets* presentes no item 5.3  
..... 189

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de classificação da Figura 5 .....	33
Quadro 2 – Adaptação da classificação de Wardle e Derakshan (2017), etapa de combinação (BRADSHAW, 2011) .....	96
Quadro 3 – Número de menções a palavra saúde ou ao @minsaude de acordo com os anos.....	100
Quadro 4 – Índice de desinformação de acordo com o grupo de tweets .....	106

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de artigos sobre Bolsonaro: ano vs. evento.....	183
---	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A DESINFORMAÇÃO PODE MATAR.....</b>	<b>20</b>
2.1 A SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO .....	20
2.2 A DESINFORMAÇÃO .....	26
2.3 TIPOS DE DESINFORMAÇÃO .....	29
2.4 A NECROPOLÍTICA ENQUANTO SABER DA COMUNICAÇÃO .....	35
<b>3 COMO A DESINFORMAÇÃO DE JAIR BOLSONARO CIRCULA NO TWITTER</b>	<b>50</b>
3.1 A ESCOLHA DO TWITTER COMO PLATAFORMA DE ENGAJAMENTO PARA O DISCURSO DE DESINFORMAÇÃO.....	50
3.2 A DINÂMICA DO TWITTER E JAIR BOLSONARO .....	58
3.3 AS PRIORIDADES DE BOLSONARO POR MEIO DAS MENÇÕES ....	76
<b>4 BOLSONARO: O PROTAGONISTA DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA.....</b>	<b>83</b>
4.1 A HISTÓRIA DE JAIR BOLSONARO.....	83
4.2 BOLSONARO DE 1987 ATÉ 2017.....	87
<b>5 METODOLOGIA E ANÁLISE .....</b>	<b>95</b>
5.1 ANÁLISE DA SAÚDE DENTRO DO HISTÓRICO DE BOLSONARO .	100
5.2 ANÁLISE DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020 .....	106
5.3 LINHA DO TEMPO POR MÊS .....	120
5.3.1 Janeiro.....	121
5.3.2 Fevereiro .....	124
5.3.3 Março.....	126
5.3.4 Abril .....	138
5.3.5 Maio.....	144
5.3.6 Junho.....	149
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE A – Complemento de pesquisa sobre Jair Bolsonaro .....</b>	<b>182</b>
<b>APÊNDICE B – Resumo das análises no formato de mapa mental .....</b>	<b>188</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No final do mês de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, foram diagnosticados casos de uma nova doença. Semelhante a uma pneumonia, mas com sintomas mais graves, o surto foi se espalhando pelo mundo e tomou uma proporção que obrigou o fechamento de fronteiras e fez com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse a situação como uma pandemia no dia 11 de março de 2020. Tratava-se do novo coronavírus, vírus de origem animal denominado Sars-CoV-2, com linhagem que possivelmente começou com morcegos ou pangolins, também identificado como a COVID-19<sup>1</sup> (WHO, 2021).

No Brasil, o coronavírus teve seu primeiro caso confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020 e, no mês seguinte, dia 16 de março, foi registrado o primeiro óbito por coronavírus no país. Em meio a uma crise política, econômica e sanitária, o Estado brasileiro enfrentou todos esses desafios somados ao descaso do governo federal. De acordo com um estudo realizado durante o ano de 2020, a ausência de políticas públicas, que incluíam isolamento social, medidas de prevenção e comunicação estratégica sobre o vírus, foram as principais ações responsáveis por disseminar a COVID-19 ao longo do ano de 2020 e permitir o contágio de uma parcela expressiva da população (DIAZ- QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Até o dia 15 de abril de 2022, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2022a), o total era de 661.796 mil mortes por coronavírus.

A primeira parte do trabalho, denominada “A Desinformação pode matar” objetiva discutir sobre a desinformação. Para introduzir esse assunto será apresentado um breve resumo sobre a evolução do conceito de informação que conhecemos hoje. Como base, utiliza-se o artigo escrito por Shannon (1948), que traz questionamentos sobre problemas semânticos relacionados ao significado de verdade, assim como problemas influentes relacionados ao impacto da eficácia das informações sobre o comportamento humano.

Complementando questões básicas sobre informação e conduzindo a linearidade do raciocínio sobre informação, destacam-se os artigos e materiais propostos por Floridi (FLORIDI, 1996, 2010, 2019). O autor foi escolhido por trabalhar

---

<sup>1</sup> O presente trabalho padronizou a grafia do termo COVID-19 tendo como base a utilização do Ministério da Saúde, Governo Federal, Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2022.

a filosofia da informação e trazer uma classificação muito próxima da eleita aqui para embasar e classificar a desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Entende-se desinformação como uma área de estudos que possui elementos particulares em sua composição e que também possui padrões que podem ser identificados (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Essa lógica é fundamental para trabalhar com a possibilidade de uma estratégia de comunicação baseada em desinformação.

Para isso, buscam-se subsídios em um documento intitulado *Direitos na Pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*, sobre evidências de desinformação propositalmente estruturadas e conduzidas durante a pandemia como uma política pública de estado que levou à morte de pessoas (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Esta estratégia, que eventualmente causou a morte de pessoas, é possível de ser conceituada: trata-se da necropolítica (MBEMBE, 2018). A necropolítica é derivada da biopolítica de Foucault (FOUCAULT, 1998) e busca explicar como a estrutura do estado pode ter como objetivo a morte pessoas. Ou seja, a necropolítica pode ser identificada através da negligência do estado ou de sua política que estruturalmente favorece a morte da população.

Em relação à pandemia do coronavírus, a ausência de políticas públicas por parte do governo federal referente ao coronavírus e a desinformação promovida pelo próprio gestor oficial (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) possuem características da necropolítica (MBEMBE, 2018). Exponente dessa política, Bolsonaro, presidente do Brasil em exercício durante os anos de 2019, 2020 e 2021, é um político de extrema direita que busca o conflito constante (NETO, 2019) e é responsável por politizar a pandemia (RECUERO, 2021). Em diversos momentos, Bolsonaro gerou desinformação através de suas redes com o objetivo de fazer política (RECUERO; SOARES, 2020b). A postura do presidente vai além de apontamentos acadêmicos e recorrentemente é pauta na fala de algum dos ministros do Supremo Tribunal Federal<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MOURA, Rafael Moraes. Bolsonaro traz desinformação que equivale a 'mentira política', diz Fachin. *Veja*, [S. l.], 17 fev. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-traz-desinformacao-que-equivale-a-mentira-politica-diz-fachin>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ou de matérias que divulgam estudos<sup>3</sup> e conteúdos produzidos por agências de verificação de notícias<sup>4</sup>.

Sendo assim, questiona-se nesta pesquisa:

a) durante o primeiro semestre de 2020, quais foram as estratégias de desinformação utilizadas por Bolsonaro para falar sobre saúde pública e que podem ser consideradas saberes da necropolítica?

b) como classificar as estratégias encontradas e cruzá-las com a necropolítica atual?

Dito isso, o objetivo do presente trabalho é **identificar elementos de desinformação no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter que apontem para estratégias propositais de necropolítica e que estejam relacionadas à comunicação**. Acredita-se que práticas como estas ajudaram a disseminar o vírus e tornam Bolsonaro um presidente que atua contra a saúde pública e a vida das pessoas. Logo, a gestão de Bolsonaro é responsável pela má qualidade da saúde pública e de maneira proposital (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), características que apontam para o conceito da necropolítica porque negligenciam o direito à vida e aceitam a morte como parte integral de sua política.

Como base para essa política, entende-se que Bolsonaro é um político que estrutura sua razão (MBEMBE, 2018) na pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). Logo, ao final da primeira parte, busca-se apresentar a relação entre racionalidade e pós-verdade com a finalidade de registrar a política de Bolsonaro. Entende-se que esses dois elementos são fundamentais para discutir uma possível relação entre Bolsonaro, necropolítica, necropoder (MBEMBE, 2018).

A seção “Como a desinformação de Jair Bolsonaro circula no Twitter”, objetiva apresentar a plataforma escolhida para este trabalho, e o histórico do perfil de Jair Bolsonaro na referida rede social digital (NETO, 2019). Entre os motivos para a escolha do Twitter é possível destacar a disponibilidade de dados para coleta, enquanto outras plataformas, como o WhatsApp, possuem características opostas.

---

<sup>3</sup> VIDON, Felipe. Governo Bolsonaro é a principal fonte de desinformação sobre a pandemia no Brasil, segundo relatório. **O Globo**, 25 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/governo-bolsonaro-a-principal-fonte-de-desinformacao-sobre-pandemia-no-brasil-segundo-relatorio-25076190>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

<sup>4</sup> BRAMATTI, Daniel; MONNERAT, Alessandra; BREMBATTI, Katia. Distorção precode. o papel de Bolsonaro e seus aliados na difusão de desinformação sobre a pandemia. **O Estado de S. Paulo**, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/distorcao-precoce-o-papel-de-bolsonaro-e-seus-aliados-na-difusao-de-desinformacao-sobre-a-pandemia>. Acesso em. 30 de abr. de 2022.

Ao passo que a primeira ferramenta possui API e é aberta para pesquisa, a segunda prioriza a comunicação pessoal e individual, tornando a captação de dados muito restrita ou inviável em larga escala.

Em relação às redes sociais digitais, compreende-se que cada uma executa um papel distinto e é utilizada de formas diferentes pelos usuários (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2021). O WhatsApp é um exemplo de uso de rede privada. Foi o principal responsável pela radicalização da base de apoiadores de Bolsonaro durante o auge da pandemia e teve um grande volume de desinformação circulando. Neste espaço, de acordo com Recuero (2021), rede mais utilizada pra consumir conteúdo sobre coronavírus, também se tem grande dificuldade em relação à checagem das informações. Essas características facilitam a circulação da desinformação.

Considerando esses pontos, é provável que esses elementos façam com que o WhatsApp sirva como uma possível ferramenta de radicalização da base eleitoral de Bolsonaro (VISCARDI, 2020) e o Twitter como uma plataforma de disputa da narrativa (PASSOS; PIRES, 2019). Facebook, WhatsApp, Instagram e Youtube não foram aprofundadas na discussão porque possuem dinâmicas próprias e não permitem uma construção de debate público como o Twitter, rede social voltada para comentários curtos e objetivos em tempo real. Além disso, a ferramenta do Twitter é mais receptiva à raspagem de dados do que as demais redes sociais digitais.

Cabe ressaltar que, em 2020, cerca de 71% da população brasileira já dispunha de acesso à *internet* (NEWMAN *et al.*, 2020) de acordo com o relatório *Reuters Institute Digital News Report 2020* e que essa estimativa pode chegar em até 84% (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021), segundo o relatório *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros*. Pesquisas como essa são fundamentais para identificar o perfil de público que consome informações na *web* e quais as diferentes formas de utilização de acordo com a classe social.

Segundo o relatório sobre desinformação durante a pandemia (RECUERO, 2021), existe uma mensuração em relação à desinformação durante a pandemia que se vale do mesmo modelo para classificação da desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Documento utilizado pela União Europeia para classificar a desinformação e propor alternativas, soluções e diagnósticos relacionados aos problemas que tenham relação com desinformação.

Em um segundo momento, analisa-se o histórico de Jair Bolsonaro no Twitter ao longo dos anos, entre 2010 e 2020. O banco de dados do Twitter com materiais de Jair Bolsonaro conta com informações que vão de 31 de março de 2010 até o dia 7 de julho de 2020, somando 8.204 publicações. A análise verifica os *tweets* de mais engajamento (TWITTER ANALYTICS, 2021) em cada ano e busca discutir os conteúdos postados por Bolsonaro em seu perfil no Twitter. Como exemplo, é possível citar o fato de que Bolsonaro entrou na rede social digital no ano de 2010 em uma data próxima ao aniversário do golpe militar de 1964 e, com isso, gerou engajamento através de seu conteúdo. Portanto, a seção tem como parte integrante a discussão sobre a desinformação criada por Jair Bolsonaro a respeito do tema, bem como o discurso (ORLANDI, 2005) presente em suas publicações.

Na sequência, volta-se a discussão para elementos da retórica fascista (ECO, 2018) que terão como base os *tweets* de mais engajamento (TWITTER ANALYTICS, 2021) entre os anos de 2010 e 2020. Esses elementos serão fundamentais para caracterizar a retórica e a racionalidade por parte de Bolsonaro, uma vez que não existe registro de uma filosofia iluminista que possa ser relacionada. Entende-se, nesse trabalho, uma tendência de que Bolsonaro encontre legitimidade em aspectos conservadores, militares e que seja contra a existência de determinados grupos sociais. Esses argumentos possuem proximidades com o ur-fascismo e serão analisados com base na classificação objetiva de Umberto Eco (2018) e guiarão a análise.

Ao final desta etapa, ainda sobre o perfil de Bolsonaro no Twitter, são apresentadas todas as menções entre os meses de janeiro e junho de 2020. Visa-se, com isso, entender a estrutura do poder federal e suas prioridades através de uma comparação entre o número de menções entre ministérios, ministros e outros. Compreende-se como “outros”, uma classificação autoral que intenta aglutinar perfis do Twitter e que representam grupos mencionados por Bolsonaro. Esta análise será fundamental para entender a prioridade do governo durante a pandemia, principalmente, por parte de Bolsonaro.

O capítulo “Bolsonaro: o protagonista de uma tragédia anunciada”, tem como objetivo apresentar um histórico de Bolsonaro como político, quais elementos constituem sua trajetória política de 1987 até 2020 e evidenciar a construção política desse personagem. Por exemplo, o trabalho tem como destaque um artigo que analisa o discurso de 1987 até 2017 nos jornais *Estadão* e *Folha de S.Paulo*, intitulado

“Bolsonaro é apontado como um político famoso por suas polêmicas” (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Historicamente, Bolsonaro não construiu projetos ou estabeleceu relações, ao contrário, trata-se de um candidato conhecido por suas discussões e discursos ofensivos. A eleição de 2018 foi marcada pela polarização e conflito constante em relação à democracia e partidos do campo democrata, enquanto a campanha bolsonarista possuía elementos de extrema direita (NETO, 2019).

Além disso, é fundamental olhar para o passado de Bolsonaro enquanto militar (CARVALHO, 2019) e não apenas enquanto político. Uma investigação por elementos polêmicos, envolvendo prisão disciplinar, plano de ação que englobava explodir bomba em quartel e, também, ausência de punições. O histórico de Bolsonaro é de constante conflito com instituições e essa sessão abrange este resgate histórico. Portanto, a quarta seção busca apresentar Bolsonaro como um político que tenta fragilizar o Estado e para isso utiliza estratégias de desinformação dentro do próprio projeto de governo (NOBRE, 2020). Outro ponto do capítulo é o contexto da pandemia e as escolhas de Bolsonaro durante o cenário de 2020.

Por fim, o último capítulo analisa o primeiro semestre de 2020. Destes 8.204 *tweets* publicados entre 2010 e 2020, 1.461 foram publicados entre os dias 1º de janeiro e 7 de julho de 2020, ou seja, os dados analisados representam 17,8% do total das publicações de Bolsonaro no Twitter desde 2010. Nesse ponto a análise será construída com base na pirâmide invertida do jornalismo de dados de Bradshaw (2011) e irá classificar os *tweets* em informativos ou desinformativos. Caso desinformativos, serão analisados quais os tipos de desinformação presentes (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) com o objetivo de analisar o conteúdo. Sobre a divisão, o capítulo tem quatro momentos: a) apresentação da metodologia; b) análise do histórico da relação entre Bolsonaro e saúde; c) análise semestral; d) e, por fim, uma leitura mensal entre janeiro e junho de 2020. Ao final do trabalho, espera-se mapear as principais estratégias de desinformação e suas possíveis consequências.

## 2 A DESINFORMAÇÃO PODE MATAR

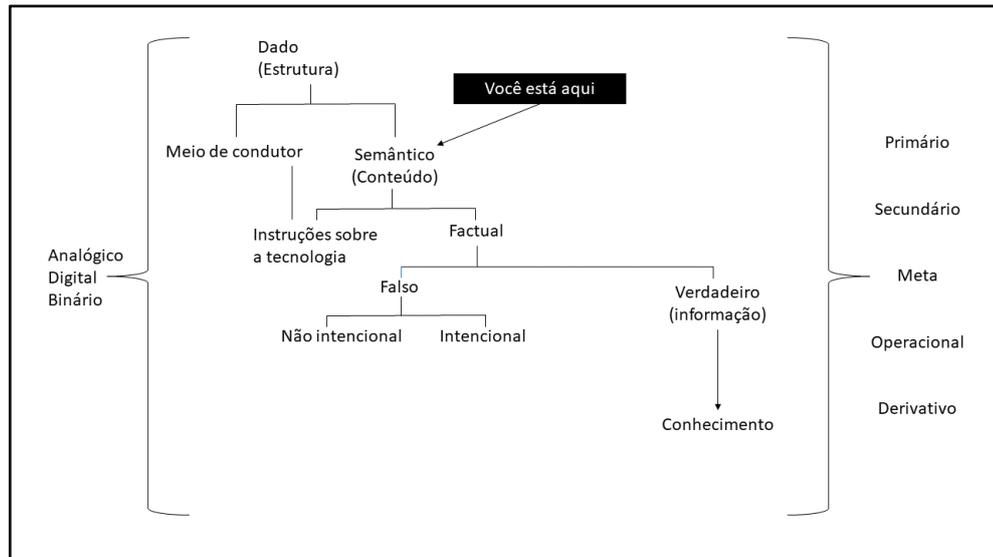
O presente capítulo apresenta a informação (FLORIDI, 2010) como uma introdução para a discussão sobre a desinformação, os tipos de desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e suas consequências. Entre as principais consequências, destaca-se a pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). Desta forma, também são discutidos os conceitos de pós-verdade e de desinformação como instrumentos da necropolítica (MBEMBE, 2018). Ao longo da seção, exemplos de comunicação baseados em *tweets* de Bolsonaro auxiliam e guiam o raciocínio.

### 2.1 A SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO

Vivemos em uma sociedade que é apontada e reconhecida por ser a era da informação (CASTELLS, 2011). Porém, o excesso de informação e sem fontes verificadas ou qualificadas acabam gerando desinformação. O presente subcapítulo tem como objetivo apresentar a origem do conceito de informação proposto por Shannon (SHANNON, 1948) e como esse conceito evoluiu ao longo do tempo. Entende-se que é fundamental uma breve apresentação da informação para introduzir o conceito de desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e suas consequências.

Em sua origem, a etimologia da palavra informação é do verbo “informare”, em latim, cujo significado é dar forma, criar, construir uma ideia (ARAÚJO, 2001). Contudo, o conceito de informação utilizado na comunicação e no século XXI, tem como origem o final da Segunda Guerra Mundial. Nesse momento histórico nasce a ideia da informação como condição básica para o desenvolvimento e a caracterização de seu conteúdo como relevante ou irrelevante (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Outro ponto de destaque é que na década de 1940 surgem os primeiros computadores e com eles a transição do analógico para digital.

Figura 1 – Mapa sobre o conceito de informação



Fonte: Editado e traduzido pelo autor a partir de Floridi (2010).

Destaca-se, antes da abordagem conceitual, o fato de que não existe consenso sobre a definição de informação e, portanto, os conceitos apresentados seguem a corrente da filosofia da informação (FLORIDI, 2019), que é responsável pela reflexão de seus possíveis significados. Adota-se como ponto de partida a relação da tecnologia com a comunicação.

Conforme a Figura 1, os dados fazem parte de uma estrutura e integram a produção do significado de informação. Desta forma, existem dois tipos de dados: um diz respeito ao *meio condutor*, enquanto o outro está ligado à *semântica* e produz significados. A primeira diferenciação é feita entre *dados analógicos, digitais ou binários*, diz respeito ao modelo de transmissão de dados (FLORIDI, 2010) e suas características físicas. Por exemplo, um disco de vinil possui dados *analógicos*, sua informação é gravada na parte física do disco, enquanto um disco digital possui *dados digitais* gravados em sua mídia, que são codificados em *números binários*. Ambos são modelos matemáticos. Logo, o CD-ROM, Compact Disc Read-Only Memory, (Disco Compacto de Memória Apenas de Leitura), pode ser chamado assim porque ele possui informações codificadas em sua estrutura física e depende de um leitor que possua essa chave de código.

Essa estrutura de dados não será trabalhada porque diz respeito à matemática da informação de dados e de mensuração, porém, a sua conceituação é fundamental para que sejam estabelecidas reflexões filosóficas. Assim, pontuando que existe uma

estrutura matemática por trás dos dados e uma estrutura semântica (FLORIDI, 2010), tema deste trabalho, destacam-se dois conteúdos semânticos: a informação sobre a tecnologia e a informação responsável pela produção de sentidos e significados, *informação factual*.

A união da semântica e da matemática produz a instrução sobre uma tecnologia e o seu funcionamento. Em uma linguagem informal, é possível dizer que o manual de um determinado produto digital possui essas duas estruturas em conjunto. Ou seja, as instruções sobre como carregar um celular são partes *instrucionais da tecnologia* enquanto a *informação factual* é de que a bateria está cheia ou vazia.

Em um exemplo prático e atribuído ao presente trabalho, descrever como o Twitter funciona de acordo com as suas diretrizes é uma informação instrucional da tecnologia, pois não é possível afirmar se a informação é verdadeira ou falsa, trata-se de um modelo descritivo. Em contraponto, o conteúdo de um *tweet* possui caráter declarativo e factual, portanto, pode ser compreendido como verdadeiro ou falso quando analisamos esses dois modelos de estrutura semântica, adaptando os conceitos apresentados por Floridi (2010).

Caso esse conteúdo semântico declarativo e factual seja falso, pode ser dividido em *informação falsa e não intencional*, resultado de uma compreensão incompleta dos dados verdadeiros ou pode ser uma *desinformação intencional*, conteúdo produzido com o propósito de desinformar (FLORIDI, 2010). Entretanto, esses conceitos não são o suficiente para compreender o perfil de Bolsonaro no Twitter e sua desinformação. Principalmente, porque de acordo com a definição de desinformação intencional, a própria desinformação pode ser considerada uma característica da pós-verdade.

Levando em conta o entendimento de Santaella (2018) sobre o fenômeno da pós-verdade é possível trazer elementos que explicam a relação entre desinformação e algoritmos:

os desafios têm se concentrado nas questões relativas às notícias falsas (fake news), que circulam abusivamente pela internet, e suas relações com as bolhas, também chamadas de câmaras de eco, ou seja, o ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis. Essas condições acabaram por redundar naquilo que vem sendo chamado de “era da pós-verdade”.

Desta forma, para pontuar a desinformação e a sua relação com a pós-verdade os autores Bucci (2018) e Sataella (2018) trazem pertinentes contribuições, em

especial, porque são autores brasileiros e possuem relações muito próximas sobre os conceitos e visões em relação à pós-verdade e o país. Sataella se destaca por sua relação com a comunicação e os seus efeitos na sociedade. Bucci, por sua vez, é relevante porque sua argumentação pontua sobre como a política tem se tornado um ambiente de desinformação que fabrica o desconhecimento proposital, ou seja, ambiente no qual o conhecimento científico não importa.

No que diz respeito à noção de desinformação, opta-se por trabalhar com as ideias dos autores Wardle e Derakhshan (2017), pois eles estudam o conceito como um fenômeno fechado. Isso implica em apresentar e descrever as características desse processo enquanto acontecimento e não necessariamente com a origem ou uma discussão histórica do conceito. Porém, sabe-se que existe uma linearidade de eventos e de acontecimentos que proporcionam relações com outros fenômenos, como, por exemplo, a pós-verdade.

Analisando a estrutura de redes sociais digitais e a desinformação, pode-se considerar a desinformação como um sintoma da pós-verdade. É nessa linearidade e relação de causalidade que Sataella e Bucci se fazem necessários, pois a pós-verdade no Brasil e na democracia tem efeitos muito particulares, por esse motivo a escolha de autores nacionais.

Além dos motivos citados anteriormente, a opção pelos autores Wardle e Derakhshan se dá pelo fato de que eles também qualificam o discurso de ódio como desinformação. A desinformação pode ser *informação nociva* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e ter como objetivo o intuito de expor, ofender ou assediar. Ou seja, são três categorias de desinformação para os autores: a) desinformação não intencional; b) desinformação intencional; e c) discurso de ódio. A classificação é muito parecida com Floridi (2010), porém, mais completa e construída com a finalidade de ser um guia de classificação de desinformação. Floridi, por sua vez, é um pensador da filosofia da informação e possui prioridades diferentes.

Esta reflexão sobre as categorias da desinformação é parte do processo de definição do escopo do trabalho, pois busca-se compreender *a desinformação não intencional, a desinformação intencional e o discurso de ódio ou informação nociva* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Porém, para avançar sobre esses tópicos, que são problemas da ausência de informação, é necessário apresentar o raciocínio matemático proposto por Shannon (SHANNON, 1948) com a finalidade de desdobrar três premissas básicas da sua teoria:

- a) problemas técnicos relativos à quantidade de informação;
- b) problemas semânticos relacionados ao significado de verdade;
- c) problemas influentes, relação entre o impacto e a eficácia das informações sobre o comportamento humano.

Apresentadas as estruturas, assume-se que essa dissertação irá discutir sobre os itens *b* e *c*. A escolha se dá pelo fato de que a análise da comunicação acontece na produção de sentidos e as duas premissas selecionadas atendem à problemática do trabalho. Com isso, busca-se mostrar que historicamente sempre existiu uma preocupação com os problemas semânticos relacionados ao significado de verdade e dúvidas conectadas à efetividade da informação. Portanto, estudar o Twitter é um exemplo atual dessa problematização. Assim, essa efetividade será analisada através de um paralelo entre as postagens do perfil de Bolsonaro na rede social digital Twitter e seu projeto de governo.

Ainda sobre os itens *b* e *c*, o conceito de verdade adotado para o trabalho não será aprofundado porque considera que Bolsonaro trabalha com um significado de verdade que está fora do campo científico ou factual. Ou seja, sua fonte de produção de argumentos é a pós-verdade, baseada em desinformação. Logo, não faz sentido trabalhar um conteúdo que não está presente na comunicação de Jair Bolsonaro, ao menos, não em sua argumentação.

Por exemplo, no artigo apresentado por Nascimento *et al.* (2018), Bolsonaro ocupou os espaços em jornais de mídia impressa na *Folha de S.Paulo* e *Estadão* por sua fala contra os direitos humanos e as minorias, não pelo seu conhecimento, embasamento científico ou apresentação de dados. O crescimento de Bolsonaro se dá pela polêmica e por falas declaratórias que antecedem as redes sociais, exemplos que serão evidenciados no capítulo que apresenta o seu histórico. Entretanto, o que existe é uma convergência entre a fala de Bolsonaro e a lógica das redes sociais.

Para trazer um exemplo desse argumento, é possível citar Bucci (2019) que desenvolve sua visão sobre as redes sociais e o papel da imprensa:

[...] as redes sociais mais segregam do que integram a sociedade. Elas não põem as pessoas em rede; põem as muralhas em rede, muralhas privatizadas. Dentro das muralhas, o que impulsiona a circulação dos relatos é a dinâmica própria dos boatos, bastante passional, e não mais a dinâmica de prestação de serviços de informação de interesse público, segundo pontos de vista plurais. A função pública de mediar o debate social, de investigar e relatar os acontecimentos de interesse geral com fidedignidade e de fazer circular ideias e opiniões divergentes, função essa que se fixou como o papel

central da instituição da imprensa, corresponde apenas a uma franja marginal dentro das interações da era digital. Agora, os protocolos classicamente observados pela imprensa e pelas redações profissionais se confinam a ilhas que são minúsculas quando comparadas ao todo. O que é a carteira de assinantes de um jornal, algo em torno dos 250 mil leitores, como no caso dos maiores diários do Brasil, perto da escala de um Facebook, que tem perto de 2 bilhões de usuários com perfis ativos, quase um terço da humanidade? (BUCCI, 2019, p. 47).

Sendo assim, a materialidade na fala de Bolsonaro será apresentada no decorrer do trabalho, mas não como algo concreto e sim como uma narrativa paralela e autoral que está declarada nas redes sociais. Portanto, o conceito que será trabalhado enquanto verdade é a pós-verdade, fenômeno que caracteriza a polarização nas redes sociais e é evidenciado pela ausência dos fatos. Nesse contexto, as emoções ganham força e as mentiras também, reforçando uma audiência que acredita em mentiras na *internet*. Outro ponto de destaque é sobre como as bolhas criadas na rede são alimentadas e como, raramente, uma toma conhecimento da outra. Todos esses elementos são apresentados por Bucci (2019) como potenciais fragilidades da democracia.

Sobre pós-verdade, Bucci traz uma reflexão sobre a origem do termo e afirma que a lógica da pós-verdade está ligada ao emocional, logo é subjetiva e tem como objetivo engajar através dessas emoções (BUCCI, 2018). Como origem para essa afirmação, Bucci apoia seu argumento no texto do estadunidense David Roberts (2010), que entende que a pós-verdade da política encontra-se em uma desconexão entre o que se fala e o que se faz, ou seja, já não importa mais a relação entre ambos.

Para Roberts (2010), a lógica política ideal seria a iluminista porque aponta para uma racionalização das escolhas. Logo, ao falar de partidos, por exemplo, trata-se de reunir fatos, pensar sobre eles e escolher um partido com base nas posições semelhantes. Entretanto, isso não acontece na prática. De acordo com Roberts, a lógica é inversa, primeiro escolhe-se um grupo ou partido, depois são adotados posicionamentos e, por último, são buscados argumentos e fatos para defender essa posição (ROBERTS, 2010).

Essa desconexão entre a política da opinião pública e a mídia, torna viável que as leis sejam elaboradas sem qualquer critério de embasamento. A lógica foi invertida, de acordo com Roberts. No mesmo artigo, ele explica o fundamento da política exercida pelo partido republicano contra o partido democrata, que, de forma resumida, trata-se de unir votos e não apoiar nenhuma pauta proposta pelos democratas. Ou

seja, os democratas exercem pluralidade, discordâncias e questionamentos entre si, enquanto os republicanos são engajados uníssonos em suas pautas e representações. Esse movimento é visto como uma estratégia que enfraquece democratas, de acordo com Roberts (2010). Em 2010, esse fenômeno político é nomeado e, com isso, surge o conceito de pós-verdade, mas que posteriormente seria levado para a comunicação e outras áreas do conhecimento.

Voltando para a temática principal do trabalho e fazendo um paralelo com a estratégia política de Bolsonaro, trata-se de uma operação muito semelhante. Bolsonaro continuamente foi oposição. Assumindo o cargo de presidente ou não, o seu comportamento é o mesmo. Trata-se de negar a existência e o diálogo. Existe um padrão em sua ação e comunicação. A lógica da pós-verdade de Bolsonaro é reativa e sem registros de proposição. Porém, essa mesma reação passa pela desinformação e cria pautas morais nas quais o conflito é fixado.

É nessa articulação de conflitos que se pretende desenvolver uma discussão e mapear a estratégia entre o que Bolsonaro fala em seu perfil no Twitter e o que faz em sua política prática enquanto gestor do Estado brasileiro. Relembrando Shannon (1948), primeiramente a premissa *b*, “os problemas semânticos relacionados ao significado de verdade”, embasa a necessidade de analisar o Twitter e a produção de pós-verdade na plataforma, pois Bolsonaro, aparentemente, não trabalha com a verdade. Na sequência, a premissa *c*, “problemas influentes, relação entre o impacto e eficácia das informações sobre o comportamento humano”, será analisada através das ações de Bolsonaro e as consequências de sua política baseada em pós-verdade.

## 2.2 A DESINFORMAÇÃO

Uma das principais causas de morte pelo coronavírus no Brasil é o descaso em relação à qualidade do conteúdo preventivo e que acaba por gerar desinformação, conforme aponta o boletim *Direitos na Pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*<sup>5</sup> (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Portanto, estudar a desinformação é buscar compreender a atuação desse saber e, assim, refletir sobre possíveis motivos pelos quais ela se propaga ao trazer leituras e

---

<sup>5</sup> Ao decorrer do trabalho o documento será chamado de “boletim Direitos na Pandemia”.

autores da área da filosofia da informação. Portanto, neste capítulo, o principal objetivo é definir e entender a desinformação.

Para Freelon e Wells (2020), a desinformação é uma ferramenta política, sendo difícil a identificação de suas consequências através de uma perspectiva objetiva. Tendo em vista esse ponto, a abordagem deste trabalho se propõe a discutir a desinformação durante a pandemia do coronavírus como um saber da necropolítica (MBEMBE, 2018), ou seja, um conhecimento que tem como objetivo causar a morte de pessoas, ou ao menos assume o risco que isso seja possível.

Para isso, busca-se conectar diferentes fontes e áreas do conhecimento com a intenção de apresentar a desinformação como uma estratégia política articulada nas redes sociais digitais. Ainda, ao discutir o conceito de desinformação é necessário apontar que esse assunto não é novo. Para Floridi (1996), por exemplo, a desinformação sempre existiu em veículos de massa como o rádio, a televisão e outros meios de comunicação com larga escala de propagação, logo, na *internet* não seria diferente.

O artigo “Brave.Net.World: the Internet as a disinformation super highway?” aponta a *internet* como um bem de consumo que durante determinado período de tempo, mais precisamente a década de 1990, foi um item restrito a um grupo específico de pessoas e ainda não tinha se tornado popular. Nesse artigo, Floridi (1996) afirma que seria necessário pensar em como qualificar a *internet* e evitar que ela fosse um meio de desinformação ao se tornar popular. Além disso, ele também pondera sobre como é necessário perceber que a desinformação passa pelo número de pessoas e tem relação direta com o número de agentes informantes, ou seja, o número de pessoas que podem influenciar umas as outras. Em uma perspectiva de futuro, o artigo de Floridi (1996, p. 1)<sup>6</sup> aponta para três perguntas de base para o futuro da *internet*:

i - a Internet também se tornará uns meios poderosos de desinformação em formação?

E se for assim:

ii- a desinformação gerada por meio da Internet será diferente de outras formas de desinformação geradas por meio do papel e da mídia de radiodifusão?

E finalmente:

iii - se a Internet pudesse se tornar um meio poderoso de desinformação, há algo que pode ser feito para evitar este particular problema ou para resolvê-lo?

---

<sup>6</sup> Tradução livre realizada pelo autor.

Portanto, a primeira pergunta proposta por Floridi no artigo serve como base para pontuar que a *internet* não garante a popularização da informação qualificada e verificada. A mesma lógica vale para redes sociais durante a pandemia. Fazendo um paralelo, um exemplo dessa afirmação é o relatório *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil relatório, resultados e estratégias de combate* (RECUERO, 2021). No documento, os pesquisadores apontam para a preocupação em relação à fonte de informação dos brasileiros ser as redes sociais digitais. Conforme estudo, existem mais 140 milhões de brasileiros presentes nas redes sociais (PANDEMIA..., 2020) e que utilizam as plataformas sociais como principal referência para informações.

A segunda pergunta propõe pensar a desinformação na *internet* e como ela é diferente em relação aos outros meios de comunicação. Em redes sociais digitais, a principal característica é o número de agentes que produzem informação e que acabam por gerar uma descentralização da informação. A *internet* como um todo é descentralizada, mas levando em conta o consumo de informação por redes sociais essa situação é potencializada porque cada pessoa possui um potencial de influenciar e ser influenciado, diferente de um site de notícias ou de um *blog*, por exemplo.

A terceira pergunta é sobre a *internet* se tornar um poderoso meio de desinformação, o que poderá ser feito para evitar esse problema ou para resolvê-lo. Para pensar sobre o que pode ser feito em relação à desinformação é necessário organizar o tipo de desinformação e pensar nas classificações existentes para esse conteúdo. Nesse sentido foi escolhido o relatório do Conselho da Europa *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*<sup>7</sup> (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), conforme citado no subcapítulo anterior, para guiar essa tarefa.

Cabe reforçar que a escolha desse material se justifica por ele propor uma classificação atualizada em relação à desinformação, além de ser citado no relatório *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate* (RECUERO, 2021) e no *Relatório internet, desinformação e democracia* (PARAJO *et al.*, 2020). Com base nesses materiais serão abordados os principais conceitos de desinformação e suas consequências para a democracia no campo da saúde pública.

---

<sup>7</sup> Em tradução livre do autor: “Transtorno da Informação: Rumo a um quadro interdisciplinar para pesquisa e formulação de políticas”.

## 2.3 TIPOS DE DESINFORMAÇÃO

Pensar desinformação através do relatório do Conselho da Europa (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) permite classificar a desinformação em três grandes categorias: a) desinformação não intencional; b) desinformação intencional; e c) informações más – conforme a Figura 2. Destaca-se aqui que a tradução dos termos foi realizada pelo autor do presente trabalho, logo, existe uma perda de significado do idioma original, em inglês. Por exemplo, *mis-information* foi traduzido para desinformação não intencional; *disinformation* foi traduzido para desinformação intencional. O motivo dessa escolha é que *mis-information* não é prejudicial ou danoso, trata-se de uma informação incompleta ou fora de contexto, entretanto *disinformation* pode levar ao desconhecimento e à produção de conteúdos mentirosos, conforme a definição dos autores (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Esse entendimento é importante porque mostra uma intersecção entre diferentes tipos de desinformação e apresenta a dificuldade de classificação em alguns casos, pois, muitas vezes, a desinformação é encontrada em uma zona cinza com diversas nuances.

Figura 2 – Imagem sobre a classificação da desinformação



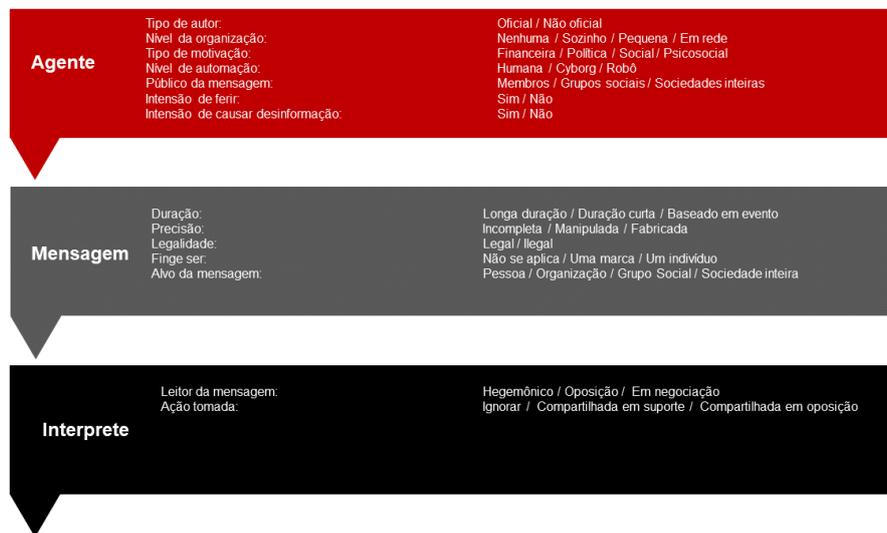
Fonte: Traduzida pelo autor de Wardle e Derakhshan (2017).

De acordo com o relatório (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), as desinformações não intencionais ocorrem quando o conteúdo é falso e compartilhado, mas não é proposital que isso seja feito. Por outro lado, a desinformação intencional

é o ato de compartilhar as mensagens ou as informações falsas com a finalidade de prejudicar e de causar impacto negativo. Por fim, más informações é quando um conteúdo autêntico de ódio é compartilhado com a finalidade de impactar negativamente.

Sobre os elementos da classificação, é necessário analisar separadamente a figura de *agente*, *mensagem* e *intérprete* conforme a Figura 3.

Figura 3 – Imagem sobre os elementos envolvidos na desinformação



Fonte: Traduzida pelo autor de Wardle e Derakhshan (2017).

Por fim, é necessário dividir a fase da desinformação, que pode ser: a) criação; b) reprodução; c) ou distribuição. De acordo com o documento, é preciso separar o agente que cria a informação, o agente que vincula isso em alguma mídia e, por fim, o agente que distribui conforme a Figura 4.

Figura 4 – Imagem sobre as fases de desinformação



Fonte: Traduzida pelo autor de Wardle e Derakhshan (2017).

A fim de exemplificar esse conteúdo desinformativo será utilizado um *tweet* de Jair Bolsonaro postado em seu perfil pessoal durante o primeiro semestre de 2020 em que ele cita a palavra “cloroquina” no texto exposto. A escolha para ilustrar se dá, em especial, pelo fato de que Bolsonaro é o objeto de análise do trabalho. Outro ponto, conforme apontam Recuero e Soares no artigo “O Discurso Desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter” (RECUERO; SOARES, 2020a) é o fato e que Bolsonaro influenciou no debate público ao afirmar que cloroquina curava os pacientes de coronavírus.

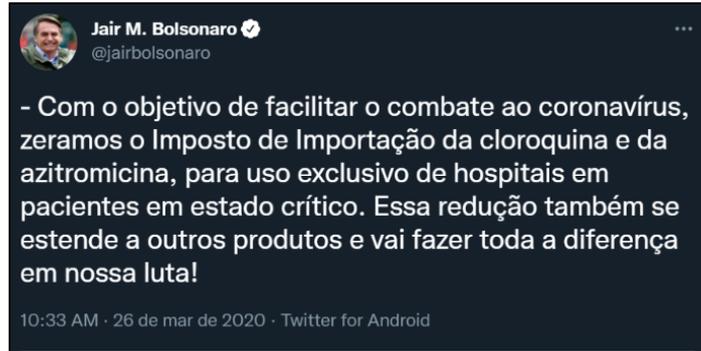
Para contrapor em relação à prioridade, Bolsonaro citou a palavra “cloroquina” em 30 *tweets* dos 1.461 *tweets* publicados no primeiro semestre de 2020.<sup>8</sup> Pode parecer pouco, mas a palavra “máscara” Bolsonaro utilizou apenas 16 vezes e vacina apenas oito vezes. Por fim, ainda traçando um paralelo, o número de vezes que Bolsonaro utilizou a palavra “exército” foi de 35 vezes.

Exemplificando a utilização da cloroquina na sua narrativa de desinformação, temos o primeiro *tweet* do dia 26 de março de 2020, sendo que a Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou um documento no dia 7 de março de 2020 informando que cloroquina não era eficaz para o tratamento do coronavírus (NO CASES SPORADIC CASES CLUSTERS OF CASES COMMUNITY TRANSMISSION, 2020b). Logo, evidencia-se que Bolsonaro contribuiu para a desinformação em relação ao coronavírus através de seu perfil pessoal e fez isso por meio da desinformação intencional.

Figura 5 – Tweet do dia 26 de março de 2020, primeira vez que Bolsonaro cita em texto a palavra cloroquina no seu perfil

---

<sup>8</sup> O banco de dados da pesquisa conta com todos os *tweets* de Bolsonaro entre os dias de 23 de março de 2020 e 7 de julho de 2021, totalizando 8203 *tweets*. Desses, 1.461 aconteceram entre 1º de janeiro de 2020 e 7 de julho de 2021, período que foi utilizado como recorte para a análise apresentada nesse parágrafo.



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1243169243589476353>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Quadro 1 – Exemplo de classificação da Figura 5

<b>Agente</b>						
<b>Tipo de autor</b>	<b>Nível da Organização</b>	<b>Motivação</b>	<b>Nível de automação</b>	<b>Público da Mensagem</b>	<b>Intenção de ferir</b>	<b>Intenção de causar desinformação</b>
Oficial	Em rede	Política	Humana	Sociedade inteira	Sim	Sim
<b>Mensagem</b>						
<b>Duração</b>	<b>Precisão</b>	<b>Legalidade</b>	<b>Finge ser</b>	<b>Alvo da Mensagem</b>		
Curta duração	Manipulada	Legal	Não se aplica	Sociedade Inteira		
<b>Intérprete</b>						
<b>Como a mensagem foi interpretada?</b>	<b>Qual ação foi tomada? É a reprodução da mensagem?</b>					
*Não se aplica	*Não se aplica					

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Conforme a classificação da desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), presente no Quadro 1, o conteúdo do *tweet* disponível na Figura 5 é de uma fonte oficial que utiliza a sua rede de seguidores no Twitter para propagar informações de cunho político. Bolsonaro é um político, chefe de estado, que influenciou o país inteiro durante a pandemia e, propositalmente, tinha interesse em ferir pessoas e causar desinformação se utilizando do coronavírus como pauta política em sua constante reação aos fatos. Todos esses aspectos dizem respeito ao *agente*. Na etapa de análise do presente trabalho, esse quadro tende a sofrer adaptações, mas o objetivo seguirá sendo o mesmo: classificar e mapear a estratégia de desinformação executada por Bolsonaro. As evidências estão apresentadas no boletim Direitos na Pandemia (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), documento-base do presente trabalho.

Sobre a mensagem presente no *tweet*, trata-se de um conteúdo de curta duração por se tratar de um *tweet* com poucos caracteres e que é manipulado, pois Bolsonaro realmente reduziu os impostos sobre os produtos que foram comprovadamente ineficientes para o combate à pandemia. Com isso, passa uma

ideia de eficiência do estado em relação ao combate, mas possivelmente desinformativa porque reduzir os impostos sobre a cloroquina é subsidiar um remédio que até o presente momento não se mostrou eficiente para o coronavírus, mas dentro da lei, um exemplo de pós-verdade na política.

Esse exemplo é necessário para evidenciar a necessidade de separar as afirmações e o conteúdo da frase para classificar como desinformativo não intencional, desinformativo intencional ou nocivo. O conteúdo desse *tweet* é um exemplo de como Bolsonaro sistematicamente desinformou intencionalmente e foi um gestor propositalmente ineficiente durante a pandemia (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) com a finalidade de criar uma narrativa paralela.

Sobre as classificações, o relatório aponta para a necessidade de definir e de conceituar a desinformação. Trata-se de evitar o termo *fake news* e propor análises mais detalhadas para a origem, o objetivo e o alvo da desinformação. De acordo com o relatório (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), um dos principais motivos para a estagnação em relação ao combate à desinformação é a ausência de classificação e rigor de classificação. Dessa forma, em uma perspectiva de crítica construtiva, o presente capítulo tem como um de seus objetivos apresentar a desinformação no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter como um saber da necropolítica (MBEMBE, 2003), temática que será aprofundada no próximo subcapítulo.

Pensando em combater a desinformação o relatório propõe analisar os seguintes aspectos: a) necessidade de criar definições conceituais sobre desinformação; b) implicações para a democracia; c) papel da televisão em aprofundar discussões da *internet*; d) compreender como a mídia independente pode ser enfraquecida pela desinformação; e) criar campanhas segmentadas contra a desinformação; f) ampliação da verificação de conteúdo massivo através de tecnologias g) estabelecer diálogo com públicos que estejam restritos a bolhas sociais; h) e apoiar o aprendizado constante em relação à comunicação com base na experiência.

De acordo com o *Reuters Institute Digital News Report 2020* (NEWMAN *et al.* 2020), o Brasil tem como principal fonte de informação as redes sociais e isso faz com que o debate público seja pautado por plataformas que colocam em evidência determinado conteúdo ou suprimem. Nesse ponto, pode-se considerar que os algoritmos são os principais responsáveis pela distribuição do conteúdo *online* atualmente e acabam por segmentar o público e reforçar tendências de polarização

política. Esse elemento é somado à pós-verdade (BUCCI, 2018) e, conseqüentemente, os fatos perdem valor no contexto *online* onde as opiniões são mais relevantes.

Em uma investigação sobre o cenário brasileiro, o *Relatório internet, desinformação e democracia* (PARAJO *et al.*, 2020) aponta que a legislação é frágil e traz para discussão a necessidade de criar leis mais aplicadas para o contexto *online* de desinformação e a necessidade de mecanismos públicos para regulamentar e responsabilizar os criadores desse tipo de conteúdo. Porém, destaca-se aqui a questão paradoxal sobre a necessidade de criar leis por políticos que, muitas vezes, são eleitos através dessa flexibilidade.

Por exemplo, a ideia de Bolsonaro utilizar o aparelho do estado para criar leis que sejam contra a desinformação é pouco provável. Para ele, enquanto presidente e gestor da máquina pública, não seria razoável prejudicar uma estratégia de política que não possui regulamentação. Analisando o histórico de Bolsonaro, para sua campanha, a ausência de leis rígidas no meio digital é benéfica porque favorece o exercício de práticas questionáveis.

Observando a perspectiva de ações e de políticas concretas durante a pandemia, pode-se considerar que o governo Bolsonaro flexibilizou leis através de atos normativos, permitiu obstrução da justiça e criou propagandas em favor do governo (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Todos esses elementos sem justificativa científica ou embasadas, mas foram colocados em prática pelo estado.

Essa política sem embasamento científico, arbitrária e que assume o risco de que parte da sua população morra pode ser chamada de necropolítica (MBEMBE, 2018). A escolha por esse conceito se dá pelo fato de que o Brasil é um país extremamente desigual socialmente e racialmente. Conseqüentemente, a pandemia impacta muito pouco determinados grupos sociais de acordo com o dinheiro envolvido e a sua cor. Assim, na sequência, será trabalhado o conceito de necropolítica por meio de argumentos e exemplos. Ressalta-se, contudo, que o olhar do presente trabalho é voltado à área da Comunicação.

#### 2.4 A NECROPOLÍTICA ENQUANTO SABER DA COMUNICAÇÃO

O conceito de necropolítica (MBEMBE, 2018) tem como princípio a ideia de que as escolhas de cada governo legitimam e definem a sua política em relação às

condições sobre as quais sua população vai viver e, conseqüentemente, ele é válido para a morte ou deixar morrer. Por exemplo, Bolsonaro escolheu falar sobre cloroquina e deslegitimar protocolos de saúde indicados pela OMS e amplamente adotados em diferentes contextos enquanto líder político (ORTEGA; ORSINI, 2020). Essa escolha é um exemplo de necropolítica, de acordo com o conceito, pois expõe a população ao risco de morrer em função do estímulo ao uso de um medicamento comprovadamente ineficiente para a prevenção ou tratamento da COVID-19 (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021).

O presente trabalho não tem a intenção de discutir as leis ou os efeitos de atos normativos e de obstruções da justiça que caracterizam a necropolítica. Entretanto, existe o interesse de apontar estratégias de propagandas que utilizam desinformação por parte de Bolsonaro no seu perfil do Twitter sobre a área da saúde. Com isso, atos normativos e documentos auxiliam como evidências para analisar a gestão do governo sobre a pandemia, e o mesmo vale para a propaganda. Portanto, busca-se por meio de mapeamento com base na desinformação, que é uma característica de Bolsonaro, entender como ela (a desinformação) aparece enquanto estratégia de conflito permanente em seu perfil do Twitter (NETO, 2019), aspecto latente na campanha eleitoral de 2018, mas não somente nela.

Os *tweets* analisados nesta pesquisa permitem afirmar que a estratégia discursiva de Bolsonaro é de permanente conflito, mas em um sentido de guerra. Por exemplo, a palavra “guerra” é utilizada por Bolsonaro 36 vezes em seu perfil no Twitter.<sup>10</sup> A primeira vez que citou guerra foi em 2014, no contexto de uma disputa com o Partido dos Trabalhadores (PT) para a presidência da Comissão de Direitos Humanos, de acordo com a Figura 6. Posteriormente, existiram outras 20 citações que são exaltações de militares na Segunda Guerra Mundial ou de pautas da segurança pública utilizando uma palavra que, muitas vezes, está fora de seu contexto original: para Bolsonaro, a palavra “guerra” é uma expressão que representa e legitima sua posição.

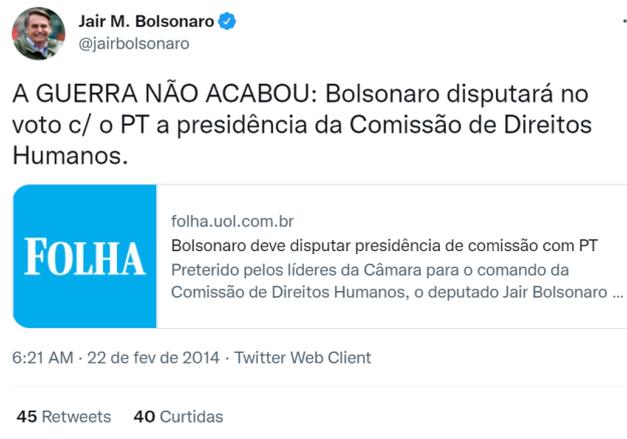
A escolha da palavra “guerra” evidencia as pautas escolhidas por Bolsonaro e como ele lida com essas situações. Para Bolsonaro, é natural que determinados grupos sociais mereçam morrer. Isso aparece, principalmente, quando são analisadas suas falas contra grupos minoritários e direitos humanos (NASCIMENTO *et al.*, 2018),

---

<sup>10</sup> O total de *tweets* de Jair Bolsonaro entre 31 de março de 2010 e 1 de julho de 2020 é de 8.204, conforme o banco de dados utilizado para essa análise.

em que ele se posiciona como alguém que luta, briga ou está em guerra. Sua retórica, expressões e origem militar deixam essa narrativa em evidência.

Figura 6 – Exemplo de *tweet* do Bolsonaro ao falar sobre guerra



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>11</sup>

Destaca-se aqui um ponto relevante e que reflete a gestão de Bolsonaro sobre a saúde pública durante a pandemia do coronavírus. Bolsonaro possui falas contra mulheres e minorias (NASCIMENTO *et al.*, 2018), mas tem o interesse em ser presidente da Comissão de Direitos Humanos. Essa disputa protagonizada em 2014 é uma demonstração sobre como a máquina pública pode ser utilizada contra determinados grupos. A fala de Bolsonaro visa assumir a Comissão de Direitos Humanos, mas não existe um objetivo claro ou uma ação bem definida sobre o tema e sim uma retórica de guerra permanente.

Essa retórica leva ao argumento de “deixar morrer ou escolher quem vive e quem morre”, parte da discussão da necropolítica apresentada por Mbembe (2018). De acordo com o autor, o Estado é responsável pelo que faz ou deixa de fazer. Traçando um paralelo, a não ação de Bolsonaro pode ser tão nociva quanto a sua ação, mesmo que em discurso. Por exemplo, a ausência de informação de qualidade na gestão de Bolsonaro durante a pandemia é um exemplo de não ação. Em contraponto, o excesso de desinformação é um exemplo de ação.

Ambas as estratégias possuem como base a pós-verdade, momento em que os fatos não são levados em consideração para a construção de medidas efetivas. O

<sup>11</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/437155106304557056>. Acesso em: 20 mar. 2022.

objetivo da seção é apresentar a pós-verdade como uma linha de raciocínio que pode ter como consequência a necropolítica. Trata-se de um caminho possível para a análise da desinformação no perfil de Bolsonaro no Twitter. Ou seja, uma perspectiva de que a pós-verdade e a desinformação podem ser consideradas a validação da razão de determinados sujeitos políticos, assim como o discurso comunicacional de Bolsonaro, cuja finalidade aparentemente é criar mecanismos de deixar morrer ou que promovam a morte.

Por exemplo, para Mbembe (2018), a razão é a racionalidade, enquanto a desrazão é a paixão e a fantasia. De acordo com o autor, a razão é a verdade do sujeito, e a política seria o exercício da razão na esfera pública. Assumindo que a razão de Bolsonaro não seja a verdade iluminista ou kantiana, mas sim a pós-verdade, pode-se considerar que a política de Bolsonaro é a pós-verdade exercida na esfera pública. O exercício dessa razão seria o equivalente ao exercício da liberdade.

Nessa linha, para Mbembe (2018), existe uma preocupação em considerar a liberdade tão importante quanto a razão do Estado para sua autonomia e, conseqüentemente, soberania. Entretanto, se analisarmos Bolsonaro e sua política, existe o exercício da razão e da liberdade com a finalidade de que o Estado seja reconhecido como soberano, mas sem corresponder as responsabilidades dessa soberania. Interpretando Mbembe é possível afirmar que autonomia do Estado pressupõe liberdade, enquanto soberania é um projeto político de controle baseado na razão política do governo.

Para Bolsonaro, o projeto central de seu governo durante a pandemia tinha como objetivo não deixar a economia parar e por esse motivo reivindica a soberania do estado. Bolsonaro retirou a possibilidade de escolha para alguns grupos, ou seja, a liberdade, e por esse motivo existe uma instrumentalização generalizada de grupos marginalizados cuja finalidade era diminuir uma crise econômica. O projeto de Estado de Bolsonaro passa pela centralização do poder.

A construção de raciocínio sobre soberania para Mbembe é prioritária porque se preocupa com a instrumentalização da existência humana e a destruição material de corpos humanos e de populações (MBEMBE, 2018). Fazendo um paralelo com a gestão de Bolsonaro, não existem registros de preocupações relacionadas à pandemia, mas existem registros de que a economia seria uma prioridade e de que seria natural pessoas morrerem se estivessem servindo ao objetivo de salvar a economia.

Essas considerações se fazem pertinentes para compreender em que medida a soberania de Bolsonaro, através de atos normativos e jurídicos, promoveu a necropolítica. O resultado dessa construção de soberania exercida por Bolsonaro é a expressão do direito de decidir quais populações podem morrer e são colocadas em situações de deixar morrer. Por exemplo, Bolsonaro reivindicou ser soberano para determinar através de leis quais seriam as condutas durante a pandemia e criticou a autonomia dos estados da federação e dos municípios garantidas pelo Supremo Tribunal Federal, medida que só aconteceu pela fragilidade da soberania federal que não priorizou as vidas.

A expressão do direito de matar pode ser percebida na pesquisa em questão, como o exercício da soberania da política de Bolsonaro, que é legitimada através do exercício da razão de Bolsonaro, conseqüentemente, o exercício da pós-verdade. Aprofundando a discussão, o presente subcapítulo apresenta os laços entre a comunicação baseada em pós-verdade e sua relação com a necropolítica (MBEMBE, 2018) durante o primeiro semestre de 2020, uma forma de política que assume a morte como parte integrante do governo e que tem a origem do seu conceito ligada a duas palavras: biopoder e biopolítica (FOUCAULT, 1998).

Para Mbembe (2018), o biopoder de Foucault é insuficiente para a compreensão da relação de vida e de morte dentro de uma sociedade. Para isso, ele cunhou os termos necropolítica e necropoder. Necropolítica é um conjunto de regras que determinam quem pode viver e ter as melhores oportunidades e, ao mesmo tempo, expõe uma parcela da população à morte, enquanto necropoder é o exercício dessa política de morte.

Fazendo um paralelo, de acordo com o conceito de Foucault (1998), biopoder é o exercício de uma técnica que busca criar um ambiente específico de vida que coloca determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis. Em contraponto, necropoder é o exercício de uma política que mata um determinado grupo de pessoas. Para Mbembe (2018), o racismo é um exemplo de política de estado que visa à morte da população negra.

O biopoder de Foucault (1998) seria a ideia de pessoas que merecem viver ou morrer enquanto o necropoder seria a racionalização de quem deve morrer. Nessa lógica, Bolsonaro utiliza a comunicação como discurso para afirmar quais são os seus públicos prioritários e que merecem atenção, entre eles estão os militares. Bolsonaro dobrou o número de militares em postos civis entre 2018 e 2020 no governo federal

(LIS, 2020). Nessa mesma lógica, Bolsonaro teve falas contra a existência de determinados grupos sociais ao longo de sua trajetória enquanto político e ganhou espaço por isso.

A trajetória de Bolsonaro é essencialmente marcada por episódios de xenofobia, racismo, misoginia e falas contra direitos humanos (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Esses discursos tornam Bolsonaro um político que aceita a morte como parte de sua política, assim como a violência contra determinados grupos. Analisando a comunicação de Bolsonaro como razão, pode-se considerar que ele utiliza a desinformação como base de sua legitimidade, pois é através dela que Bolsonaro foi eleito e teve acesso à soberania do Estado. Bolsonaro enquanto presidente representa conservadores, racistas, homofóbicos e uma série de grupos que encontram nele uma projeção de representação.

Essa soberania, para Foucault (FOUCAULT, 2005), é a base de todo Estado moderno, assim como para Mbembe (2018). Logo, todos Estados modernos possuem autonomia para exercer direito de matar (FOUCAULT, 2005). Ainda sobre essa lógica, ambos (MBEMBE, 2018; FOUCAULT, 2005) apontam o Estado nazista<sup>12</sup> como o exemplo máximo de fusão entre guerra e Estado. Ou seja, o racismo, o homicídio e o suicídio são incorporados ao Estado ao ponto de não ser possível distinguir uns dos outros e isso faz com que o nazismo seja único.

Esses elementos do nazismo o caracterizam e o tornam único. O nazismo só existiu na Alemanha de Adolf Hitler, ou seja, não existe outro governo nazista. Entretanto, existem características fascistas que tornam possíveis a comparação com Bolsonaro. Para Umberto Eco (2018), o conceito de ur-fascismo engloba 14 características que permitem identificar um governo com esses elementos – que serão citadas em seguida para exemplificar essa comparação. Assim, não existe apenas um modelo de ur-fascismo, existem características do mesmo e suas adaptações (ECO, 2018). Por esse motivo, ele está sempre presente no cotidiano e mudando sua apresentação.

A escolha por Umberto Eco é pela sua capacidade de síntese em relação às características do fascismo e, também, ao fato de ele ter vivenciado o período de

---

<sup>12</sup> Movimento político datado da década de 1920, liderado por Adolf Hitler, desenvolvido na Alemanha, caracterizado pelo preconceito, racismo, antissemitismo e eugenia. FERNANDES. Cláudio. Nazismo. *In: História do Mundo*. [S. l.]: [c2022]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>. Acesso em: 22 abr. 2022.

acordo com o livro *O fascismo eterno*<sup>13</sup> (ECO, 2018). Para Eco, um governo ur-fascista pode não ter as 14 características, mas basta um dos elementos para que seja iniciado um potencial movimento fascista. Para pontuar e citar, as características são:

- a) a primeira característica do ur-fascismo é o culto a tradição e como consequência não permite o avanço do conhecimento. Espera-se que a verdade seja imutável. Por exemplo, o fato de Bolsonaro misturar crenças religiosas com suas falas é um exemplo desse movimento, exemplo disso é o *tweet* do dia 3 de maio de 2016 em que Bolsonaro cita um versículo de João em que afirma “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”<sup>14</sup>;
- b) existe a recusa da modernidade para autores e escritores, mas partidários do movimentam fazem uso da tecnologia e gostam da evolução em termos materiais, por esse motivo o fascismo pode ser caracterizado como irracionalismo. No nazismo, de acordo com Eco, o iluminismo e a razão eram vistos como uma depravação moderna. Fazendo um paralelo, Bolsonaro tem um *tweet*<sup>15</sup> em que ele afirma sobre a Universidade ter virado um ambiente de militantes do PT, PSOL e Rede. Essa lógica de apontar a universidade como ambiente de depravação é semelhante ao movimento que o nazismo realizou;
- c) ação pela ação é uma consequência do irracionalismo, caracteriza-se pela beleza da ação em si e sem reflexão. No caso de Bolsonaro esse comportamento pode ser observado quando está próximo de seus eleitores, por exemplo ao chutar um boneco que representa Lula e está representado em *tweet*<sup>16</sup> no seu perfil;
- d) de acordo com a característica apontada por Eco, desacordo em relação ao grupo fascista é traição. Esse ponto explica a radicalização constante da base apontada por Recuero (2021) no documento sobre a desinformação durante a pandemia;
- e) parte do fascismo é a repulsa em relação a diversidade. Sendo assim, racismo é parte integrante do fascismo. Esse elemento pode ser observado nas

---

<sup>13</sup> Destaca-se aqui que *O fascismo eterno* é o nome do livro de Umberto Eco e que ao decorrer do trabalho será utilizado apenas o termo ur-fascismo para referenciar os conceitos do autor sobre a ideologia do fascismo.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/727618002737348608> . Acesso em: 30 abr. 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/879702023767289856/photo/1> Acesso em 30 de abr. 2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1239284761643925505>. Acesso em: 15 fev. 2022.

falas de Bolsonaro e que foram destaque na imprensa entre 1987 e 2017 (NASCIMENTO *et al.*, 2018);

f) o ur-fascismo vem da frustração da classe média de forma individual ou coletiva. Esse movimento explicaria a eleição de Bolsonaro em 2018 pelo fato de que foram anos de pautas sociais e de grupos minoritários que tiveram acesso à universidade e diversas políticas de inclusão. Bolsonaro historicamente buscou dialogar com diversos grupos conservadores (NUNES, 2017; SOUSA, 2019) que perderam identificação ou nunca se identificaram com os valores dos governos do Partido dos Trabalhadores e por esse movimento de alguma forma sentiam medo (CHAGAS; MODESTO; MAGALHÃES, 2019);

g) base da campanha de Jair Bolsonaro, o nacionalismo é um elemento básico do ur-fascismo. Essa característica explica como o ur-fascista busca inimigos internos e externos através de uma lógica de conspiração, trata-se de uma lógica de criar um medo em comum e alimentar esse sentimento (CHAGAS; MODESTO; MAGALHÃES, 2019). Além disso, Bolsonaro recorre ao histórico militar e nacionalista para atribuir tradição e destacar o nacionalismo através do patriotismo (FILHO, 2021), exemplo disso são as cores verde e amarela que sempre estão presentes em sua identidade visual;

h) os ur-fascistas se sentem humilhados pela riqueza de seus inimigos e também pela sua força. Nessa lógica, busca-se manter a ideia de que os inimigos são, ao mesmo tempo forte e fracos. Exemplo disso é que Bolsonaro sempre alimenta o conflito permanente e principalmente em relação ao inimigo interno que pode ser considerada a esquerda (NETO, 2018);

i) a própria lógica de conflito permanente pode ser identificada como uma característica do ur-fascismo em sua essência. Para Eco (2018), no ur-fascismo não existe luta pela vida, mas sim vida para a luta. Resgatando Mbembe (2018), é possível considerar que Bolsonaro vê em seus eleitores uma lógica utilitarista da vida em que é necessário lutar o tempo todo. Por exemplo, ao Bolsonaro falar que é necessário enfrentar o vírus como um homem e não como moleque (FERRAZ, 2020), uma frase simples, mas que carrega o significado do conflito em sua essência;

j) o ur-fascismo tem como característica o elitismo popular, todos que fazem parte do grupo são melhores e esse sentimento é alimentado pelo líder, trata-

se de um sentimento de unidade. Essa característica consiste na debilidade do povo e fragilidade de sua capacidade crítica, trata-se do povo entregar sua liberdade na mão de um “dominador”. Por exemplo, apoiadores de Bolsonaro utilizaram placas de “eu autorizo” (SANTOS; PITOMBO, 2021) fazendo uma analogia a ideia de autorizar golpe militar, característica de entregar a liberdade em nome de uma possível “ordem” ou organização social mais rígida e que caracteriza o fascismo;

k) de acordo com essa característica, todos são educados para ter a ideia de herói como objetivo. Para Eco (2018), heroísmo é uma norma e o culto ao heroísmo está ligado diretamente a morte. Esse movimento explicaria a narrativa de Bolsonaro ser chamado de mito e criar a perspectiva de que o vírus é uma gripe irrelevante ou desprezível. Ser herói, mito ou Messias é um dos elementos centrais das características de propagandas ligadas a Bolsonaro, principalmente depois que tomou a facada durante as eleições de 2018. Esse acontecimento aumentou a popularidade de Bolsonaro em função da comoção população e foi amplamente explorado pela campanha de Bolsonaro (VINHAS, 2019);

l) o ur-fascista busca transferir a sua vontade de poder para questões que estejam relacionadas a sexualidade. É essa característica que promove a homofobia, machismo e cerceamento de qualquer diversidade relacionada ao sexo. Como consequência, para Eco (2018), existe a necessidade de um falocentrismo baseado em armas e militarização. Nesse exemplo é possível resgatar o artigo que cita o histórico de Bolsonaro e sua fala contra minorias, exemplo de a pauta sempre esteve presente na retórica Bolsonarista (NASCIMENTO, 2018);

m) Para Eco (2018), o futuro do populismo qualitativo estaria presente na TV ou na internet. No caso de Bolsonaro, está presente de forma consistente na internet, exemplo disso é que após painelaços afirmou em um *tweet*<sup>17</sup> que jamais abandonaria o povo brasileiro ao qual deve lealdade absoluta. Nessa afirmação, Bolsonaro se posiciona como um intérprete do povo, característica típica de um ur-fascista para Eco. Esse posicionamento coloca Bolsonaro em uma posição de atender a “vontade comum”, destaca-se que essa foi uma

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240438417005129728>. Acesso em: 30 abr. 2022.

resposta para as críticas que vinha sofrendo durante a gestão da pandemia. Nessa mesma característica podem ser agregadas as manifestações de Bolsonaro no dia 15 de março de 2020 e que pedia pelo fechamento do Supremo Tribunal Federal (LINHARES *et al.*, 2020);

n) a última característica do ur-fascista é o léxico pobre e limitado do vocabulário. Por exemplo, Bolsonaro durante as eleições de 2018 foi chamado de burro e louco, mas isso não prejudicou sua trajetória, apenas favoreceu sua campanha (NOBRE, 2020). Esse exemplo pode ser identificado no discurso de Bolsonaro ao promover a guerra na política. Por exemplo, Bolsonaro não fala em respeito e diversidade de democracia o compartilhamento, trata-se de uma lógica simplista em que ao transformar a política em guerra só termina quando existir um único vencedor e esvaziar o debate público ou de sequestrar as pautas e virar manchete pelas polêmicas (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Com isso, o debate é reduzido a ideia de vencedor e perdedor, nesse ambiente, Bolsonaro ganha porque seu território está estruturado no conflito.

Os elementos listados acima serão relacionados no decorrer do trabalho e conforme os *tweets* apareçam, mas aqui servem como características de base da comunicação de Bolsonaro e que exemplificam as estratégias do projeto de poder de Bolsonaro. Graças a intolerância e recusa à ciência é possível afirmar que Bolsonaro sustentou a cloroquina, a ivermectina e demais medicamentos, sem comprovação científica. De certo modo, a desinformação apoiada por Bolsonaro é uma sofisticação da necropolítica porque é mais difícil de comprovar os seus efeitos.

Em um exemplo da burocracia aplicada ao Brasil, a legislação criada por Bolsonaro durante a pandemia para combate ao coronavírus é um exemplo de necropoder (MBEMBE, 2018) e que faz parte de um projeto de manutenção da economia acima das vidas. Lembrando, o Brasil é um país desigual e essa pressa para retomar a economia iria beneficiar uma elite e não necessariamente o país todo (DE JESUS, 2020).

Por exemplo, Bolsonaro foi com empresários conversar sobre a flexibilização de medidas em relação à pandemia (POMPEU; FREITAS, 2020) e não com médicos. Trata-se de um gesto que coloca a economia e as empresas acima das vidas. Esse discurso é um pacto entre fascistas e liberais (SILVA JÚNIOR; FARGONI, 2020) porque a economia é construída com base nos corpos mais vulneráveis e com menos recursos.

Ao analisar documento *Direitos na Pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil* (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), fica evidente a responsabilidade do Estado sobre o número de mortos por coronavírus, mas, ao mesmo, Bolsonaro usa o vírus como responsável pelas mortes e tenta se eximir de culpa. Na argumentação bolsonarista, as mortes são inevitáveis e fazem parte do risco necessário para a economia seguir funcionando.

Retornando ao conceito de necropolítica, entre as obras citadas por Mbembe (2018) está *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt (ARENDR, 2013). Ela afirma que existe um traço evidente na filosofia moderna assim como na prática e no imaginário político europeu: a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei e no qual a paz tende a assumir o rosto de uma “guerra sem fim”. Esse mesmo elemento faz parte do que Umberto Eco (2018) aponta no fascismo eterno: o conflito constante é parte do projeto de governo, não existe paz em um governo fascista.

Ao fazer o paralelo de guerra sem fim com o Brasil, pôde-se colocar a ideia de demonização da esquerda no imaginário conservador e, com isso, a guerra sem fim está justificada. Logo, a paz e a ordem só seriam instauradas por um governo de extrema direita. Essa argumentação é criada para evitar que exista outra alternativa para os conservadores. Bolsonaro foi eleito em 2018 com uma perspectiva de conflito constante com base em uma ideia que é alimentada pelo medo. Esse recorte sobre o medo foi evidenciado por Chagas, Modesto e Magalhães (2019). O estudo demonstra que o WhatsApp ocupa um papel central na discussão sobre a possibilidade de o Brasil virar a Venezuela, mas representa bem a pós-verdade colocada em prática e observada em falas contra a esquerda, algo que Umberto Eco (2018) define como a necessidade de criar um inimigo em comum para o fascismo.

Feito o paralelo anterior, é necessário citar um aspecto da obra de Arendt que não está no texto da necropolítica de Mbembe, mas que se relaciona com a pós-verdade em sua estrutura. Sabe-se que o contexto em que as ideias da autora são produzidas é anterior ao conceito de pós-verdade, mas isso não impede que haja semelhanças. De acordo com Arendt (2013, p. 209), existem práticas que são evidenciadas nas necessidades de regimes totalitários, ao buscarem criar argumentos aparentemente coesos e que assumem características reais. Esses, por sua vez, conseguem persuadir cientistas entusiasmados com a ideia de pregar para pessoas uma interpretação de mundo e não necessariamente ciência.

Sabe-se que Bolsonaro não é um ditador, mas sua fala e suas aspirações são autoritárias com a finalidade de exclusão de todos que se opõem aos seus argumentos. Exemplo dessa fala de Arendt na política de Bolsonaro é o fato de que diversos médicos foram posicionados como supostos cientistas e apoiaram a ideia de utilizar cloroquina e medicamentos ineficazes (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). A fala de Bolsonaro sobre medicamentos é contra a ciência e coloca em dúvida uma série de mecanismos de Estado e científicos com a finalidade de descredibilizar as instituições para fortalecimento próprio.

Em uma estrutura da soberania, é possível defender que cada Estado busca a sua legitimidade utilizando tecnologias militares, como pontua, por exemplo, o artigo “The tools of Empire: Technology and European Imperialism in the Nineteenth Century” (HEADRICK, 1981). Para o autor, cada estágio do imperialismo também envolveu certas tecnologias-chave, em alguns momentos foram armas, em outros momentos foram tecnologias de comunicação como o telégrafo. De acordo com Headrick (1981), essas ferramentas tinham o objetivo de produzir fronteiras, hierarquias e sustentar a classificação de pessoas de acordo com suas diferentes categorias para preservar imaginários culturais. Levando essas características em consideração é possível afirmar que a desinformação é uma tecnologia de guerra.

Para Mbembe (2018), estes imaginários culturais sustentados por tecnologias que mudam a história (HEADRICK, 1981) definem quem é descartável e que não é. Se considerarmos a desinformação de Bolsonaro uma política que produz imaginários, pode-se afirmar que sua produção de hierarquias se dá nesse imaginário cultural e assim se justifica. Ou seja, Bolsonaro não precisa provar a superioridade aos seus apoiadores, ela se dá através do imaginário cultural reforçado pela soberania de um Estado que o reconhece como presidente.

Além disso, a soberania do Estado brasileiro é caracterizada por uma série de intervenções militares que nunca foram punidas (SOUZA, 2019), conseqüentemente, existem valores ligados à disciplina e à ordem que refletem diretamente sobre quem merece viver e quem merece morrer. Essa estrutura de utilizar o Estado para validar sua autoridade é um mecanismo de necropolítica, pois Bolsonaro usa de forma recorrente o poder de decretos e leis de acordo com critérios arbitrários.

Por exemplo, o fato de que não existem dados sobre raça e cor nas análises da pandemia de COVID-19 (SANTOS, *et al.*, 2020) é necropolítica. A ausência de políticas públicas que reconheçam a desigualdade ou busquem mensurar a morte de

peças ou ter uma estimativa do número de pessoas negras mortas por COVID-19 pode ser considerado um projeto. De acordo com Santos *et al.* (2020), existe conhecimento de quais políticas e métodos deveriam ser adotados para garantir e resguardar a população negra, que é maioria entre o número de mortos. Porém, não existem medidas efetivas para essas políticas e essa negligência é uma das características da necropolítica.

Para Graham (2002), o controle de um povo se dá pelo controle de território no qual uma determinada raça ou povo exerce sua autonomia. Por exemplo, a situação em que o autor se baseia em sua análise é a da Palestina e com o controle exercido pelo exército israelense. De acordo com Graham, é proposital o urbicídio, ou seja, a destruição das cidades ocupadas por palestinos. Trata-se de um poder bélico exercido por Israel que destrói a capacidade de urbanização e crescimento da população palestina. Logo, essa destruição sistemática de cidades palestinas impede o crescimento da população e submete o povo palestino ao poder israelense.

Fazendo um paralelo com Graham (2002), Bolsonaro usou leis e decretos durante a pandemia para prejudicar povos indígenas, por exemplo. Principalmente em relação ao controle do território indígena, mesmo que não fosse em relação às cidades. O desmatamento de terras indígenas e o garimpo ilegal nessas terras são ações que prejudicam o meio ambiente e o bem-estar da população indígena por expor esse povo a situações de conflito (RAJÃO *et al.*, 2021).

Fazendo um paralelo, a ausência de fiscalização e não ação do governo em relação ao desmatamento é um exemplo de política institucional. Exemplo dessa necropolítica em comunicação é a fala do ministro Ricardo Salles na reunião ministerial de 22 de abril de 2020 em que foi defendida a ideia de “ir passando a boiada” em relação às pautas ambientais (MINISTRO..., 2020). Para o ministro, existia uma oportunidade de modificar leis e decretos para facilitar a exploração do meio ambiente.

Esta sistemática, de utilizar as leis e o poder para interesses pessoais sem mensurar os possíveis danos ao povo indígena, é a materialização do necropoder. A fala de Salles é sobre meio ambiente, mas desconsiderar o dano aos povos indígenas que ocupam regiões de preservação ambiental é um exemplo de controle do território e do controle dos corpos que ocupam aquela faixa de território.

Como exemplo objetivo em relação à pandemia e os povos indígenas, o governo federal, no dia 8 de março de 2020, apresentou um Plano de Contingência

Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus (COVID-19) em Povos Indígenas (BRASIL, 2020g.). Entretanto, o documento de Direitos na Pandemia (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) aponta para uma ação propositalmente incompleta e frágil porque não existia planejamento. Tratava-se de uma proposta de prevenção sem cronograma, prazos, entregas e objetivos específicos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Ou seja, era uma proposta sem responsabilidades ou capacidade de mensuração. Essa é apenas uma das documentações que indicam o descaso do governo de Bolsonaro.

Outro ponto destacado por Mbembe é a utilização de exércitos para manter o território ocupado. Essa lógica no governo Bolsonaro não é literal, mas acontece em duas frentes. Uma das frentes são os cargos de gestão em seu governo. Bolsonaro dobrou o número de cargos para militares que antes eram ocupados por civis (LIS, 2020). Além disso, facilitou o acesso às armas e promove o armamento de maneira ostensiva por parte da população e é o político que lidera o discurso em relação à posse de armas em defesa da vida, algo contraditório, mas que se tornou parte do seu projeto de governo (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018; NETA, 2020).

Por exemplo, o general Eduardo Pazuello, que assumiu o Ministério da Saúde (2020–2021), é um expoente de como o aparelhamento da disciplina militar proposta por Bolsonaro foi utilizada para criar um ambiente de obediência sem reflexão crítica. Parte dessa política é uma característica básica do ur-fascismo de Umberto Eco (2018), ou seja, Bolsonaro é um político com argumentos e inclinações ideologicamente fascistas, mas não é apenas isso, possui outros elementos que formam o seu discurso.

Além disso, conforme Neto (2019), existem milícias digitais que ocupam as redes e são responsáveis pela radicalização do debate. Bolsonaro tem o conflito permanente como estratégia-base para sua narrativa e nessa estratégia existe uma radicalização da base, que depende diretamente da criação de novos argumentos que não sejam reflexivos e sim reativos. Nesta lógica, Bolsonaro leva o conflito permanente para a *internet* e torna o Twitter um ambiente de disputa de narrativas.

A necropolítica enquanto saber da comunicação passa pela perspectiva de que a desinformação pode matar. Dessa forma, a desinformação como uma tecnologia de guerra, posiciona esse saber ao lado de outros instrumentos que também podem matar. A desinformação possui consequências que atualmente não podem ser medidas diretamente porque sua materialidade é subjetiva, a linguagem em si é

subjetiva. Porém, sabe-se que conteúdos que sejam contra a saúde pública podem matar ou deixar morrer, por esse motivo, pontuar a comunicação enquanto área de conhecimento que pode ser explorada pela necropolítica é fundamental para expandir a discussão sobre as consequências da desinformação.

Feitas as considerações sobre o paralelo da Necropolítica de Achile Mbembe e a gestão de Bolsonaro, é possível detalhar outros elementos dessa estrutura de desinformação. Entre esses, estão as postagens de Jair Bolsonaro no Twitter e, posteriormente, sua carreira enquanto político e militar. Essa lógica se faz necessária para justificar a escolha do Twitter como plataforma de análise e depois para apresentar o histórico de Bolsonaro, alguém que sempre flertou com a desinformação e o conflito.

### 3 COMO A DESINFORMAÇÃO DE JAIR BOLSONARO CIRCULA NO TWITTER

O presente capítulo tem a finalidade de discutir a desinformação no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. Em um primeiro momento é contextualizado o perfil de pessoas que consomem informação através de redes sociais digitais no Brasil. Após, tendo em vista a disponibilidade de acesso e circulação das informações, pública ou privada, agrupa-se em: desinformação em uma rede fechada, como o WhatsApp, e desinformação em uma rede aberta, como o Twitter.

A primeira parte tem como suporte os relatórios de Newman *et al.* (2020), (2020), Comitê Gestor de Internet no Brasil (2021), Recuero (2021a) e We are social e Hootsuite (2021). Os materiais auxiliaram no mapeamento do perfil de consumo da desinformação no Brasil e na identificação de quais as características dessa desinformação no Twitter.

A segunda parte desse capítulo consiste em estudar os *tweets* do perfil de Jair Bolsonaro entre 2010 e 2020, tendo como base os principais *tweets* de cada ano, com a finalidade de pesquisar o discurso dessas micropostagens, levando em consideração o histórico de pautas políticas pelas quais o político ficou reconhecido (NETO, 2019).

Por fim, o último subcapítulo examina as principais menções de Bolsonaro no primeiro semestre de 2020. Essas menções foram agrupadas em áreas, ministérios e áreas de atuação do governo federal. O objetivo desse subcapítulo é evidenciar as prioridades entre os ministérios com o propósito de apresentar em qual cenário os comentários sobre saúde serão feitos.

#### 3.1 A ESCOLHA DO TWITTER COMO PLATAFORMA DE ENGAJAMENTO PARA O DISCURSO DE DESINFORMAÇÃO

O perfil de consumo de notícias no Brasil aponta que existem 211 milhões de pessoas consumidoras de informações (notícias) no país. Dessas, 71% possuem acesso à *internet*, de acordo com o *Reuters Institute Digital News Report 2020* (NEWMAN *et al.*, 2020). Esse número pode variar conforme a metodologia, autores do relatório e o ano, podendo chegar a até 83% (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021). Entretanto, no relatório que trata apenas sobre consumo de notícias (NEWMAN *et al.*, 2020), destaca-se que em 2020, pela primeira vez, as

mídias sociais ultrapassaram a televisão em consumo de mídia para notícias no Brasil. Em relação aos jornais impressos, o número de leitores caiu pela metade desde 2013. Outro ponto relevante do relatório é um pequeno aumento em relação à confiança nas notícias. Esse movimento foi percebido após uma crise de credibilidade em virtude da polarização política no ano de 2018 (NEWMAN *et al.*, 2020). Porém, um ponto sensível desse relatório é abordar a população como um todo, de forma homogênea e resultando em uma visão generalista do país.

Por esse motivo foi escolhido um relatório específico para falar sobre o comportamento e a utilização de *internet* no Brasil, trata-se da *Pesquisa Sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros 2020*. Nesse documento a especificidade é maior em sua metodologia, principalmente por incluir classe social de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), instrumento que foi definido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep). Dentro dessa classificação é estipulada uma pontuação em relação ao domicílio, com isso, é atribuída uma escala entre A1, A2, B1, B2, C, D e E.

Esse critério é fundamental para falar de desigualdade social. Por exemplo, o relatório aponta que existiu um crescimento dos domicílios com acesso à *internet*, saindo de 71% em 2019, para 83%, em 2020. Observando as classes sociais é possível afirmar que na classe C o acesso cresceu de 80%, para 91%, enquanto nas classes D e E o acesso subiu de 50% para 64% entre os anos de 2019 e 2020, respectivamente. De acordo com o material, as classes mais pobres foram as que tiveram mais crescimento em relação ao acesso nos anos de 2019 e 2020, e foram as responsáveis por esse aumento no acesso e inclusão à *internet*.

Outro ponto de destaque sobre desigualdade social é a desigualdade de gênero e raça, que são evidenciadas em relação ao acesso às tecnologias digitais. Por exemplo, em relação às mulheres negras, cerca de 37% realizaram transações financeiras, 31% utilizaram serviços públicos e 18% realizaram cursos. Comparando com homens brancos esse número é de 51%, 49% e 30%<sup>18</sup>, respectivamente. Dados como esse evidenciam a diferença entre as oportunidades digitais que esses recursos proporcionam.

---

<sup>18</sup> A presente comparação foi adotada pela pesquisa por representar ambos os gêneros e, de forma mais objetiva, as diferenças no mercado de trabalho brasileiro em relação à cor da pele. Entende-se que independentemente do sexo e da cor de todos devem ter as mesmas oportunidades.

A compilação de dados dos relatórios apresentados evidencia que, conforme a classe social, o gênero e a cor, maior é a desigualdade. De forma mais específica em relação ao tipo de acesso, se observarmos o perfil de acesso à *internet*, cerca de 58% da população brasileira tem como única fonte o celular. Isso significa uma limitação de recursos, possibilidades e capacidade de interação com os meios de comunicação. Por exemplo, cerca de 42% dos homens brancos possuem acesso exclusivo por celular, mas sobe para 67% entre o grupo de mulheres negras.

Caso essa leitura seja feita com base em classe social, 11% da população de classe A acessa exclusivamente via celular, mas sobe para 90% entre as classes D e E. Essa diferença representa uma diferença estrutural em relação aos conteúdos, formatos e aprendizados possíveis por parte do usuário, principalmente, em função da limitação que um único acesso proporciona. Outro ponto que é mencionado no relatório é a diferença por região do país, pois, de acordo com o estado da federação, a qualidade de acesso à *internet* é diferente.

Esses aspectos reforçam a ideia de que acesso à *internet* não significa necessariamente inclusão porque existem desigualdades estruturais que permanecem mesmo em ambientes digitais. Conforme o relatório, o acesso à *internet* cresceu, mas a disparidade permaneceu, explicitando a desigualdade. Por conseguinte, existe dificuldade entre as classes mais baixas para adquirir um dispositivo e em obter um acesso adequado e regular de *internet*, por exemplo (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021a).

Buscando aprofundar o perfil das principais redes sociais digitais no Brasil, destaca-se que as mais utilizadas de acordo com o tempo no qual os usuários ficam conectados são: WhatsApp, Facebook, Instagram, Tiktok e Twitter (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2021). Essa classificação fica mais relevante quando observamos que, por exemplo, o tempo de uso mensal do WhatsApp é de 30,3 horas (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2021, p. 38) e essa é classificada como a principal mídia responsável pela desinformação no espaço privado durante a pandemia (RECUERO, 2021). E o Twitter, plataforma que será analisada nesse trabalho, possui um tempo de uso de 6,4 horas por mês, um número proporcionalmente muito menor por usuário. Entretanto, é preciso levar em consideração os diferentes papéis de cada uma dessas redes.

De acordo com o relatório da Reuters (NEWMAN *et al.*, 2020), o WhatsApp é a segunda rede mais utilizada para compartilhar notícias. Em relação ao WhatsApp, a pesquisadora Recuero (2021) aponta que a desinformação não permite que a

circulação de *fact-checking* aconteça. Levando esse dado em consideração, existe um ponto fundamental entre WhatsApp e Twitter. Enquanto o WhatsApp cumpre o papel de um perfil de conversas privado, o Twitter tem um perfil de publicações mais diversas e públicas.

Tendo em vista a desigualdade social e a utilização elevada do WhatsApp como principal meio de comunicação dos brasileiros, muitas operadoras incluem pacotes de dados com acesso irrestrito à plataforma. Conseqüentemente, isso aumenta o número de pessoas com acesso à *internet*, mas de forma muito limitada. Por exemplo, cerca de 40% das pessoas utilizam a internet dentro dos aplicativos como única fonte de informação (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021). É nesse ambiente privado que ocorre a maior parte da desinformação, o mesmo é apontado por Recuero (2021) ao destacar que planos patrocinados (zero-rating<sup>19</sup>) facilitam a desinformação porque limitam o acesso.

A desinformação é parte integrante das plataformas digitais e se torna mais intensa conforme a proximidade estabelecida pela rede. O WhatsApp é uma rede pessoal e sem um espaço amplo de discussão como as demais plataformas. Tal estrutura torna mais difícil o acesso ao conteúdo para a realização do *fact-checking*, ou seja, a verificação de autenticidade dos fatos porque, na maior parte dos casos, essa prática exige consumo de dados externos aos aplicativos.

Entretanto, a desinformação não é exclusividade do WhatsApp. Redes como Twitter, Facebook e Instagram possuem algoritmos que hierarquizam as notícias e o conteúdo de acordo com as preferências do usuário. Essa estrutura acaba por reforçar a própria opinião e prejudicar a credibilidade de outras fontes de informação que não são as mais consumidas pelo usuário (SANTAELLA, 2018). Com isso, a tendência é que a diversidade de informações diminua, principalmente porque em alguns casos o acesso à *internet* está intrínseco à utilização do celular como única ferramenta disponível para acesso à informação, somado o fato do pacote de dados fornecido pela operadora.

Muitos usuários consomem informação apenas pelo celular e nas plataformas em que o acesso é disponibilizado de maneira livre pela operadora (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021a). O referido consumo de dados acaba

---

<sup>19</sup> Planos patrocinados ou zero-rating são formas de demonstrar o dinheiro investido por operadoras para subsidiar o acesso a internet, mas de forma geral esses planos limitam o acesso a internet aberta e favorecem a utilização de aplicativos de redes sociais digitais.

sendo um recorte de informação em espaço privado. Por outro lado, existe um espaço de disputa pública sobre a desinformação em redes sociais digitais em que é mais fácil a mensuração do consumo informativo com o intuito de compreender suas consequências. Entre essas redes, destaca-se o Twitter.

O relatório organizado por Recuero (2021) se faz relevante por analisar a realidade brasileira de desinformação sobre a pandemia e por estudar a desinformação no Twitter ao mesmo tempo em que aponta soluções para a desinformação na plataforma. Outro aspecto significativo é a utilização de Wardle e Derakhshan (2017) como referência bibliográfica para classificação da desinformação, autores que também são utilizados no presente trabalho para definir e classificar desinformação no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter utilizando uma adaptação da classificação.

Entre suas intenções, a presente dissertação propõe a análise da desinformação no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. Para auxiliar nesse objetivo, Recuero (2021), pesquisadora que coordenou o relatório *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate*, é de suma relevância. Nessa pesquisa, a autora aponta que a desinformação circula de forma mais rápida e em maior volume quando comparada ao conteúdo verificado. Logo, é muito difícil romper com o ciclo e a lógica da desinformação porque a velocidade, volume e espaço em que circula o *fact-checking* não é o mesmo da desinformação.

Por exemplo, mensurando a desinformação no Twitter, existe uma probabilidade de quase três vezes mais um conteúdo a favor de hidroxiquina para tratamento de coronavírus ser compartilhado, enquanto a notícia reversa/contrária, não gera tanto interesse em ser compartilhada (RECUERO, 2021). Esse movimento de compartilhar notícias sem comprovação científica pode ser interpretado como uma busca por segurança que se dá pela associação de um medicamento como a hidroxiquina, indicado para o tratamento da malária, mas que durante a pandemia serviu como argumento da narrativa para desviar o foco da discussão sobre prevenção.

No Twitter, essa narrativa foi reforçada pelo viés de confirmação ligado a política (BRADY *et al*, 2017), teoria que explica a maneira que nos relacionamos com conteúdos que temos maior propensão a acreditar. Por exemplo, o fato de o presidente apoiar a hidroxiquina e promover subsídios através do governo,

incentiva diretamente o consumo do medicamento e polariza a discussão sobre ciência.

De acordo com pesquisadores, as cidades que tiveram mais votos para Bolsonaro também acumularam maior número de mortos em relação ao coronavírus (XAVIER *et al.*, 2022). Essa relação pode ser explicada pelo viés de confirmação (BRADY *et al.*, 2017) que está estabelecido na política e é considerado o principal responsável pela polarização política, de acordo com Recuero (2021). Essa polarização, por sua vez, alimenta discussões e circulação de desinformação relacionadas a pandemia.

A informação verificada possui dificuldade em circular em ambientes de desinformação porque será descredibilizada e taxada de *fake-news* (RECUERO, 2021). Reforçando esse aspecto, para a autora, a principal motivação da desinformação durante a pandemia é a sua relação com a polarização política. Entre as narrativas de desinformação está a ideia de que a pandemia foi uma criação da mídia para enfraquecer o governo Bolsonaro.

Em relação a verificação de notícias, pode-se apontar a classificação de desinformação como uma resposta e instrumento de apoio para agências de *fact-checking*. A presente dissertação não tem como objetivo discutir a dinâmica de verificação de notícias por compreender que esse assunto vai além das proposições iniciais do trabalho. Porém, a verificação de informações é parte fundamental de combate a desinformação, mas não pode ser a única alternativa porque acontece depois da desinformação ter sido produzida.

Entre as soluções apontadas por Recuero (2021) está a regulamentação de plataformas, campanhas públicas que combatam a desinformação, campanhas de letramento digital, fomento ao debate sobre temas complexos, responsabilização de agentes públicos e ações de veículos jornalísticos para evitar que a desinformação seja compartilhada. Todas essas alternativas são reconhecidas pelo trabalho, mas não serão aprofundadas devido a sua complexidade. Tratam-se de possíveis respostas as estratégias que buscam ser identificadas através do problema de pesquisa do trabalho.

Especificando o debate, o Twitter é uma rede social digital que prioriza o conteúdo em tempo real e conta com perfis de autoridades políticas, a escolha da plataforma se deu pela agilidade e estrutura que limita a inserção de caracteres. Assim, é favorecida uma análise mais assertiva de um volume maior de publicações

na rede e, ao mesmo tempo, a mensuração da veracidade do conteúdo publicado pelas autoridades. Conseqüentemente, o perfil escolhido foi o do presidente Jair Bolsonaro por ele ser o líder do executivo e a principal autoridade do Estado brasileiro.

Buscando um ponto em comum entre os relatórios que investigam a desinformação, existe um padrão ao falar sobre política. Como, por exemplo, os documentos *Relatório internet, desinformação e democracia* (EDUARDO PARAJO *et al.*, 2020), *Reuters Institute Digital News Report 2020* (NEWMAN *et al.* 2020), *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate* (RECUERO, 2021) e *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Nesses registros é possível encontrar a semelhança entre diferentes metodologias e análises que convergem para uma mesma posição: uma polarização latente de motivação política. Exponente dessa polarização e líder político no Brasil, o perfil de Jair Bolsonaro no Twitter será analisado através do discurso (ORLANDI, 2005) de suas publicações com maior engajamento.<sup>20</sup>

Com base na pesquisa bibliográfica realizada por meio de relatórios produzidos por organizações, institutos e cientistas, entende-se que hoje, no Brasil, é necessário compreender a desinformação como um instrumento político da extrema direita através de seus objetivos durante a pandemia para poder discutir quais as consequências da desinformação no cotidiano. Não significa que apenas a extrema direita realize e produza desinformação, porém, evidencia-se que essa é uma característica do conteúdo produzido por Jair Bolsonaro no Twitter ao decorrer de sua carreira enquanto político. Entre suas falas mais conhecidas estão as ofensas em relação às minorias e os direitos humanos (NASCIMENTO, 2018).

No documento *Relatório internet, desinformação e democracia* (PARAJO *et al.*, 2020) existe uma preocupação com o fato de que a desinformação circula de forma muito mais ágil e a regulamentação é um assunto de muita polêmica. Principalmente, porque regulamentar em excesso pode fazer com que as leis sejam um instrumento de perseguição política, algo que pode ameaçar a liberdade de expressão. Em contraponto, a ausência de leis e de regulamentação faz com que não existam punições ou medidas previstas em lei de acordo com o relatório.

---

<sup>20</sup> Métricas de engajamento neste trabalho são a soma de curtidas, *retweets* e respostas aos *tweets* de Bolsonaro. Portanto: curtidas + *retweets* + respostas = engajamento.

No presente texto, a lei em si não é uma preocupação, mas o ponto que se destaca é a necessidade de coibir a indústria da desinformação. Conforme o relatório, existe interesse privado em promover notícias falsas, que operam dentro de uma lógica financeira e econômica, favorecendo grupos de acordo com o conteúdo que é compartilhado (PARAJO *et al.*, 2020). A indústria da desinformação<sup>21</sup> pode ser compreendida como um ecossistema que possui interesses e ganha dinheiro através dessa estrutura desinformativa (VILLEN, 2020).

Portanto, é fundamental compreender que a desinformação evidenciada durante a pandemia pode ter uma motivação política e, ao mesmo tempo, econômica. É importante ressaltar que um dos principais argumentos durante o primeiro semestre de 2020 foi a falsa dicotomia entre saúde e economia, como se fossem assuntos excludentes. Por exemplo, em relação às evidências de comunicação sobre essa dicotomia entre saúde e economia, existiu a campanha “O Brasil não pode parar” (LINDNER, 2020). O objetivo da campanha foi algo institucional e que simbolizava a ideia de fortalecer a economia acima da vida da população.

Resgata-se aqui o conceito de necropolítica, pensamento em que os corpos ou as vidas estão a serviço do estado e a morte é aceitável, integrando a economia. Essa lógica de priorizar o capital em relação às vidas é um exemplo de como o Estado pode reforçar a necropolítica através do necropoder. Por exemplo, o fato de Bolsonaro utilizar o seu poder e sua capacidade de gerar desinformação para interesses de um determinado grupo social é uma lógica de capitalizar em cima de uma população vulnerável.

Nesse momento o aspecto racial e econômico fica mais evidente. A campanha “O Brasil não pode parar” é resultado de uma lógica que busca a legitimidade pública de retirar a responsabilidade do Estado e tornar admissível mortes que poderiam ser evitadas. A lógica de transformar a morte em um aspecto integrante da economia é apenas um exemplo da necropolítica e do necropoder.

Destacando o caráter racial, econômico e político que estão relacionados com a desinformação, a discussão do próximo subcapítulo tem como objetivo propor uma reflexão sobre os *tweets* do Bolsonaro e o seu discurso. Essa dinâmica busca ampliar as discussões sobre o histórico do presidente e, ao mesmo tempo, relacionar componentes de poder com a comunicação. Essa leitura crítica e histórica de *tweets*

---

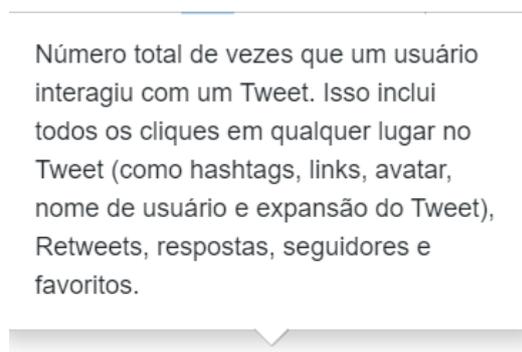
<sup>21</sup> Durante a pandemia a indústria da desinformação utilizou esses mecanismos para a negação da doença, minimização da capacidade de transmissão e promessas de cura sem eficácia comprovada.

é necessária para mostrar a intersecção entre o histórico de Bolsonaro e a sua postura em relação ao coronavírus. Busca-se apresentar que o a desinformação e as características de negação do pensamento iluminista sempre estiveram ligadas ao seu conteúdo e que a pandemia foi apenas um fator que potencializou a retórica presente em seu discurso.

### 3.2 A DINÂMICA DO TWITTER E JAIR BOLSONARO

O banco de dados do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter conta com informações que vão de 31 de março de 2010 até o dia 7 de julho de 2020, somando 8204 publicações. Isto posto, priorizou-se uma análise geral do perfil do presidente no Twitter e, posteriormente, uma leitura linear baseada nos anos. Por fim, foi realizado um olhar qualitativo em relação ao conteúdo publicado. Cabe apontar que nessa etapa, os principais tweets foram escolhidos com base no engajamento, ou seja, a soma de curtidas, *retweets* e repostas (Figura 7). O motivo dessa escolha é o fato de que esses são os únicos dados públicos que podem ser mensurados e fazem parte do relatório do Twitter para negócios (TWITTER ANALYTICS, 2021).

Figura 7 – Definição de engajamento de acordo com o *analytics* do Twitter



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao Twitter Analytics.<sup>22</sup>

Além disso, a análise dos *tweets* de maior engajamento em cada um dos anos tem a finalidade de trazer o histórico de postagens no perfil de Bolsonaro no Twitter e, ao mesmo tempo, apresentar quais argumentos geram mais engajamento na rede. Um ponto fundamental ao falar de engajamento é evidenciar que não existe como qualificar um *tweet* como bom ou ruim. O Twitter apenas mensurara os números de

<sup>22</sup> Disponível em: <https://business.twitter.com/pt.html>. Acesso em: 17 jan. 2022.

interações e faz com que a publicação ganhe destaque. Nessa lógica é possível afirmar que Bolsonaro compreende o algoritmo e o funcionamento da plataforma, conseqüentemente, seu discurso torna-se cada vez mais polarizado e ataca diferentes públicos, conforme será observado nos *tweets* abaixo. Outro ponto de destaque sobre as publicações é que os prints foram realizados em setembro de 2020 e, assim, representam o recorte da pesquisa, localizado no primeiro semestre da pandemia. Ficam de fora as demais publicações.

No decorrer do subcapítulo serão trabalhados os argumentos do texto de Umberto Eco (2018) em *Fascismo Eterno*. A ideia é apresentar os principais argumentos de Bolsonaro, nas postagens de maior engajamento conforme o critério apontado e suas relações com as características descritas por Eco. Entre os principais pontos está a ideia de que o fascismo italiano é uma retórica (ECO, 2018), estrutura que está muito próxima do que Bolsonaro utiliza em seu discurso para redes sociais. Aqui, a retórica exerce a capacidade de persuasão ao argumentar e utilizar determinados elementos no discurso com a finalidade de dialogar com sua base de eleitores.

A pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018) é característica do discurso de Bolsonaro e está baseada em suas representações ou signos, não em seu conteúdo. Portanto, o discurso de Bolsonaro se dá em sua representação e por esse motivo não será feita uma análise de conteúdo, mas sim de discurso.

Considerando a Análise de Discurso (ORLANDI, 2005), o estudo dos *tweets* está baseado em dois momentos. O primeiro momento é considerar que a interpretação faz parte do objeto de análise selecionado. O segundo momento é considerar que não é possível descrição sem interpretação e por esse motivo o referencial teórico apresentado até o momento será fundamental para análise do histórico de Bolsonaro no Twitter entre os anos de 2010 e 2020 com a finalidade de identificar as estratégias discursivas mais utilizadas.

Aprofundando a leitura de discurso, o *tweet* é considerado um gênero discursivo digital (AZEVEDO; PEREIRA, 2021), logo, um hipertexto. Suas características enquanto hipertexto são (XAVIER, 2015) são: *virtualidade/imaterialidade, ubiquidade, convergência de linguagens, não linearidade e intertextualidade infinita*. Esses elementos constituem um *tweet* e serão fundamentais para a compreensão hipertextual da estratégia de Bolsonaro.

A *virtualidade/imaterialidade* acontece porque é possível interagir, mas não é possível segurar de maneira física um *tweet*. Bolsonaro ao *tweetar* produz algo virtual e que não é possível sentir fisicamente. *Ubiquidade* é a característica que permite um *tweet* estar presente em diversos lugares ao mesmo tempo e seu conteúdo ser original. esse elemento permite que seus apoiadores interajam diretamente com sua conta, sem intermediários. Trata-se do acesso ao hipertexto original. A *convergência de linguagens e mídias* é a característica que permite um *tweet* ser visual, sonoro ou verbal. São elementos que ocorrem simultaneamente dentro do hipertexto. *Não linearidade* é uma característica pela qual o leitor não tem obrigatoriedade de consumir o conteúdo através de uma sequência e também porque exige habilidades específicas do leitor para sua compreensão. Por fim, a *interxutualidade* infinita presume que exista uma cadeia de dizeres que são somados para dialogar entre os próprios hipertextos.

A interpretação do discurso será feita com o objetivo de entender quais características de hipertexto potencializam o discurso de Bolsonaro e assim auxiliam em sua estratégia de comunicação. Destaca-se que levando em consideração as características apontadas por Eco (2018) sobre o ur-fascismo, serão buscados elementos da retórica ur-fascista que estejam relacionadas com esse modelo de hipertexto.

O primeiro *tweet* de Jair Bolsonaro em seu perfil no Twitter é interessante pelo seu conteúdo, mas traz um signo muito forte em sua estrutura. Trata-se de uma sequência de postagens sobre o dia 31 de março de 2010 e tem como base a defesa da ditadura militar, um dos seus pilares em termos de discurso político (Figura 8).

Figura 8 – Primeiro dia de Twitter de Jair Bolsonaro



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>23</sup>

Chama atenção o fato de as primeiras postagens serem no dia 31 de março, aniversário da ditadura militar brasileira. Trata-se de um ato simbólico do ponto de vista de interpretação. Sendo o principal evento no perfil de Bolsonaro no Twitter em 2010, tanto em março dia 31, quanto no dia primeiro de abril, a ditadura militar foi o principal assunto discutido e responsável por 82,2% do engajamento do ano inteiro. Compreende-se como o engajamento do ano: total de interações no ano, dividindo pelo número de interações de cada *tweet*. Por exemplo, no caso de 2010, foram registrados 47 tweets que somaram 5.961 interações. Dessas interações, soma-se os 20 tweets que falavam sobre ditadura e foram feitos entre março e abril desse ano. Chega-se aos 82,2% de engajamento.

Nesse *tweet* é possível destacar a *não linearidade* (XAVIER, 2015) do discurso de Bolsonaro e o diálogo com a intertextualidade de sua carreira enquanto militar. O histórico de sua trajetória enquanto político é uma referência constante aos elementos militares. É possível interpretar que esse *tweet* tinha como finalidade reforçar a identidade conservadora e gerar aproximação com usuários do Twitter que tenham afinidade por esse discurso.

Por exemplo, resgatando o artigo que estudou os principais conteúdos da fala de Bolsonaro entre os anos de 1987 e 2017, os assuntos de mais destaque são: pautas contra direitos humanos,<sup>24</sup> falas contra povos e comunidades indígenas, apologia a tortura e violência, apologia à pena de morte, apologia à ditadura e golpe militar, campanha à presidência de 2018, combate à corrupção, fala por direitos dos militares, militarização da sociedade, política externa e outros assuntos de menor

<sup>23</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/11399072031>. Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>24</sup> Entende-se como falas contrárias aos direitos humanos: anti-LGBT, refugiados, acusações de pedofilia, racismo, machismo, falas contra a liberdade de expressão, ataque aos defensores dos direitos humanos.

expressão (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Essa caracterização se faz necessária para evidenciar a desinformação e a motivação política de Bolsonaro como base de sua estratégia. *Tweets* contra populações e grupos sociais não são consideradas informação e sim discurso de ódio, conforme a classificação de Wardle e Derakhshan (2017). Cabe destacar que todos esses elementos de conservadorismo presentes no conteúdo da postagem de Bolsonaro em seu perfil no Twitter (ver Figura 8), podem ser representados como “culto à tradição”, termo presente no livro *Fascismo Eterno* (ECO, 2018) e considerada a primeira característica para reconhecer uma política ur-fascista.

Em relação ao *tweet* de mais engajamento no ano de 2010, percebe-se que uma publicação de crítica ao programa Bolsa Família do PT obteve 53% do engajamento total do ano. Aqui é identificado um conteúdo que pode ser considerado como um ataque ao PT e que teve repercussão por parte de seus críticos em 2010. Foi nesse ano que Dilma foi eleita, mas é em *tweets* como esse que Bolsonaro critica Dilma e produz desinformação através de trocadilhos ou de piadas com as ações políticas do governo.

A Figura 9, por sua vez, possui a característica de ser um *tweet* apontado como o apelo às classes médias frustradas, item seis no livro de Eco (2018). A lógica de fazer trocadilhos com o nome do programa é um apelo que não propõe reflexão e sim a diminuição da política pública. Essa afirmação simples e sem apresentar evidência resume o programa Bolsa Família a um programa de votos, além disso coloca “Poder” em letra maiúscula para associar uma ideia de “Brasil”, mas resumida a Poder como instituição.

Figura 9 – *Tweet* com o maior engajamento do ano, tendo 3.207 em valores de engajamento ao somar respostas, *retweets* e curtidas



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/11404282221>. Acesso em: 22 jan. 2022.

Além desses apontamentos, cabe destacar que Bolsonaro buscou a implementação um novo benefício financeiro às famílias em situação de pobreza ou de extrema pobreza chamado “Auxílio Brasil”, com a finalidade de aumentar sua popularidade. Mas, até março de 2022, o referido benefício não tinha saído do papel e não conseguia contrapor o auxílio em vigência, chamado Bolsa Família, criado por governante anterior (ZANINI, 2022). Essa informação se faz necessária para pontuar duas coisas: Bolsonaro não é um político que possui uma pauta fixa e que tem comprometimento com o que foi dito no passado, trata-se de um político que possui uma retórica ampla e seu discurso é flexível de acordo com o contexto. Esse elemento fica claro através da utilização da *não linearidade* (XAVIER, 2015), característica hipertextual, mas que Bolsonaro utiliza ao seu favor através da pós-verdade em um discurso fragmentado que pode ser exemplificado por *threads* no Twitter. Ou seja, dentro do discurso bolsonarista não importa o histórico, as narrativas políticas e hipertextuais são construídas sem qualquer lastro baseado em fatos. Nesse aspecto a *não linearidade* é apenas uma característica que é potencializa o discurso de Bolsonaro.

Em relação ao ano de 2011, existe uma única publicação que indica aos seguidores outros perfis que não o de Jair Bolsonaro. São as contas de Eduardo Bolsonaro e Flávio Bolsonaro (Figura 10). Destaca-se aqui a articulação em divulgar seus familiares para cargos legislativos, algo que Bolsonaro sempre incentivou e usou como plataforma de sua argumentação. A “família como base” é uma retórica conservadora muito utilizada por Bolsonaro e que pode ser considerada uma perspectiva política de utilização em seus *posts* no Twitter. O projeto político de Bolsonaro passa pelos seus filhos, que também atuam na política brasileira. Não é possível analisar sua trajetória sem citar alguns paralelos entre os seus movimentos e os de seus filhos, por exemplo, quem escreveu o livro contando sua trajetória política é o filho Flávio Bolsonaro (2017) no livro *Jair Messias Bolsonaro: mito ou verdade*.

Figura 10 – Única publicação do ano de 2011



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>26</sup>

No ano de 2012, a mensagem que teve mais engajamento foi um *tweet* aparentemente descontextualizado que dizia: “SELVA!”<sup>27</sup>. Sem conexão a nenhuma outra informação, buscou-se o significado por meio de pesquisa: é uma interjeição militar. Trata-se de uma gíria equivalente ao “Ok”. Essa publicação foi responsável por 40% do engajamento do ano no perfil. O motivo do alto engajamento pode ser interpretado justamente por ser algo descontextualizado e isolado. Ou seja, muitos usuários foram ao perfil e repercutiram o texto como piada ou dando outro sentido para o *tweet*. Esse comportamento da rede é favorecido pela característica do hipertexto de *não linearidade* (XAVIER, 2015), permitindo que diferentes usuários interajam sem a necessidade de uma lógica.

Cabe destacar aqui que Bolsonaro compreendeu muito bem um mecanismo no Twitter: a possibilidade de utilizar a polêmica como plataforma eleitoral e política, algo muito explorado durante a pandemia. Em um resgate histórico,<sup>28</sup> a palavra “selva” é utilizada por Bolsonaro em um total de 18 vezes como uma interjeição militar no Twitter, entre o período apresentado para o recorte do banco de dados.

Em segundo lugar, em relação ao engajamento no ano de 2012, na Figura 11, existe uma crítica de maneira indireta ao PT. Trata-se de um suposto “kit-gay” atribuído a Martha Suplicy, na época filiada ao PT e senadora pelo estado de São Paulo. O *tweet* contém um *link*, um *bitly* que leva ao *blog* da família Bolsonaro e que até o dia 14 de abril de 2022 seguia ativo.<sup>29</sup> Clicando e acessando o *blog* é possível ver uma série de fotos descontextualizadas e sem qualquer evidência que o material seria distribuído para crianças. É possível afirmar que o *blog* ainda segue ativo e

<sup>26</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/32135707967365120>. Acesso em: 22 jan. 2022.

<sup>27</sup> Ver o *tweet* com a expressão “Selva”. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/18050460400>. Acesso em: 22 jan 2022.

<sup>28</sup> Dentro do período de análise que está entre os dias 31 de março de 2010 e 01 de julho de 2020.

<sup>29</sup> Ver postagem no *Blog da Família Bolsonaro*. Disponível em: [bit.ly/NrvECG](http://familiabolsonaro.blogspot.com/2012/07/o-kit-gay-ja-chegou-nas-escolas-privadas.html) ou <http://familiabolsonaro.blogspot.com/2012/07/o-kit-gay-ja-chegou-nas-escolas-privadas.html>. Acesso em: 14 abr. 2022.

reforça a ideia da família, pois isso está no nome da página e possui uma linguagem própria sem qualquer padrão estabelecido, algo característico da comunicação de Bolsonaro.

Esse canal de comunicação é utilizado com conteúdo de críticas ao PT e a partidos de esquerda, além de fazer associações com acontecimentos sem provas ou evidências. Essa ideia de polemizar e trazer o conservadorismo como capital político era uma das principais falas de Bolsonaro para a imprensa, *blog* e, também, está presente no seu histórico de postagens no Twitter. Esse aspecto de criar um medo, ou uma sugestão de que intelectuais apoiam que as pessoas sejam homossexuais é uma característica do item três do *Fascismo Eterno* apontado por Eco. Trata-se da ação pela ação e sem qualquer reflexão crítica (ECO, 2018).

Figura 11 – Segunda publicação de maior engajamento, tendo 72 em valores de engajamento ao somar respostas, *retweets* e curtidas. Responsável por 19% do engajamento do ano



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>30</sup>

Em 2013, percebe-se uma mudança significativa no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter: ao todo foram 193 *tweets*. Para fins de comparação, em 2010 foram 47 *tweets*, um único *tweet* em 2011 e 12 *tweets* no ano de 2012. Essa diferença chama atenção, porém, fica ainda maior quando colocamos em perspectiva o engajamento de Jair Bolsonaro em junho de 2013. Ao todo, Bolsonaro acumulou 27.838 de engajamento no mês, porém, 27.352 é de uma única publicação que corresponde a 83,46% do engajamento do ano.

O conteúdo traz uma frase de duplo sentido, que busca fazer um trocadilho com o conteúdo de vídeo que possui piadas homofóbicas (Figura 12). Mais uma vez percebe-se que o conteúdo conservador de Bolsonaro repercutiu. Não é possível afirmar os motivos pelos quais esse vídeo viralizou, porém, o fato de existir uma piada homofóbica na fala é uma possibilidade. Além disso, aponta-se a *não linearidade*

<sup>30</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/227538599225212928>. Acesso em: 23 mar. 2022.

(XAVIER, 2015), característica do hipertexto que favoreceu a viralização porque é uma situação que não precisa de contexto para ser compreendida. Outro ponto de destaque é a *ubiquidade* (XAVIER, 2015) porque a viralização só é capaz de acontecer em um contexto em que diversas pessoas estejam engajadas em um mesmo *tweet*.

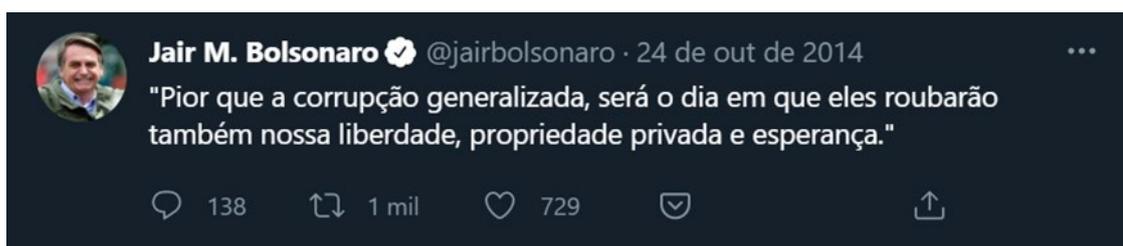
Figura 12 – Publicação de maior repercussão no ano de 2013



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>31</sup>

Em relação ao ano de 2014, percebe-se um engajamento diferente dos anos anteriores onde uma única postagem era responsável por um número expressivo do engajamento total do ano. No citado ano, a publicação com maior engajamento recebeu 4,70% do total do engajamento anual (Figura 13).

Figura 13 – Publicação de maior repercussão em 2014



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>32</sup>

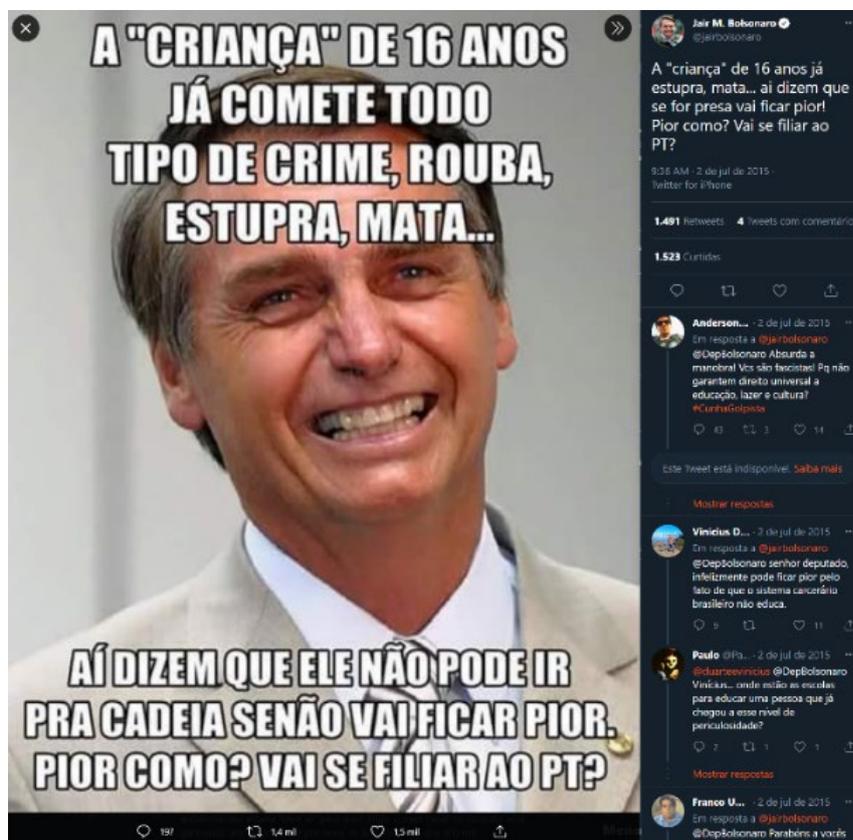
Essa frase está relacionada a ideia de que os inimigos são fortes e fracos demais ao mesmo tempo, item oito das características para reconhecer um ur-fascista (ECO, 2018). Essa característica fica latente no momento em que Bolsonaro cria um

<sup>31</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/345739676914683904>. Acesso em: 24 jan. 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/525709226036178944>. Acesso em: 24 jan. 2022.

inimigo forte e, ao mesmo tempo, frágil demais, tal qual a descrição proposta por Eco. Não fica claro quem são “eles” na frase de Bolsonaro, presente na Figura 13, mas considerando o período da publicação, pode-se entender como uma crítica em relação à esquerda política, pois Bolsonaro reiteradamente posiciona aqueles que criticam sua política como esquerda. Trata-se de uma estratégia para projetar um inimigo em comum entre os apoiadores de Bolsonaro em oposição a um grupo externo, aqueles que são contra Bolsonaro.

Figura 14 – Publicação de mais repercussão em 2015



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>33</sup>

Na Figura 14, destaca-se uma mensagem de valores conservadores e liberais em uma mesma frase. Trata-se de uma liberdade que remete ao direito de ser conservador, principal grupo político de Jair Bolsonaro. E existe um enunciado de ameaça à propriedade privada, uma retórica muito usada por grupos de direita que buscam gerar medo em relação à orientação política de esquerda. Por fim, a terceira

<sup>33</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/616586288058245121>. Acesso em: 25 jan. 2022.

palavra utilizada é “esperança” e uma ideia de resgatar os valores conservadores. O emprego dessa palavra está relacionado à ideia de: esperança no que ainda virá, no futuro conservador que é esperado. Essas características de palavras que apelam para o emocional são uma estratégia Bolsonarista, ou seja, uma retórica de estabelecer o medo como força motriz (CHAGAS; MODESTO; MAGALHÃES, 2019).

Além disso, o *tweet* remete ao item seis do ur-fascismo (ECO, 2018), onde trata-se de alimentar a frustração individual da classe média com uma lógica punitivista. Esse item é fundamental para caracterizar as políticas populistas de Bolsonaro em uma lógica que posiciona seus eleitores como ameaçados e coloca a esquerda como ameaça. Nesse *tweet* Bolsonaro utiliza o hipertexto da *convergência de linguagens* (XAVIER, 2015) e produz uma foto com texto em cima com a finalidade de personalizar a crítica em seu discurso, pois ironiza a situação através de seu sorriso.

No ano de 2015, a publicação de mais repercussão obteve 1,87% do engajamento total do ano, com destaque para o conteúdo que defende a menoridade penal e apela para argumentos de crítica direta ao PT, partido que estava no poder. Essa associação indireta de crimes ao partido de oposição foi uma estratégia que Bolsonaro sempre utilizou em relação à esquerda. É um argumento recorrente de criar um inimigo, polarizar e, em cima disso, radicalizar o discurso para sua base eleitoral. O método esteve presente em sua campanha para a eleição de 2018 em uma busca pelo conflito permanente. A leitura não leva a crer que seja apenas um ataque, trata-se de uma estratégia política de ataque constante (NETO, 2019).

Na Figura 15, é possível perceber o item sete do ur-fascismo (2018). Trata-se de uma obsessão pela conspiração e que, possivelmente, é internacional. Nessa lógica, Bolsonaro busca um paralelo com sua principal inspiração, Donald Trump. A mensagem é simples, mas tem um significado importante: remeter à ideia de que o adversário é forte e frágil ao mesmo tempo, item fundamental para a manutenção do medo constante, item oitavo do ur-fascismo proposto por Eco (2018).

Figura 15 – Publicação de maior repercussão em 2016



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>34</sup>

Postado em 2016, o *tweet* exposto na Figura 15 representou a ação com mais engajamento: 2,13% do total do ano, com uma soma de 21.508 no total de engajamento. Percebe-se como diferencial o fato de Bolsonaro ter parabenizado Trump, ou seja, a simples menção ao líder americano sinaliza alinhamento político e ideológico. Além disso, Bolsonaro evoca a ideia de “lutar” e ter inimigos, propondo que em 2018 algo parecido se sucederá no Brasil. Posteriormente, durante as eleições de 2018 foram percebidas as semelhanças entre as estratégias de Bolsonaro e de Trump (ITUASSU *et al.*, 2019), principalmente, na questão de utilizar as redes sociais digitais para disseminar informações falsas ou criar polêmicas através das redes. Essa lógica proposta por Bolsonaro alimenta a ubiquidade enquanto característico do hipertexto (XAVIER, 2015) e traz consigo um sentido duplo para o *tweet*. Primeiro, reforça a identidade de quem acreditou em sua plataforma de governo e depois a ideia de que existem outros representantes desses ideais fora do Brasil.

Figura 16 – Publicação de maior repercussão em 2017



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>35</sup>

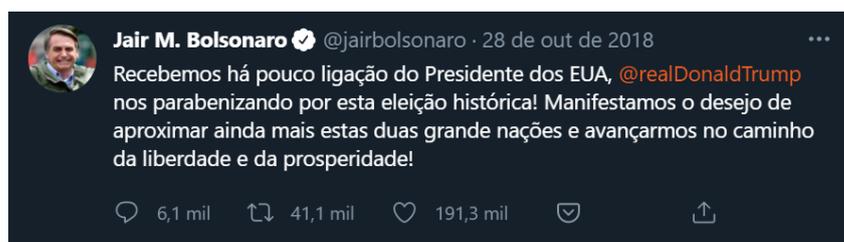
<sup>34</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/796256906230767616>. Acesso em: 25 jan. 2022.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/796256906230767616>. Acesso em: 25 jan. 2022.

No ano de 2017, o *tweet* com mais engajamento emplacou 1,74% do total do ano. Ilustrado na Figura 16, a mensagem mostra que quanto maior o engajamento no total de publicações, mais diluídos ficam esses dados. Ao todo, essa publicação somou 65.774 de engajamento. Esse *tweet* em específico pode ser analisado como uma piada simples de desconhecimento em relação a cantora Pablllo Vittar ou, em uma perspectiva mais crítica, trata-se do desmerecimento ao trabalho da cantora que utiliza uma identidade de *drag queen* para se apresentar e divulgar o seu trabalho. Nesse *tweet* o paralelo com Eco poderia aparecer junto ao item 2 do fascismo eterno, trata-se da recusa em relação à modernidade. Assim, Bolsonaro transmitiria duas mensagens com esse *tweet*. A primeira delas é o fato de que não conhece a cantora, a segunda é de uma recusa em conhecer. Porém, não é possível afirmar que essa foi a intenção original. Talvez o comentário tenha tido o propósito de atrair fãs da cantora, por esse motivo o destaque desse *tweet* é a característica hipertextual da *não linearidade* (XAVIER, 2005). Bolsonaro utiliza a ausência de linearidade do *tweet* para engajar através de diversos assuntos, mesmo que não tenha relação direta com seus apoiadores.

Considerando o histórico de homofobia de Bolsonaro, é importante ressaltar que esse comportamento tem a característica de polarização que citada em momento anterior. O objetivo da comunicação de Bolsonaro no Twitter é de uma provocação que remeta a um engajamento, pois o algoritmo não faz distinção entre quem gosta e quem não gosta de Bolsonaro. Caso existam *retweets*, caso existam respostas, esses elementos contribuem para o engajamento nas postagens de Bolsonaro. Logo, Bolsonaro tem o hábito de causar polêmica com determinados assuntos e, ao que tudo indica, para engajar através do sentimento de ódio, crítica e confronto constante.

Figura 17 – Publicação de maior repercussão em 2018



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1056713939629809665>. Acesso em: 26 jan. 2022.

Em relação ao ano de 2018, a publicação de mais destaque obteve 0,63% do engajamento do ano e somou 246.710 no número total de engajamento (Figura 17). Aqui existe uma relação com Trump, ou seja, novamente o cenário internacional tendo impacto na comunicação de Jair Bolsonaro e sua repercussão no Twitter. Essa lógica tem a premissa de aproximar Bolsonaro de Trump, ambos representantes da extrema direita no Twitter e no mundo.

Figura 18 – Publicação de maior repercussão de 2019



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter. <sup>37</sup>

No ano de 2019, o *tweet* de maior engajamento obteve 0,26% do engajamento total e somou 243.996. Como ponto relevante, é possível apontar os ataques aos jornalistas, um argumento muito utilizado por Bolsonaro para rebater críticas. De acordo com pesquisa que analisa o populismo de Bolsonaro, ataque à imprensa em meio a uma narrativa de impossibilidade de governar é parte da estratégia (FECHINE, 2020). Ou seja, Bolsonaro oscila entre líder heroico e representante incapaz de governar. Nota-se outra vez a lógica de um inimigo forte demais e, ao mesmo tempo, frágil (ECO, 2018), mas, dessa vez aplicada, à imprensa. Isso, possivelmente, porque antes de eleito, o principal inimigo de Bolsonaro era o PT e a esquerda e, após a eleição, Bolsonaro projetou a imprensa como seu principal alvo em função das críticas que recebe.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1189354408141840387>. Acesso em: 27 jan. 2022.

O conceito caótico, presente no discurso de Bolsonaro, tem como base a confusão proposital, característica da pós-verdade. (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). O que ocorre é o uso de uma retórica de medo baseada em imagens reducionistas de memes que buscam criar inimigos imaginários e depositam sentimentos nesses adversários (CHAGAS; MODESTO; MAGALHÃES, 2019), junto a um populismo que nega a ideia de ser governante. Com isso, Bolsonaro molda a narrativa culpando outros sujeitos do debate público. Entre esses inimigos o mandatário viu na imprensa um alvo amplo e que se tornou importante para rivalizar em relação às disputas. O fato do *tweet* mais curtido de 2019 ser uma crítica à imprensa é um elemento muito importante na caracterização do universo bolsonarista (Figura 19). Outro ponto de destaque é como Bolsonaro utiliza a *convergência de linguagens e mídias* (XAVIER, 2005) para criticar e diminuir sua oposição.

Figura 19 – Tweet de maior engajamento no ano de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>38</sup>

No primeiro semestre de 2020 o *tweet* de maior engajamento obteve 0,45% do engajamento total de *tweets* do semestre e 296.431 de engajamento total, sendo o *tweet* com maior engajamento individual no banco de dados coletado – ou seja, entre todos os que foram analisados. O curioso desse *tweet* é que ele também tem duas interpretações. A primeira delas é o *slogan* de campanha que está ligado ao exército brasileiro. Porém, em uma segunda interpretação contextual é possível identificar o fato de que nesse mesmo dia existiu a possibilidade de Bolsonaro tentar um golpe militar (GUGLIANO, 2020). Isso se dá porque Bolsonaro teria supostamente ameaçado tal ação, dia 22 de maio de 2020, em função de sua insatisfação com os ministros do Supremo Tribunal Federal.

Nessa leitura, o elemento do nacionalismo como uma característica do fascismo eterno (ECO, 2018) faz alusão ao item 7, obsessão pela conspiração, como

<sup>38</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263940112414580739>. Acesso em: 26 jan. 2022.

se algo sempre estivesse ameaçando. Bolsonaro reproduz essa lógica dentro um princípio de alimentar o “verdadeiro nacionalismo”, sequestrar a pauta e a bandeira do Brasil como um símbolo seu.

A ação abertamente racista, machista e voltada para o ataque contra direitos da população é um exemplo de como a eleição de um presidente conservador é resultado de uma reação conservadora e autoritária (SOUZA, 2019). Jair Bolsonaro representa o fascismo com base no medo irracional ancorado em ressentimento, medos e ansiedades sem explicação. Nessa lógica a esquerda é um bode expiatório para Bolsonaro (SOUZA, 2019). Após sua eleição, o bode expiatório de maior destaque foi a imprensa e, posteriormente, durante a pandemia, seria a própria doença. Ou seja, a política fascista é baseada em terceirizar os fracassos de sua gestão que são efeitos colaterais da própria política negacionista.

Por fim, é necessário perceber que à medida que Bolsonaro cresce e publica no Twitter, o engajamento proporcional de suas publicações diminui. Em 2020, na publicação de maior repercussão, Bolsonaro teve um engajamento 0,17% menor ao comparar com a publicação de maior engajamento em 2019. Isso porque publicou mais vezes e resultando na diminuição do engajamento proporcional. Entretanto, o número bruto de Bolsonaro em 2020 em uma única publicação foi de 296.431 e, em 2019, a publicação com mais interações teve 243.996. Comparando: a melhor publicação de 2020 teve cerca de 21,5% mais interações do que a melhor publicação de 2019.

Bolsonaro, apenas no primeiro semestre de 2020, teve 65.438.500 de engajamento somando todas as publicações. Isso corresponde a 71% do engajamento do ano inteiro de 2019. Fazendo um contraste e comparando com 2018, que teve 38.990.702, apenas no primeiro semestre de 2020 foi 67% do total do engajamento. Essas comparações apontam que Bolsonaro, durante o primeiro semestre de 2020, esteve muito ativo no Twitter e que, em grande parte, isso tenha relação com o contexto pandêmico.

Verifica-se que existiu um aumento do acesso à *internet* durante a pandemia. Tal fato pode ter afetado o perfil e as publicações de Bolsonaro. E, mesmo não sendo o suficiente para explicar o volume de publicações que foi veiculado, serve como um alerta para o aumento no volume das interações. Por exemplo, apenas no primeiro semestre de 2020 foram feitas 1461 publicações, enquanto no ano inteiro de 2019 foram feitas 2300.

Somando essas características de discurso a estrutura do tweet em sua composição hipertextual, pode-se considerar que Bolsonaro utiliza as características de hipertexto (XAVIER, 2015) com objetivos específicos para cada *tweet*. Os elementos do discurso de Bolsonaro possuem finalidades muito próximas, mas suas estratégias para cada hipertexto são específicas pois são características diferentes.

A *virtualidade/imaterialidade* é uma característica que Bolsonaro utiliza para aumentar o seu próprio tamanho. Por exemplo, quando Bolsonaro *tweeta* existe um caráter épico em seu discurso que busca estabelecer projeção, a finalidade de Bolsonaro com a virtualidade é aumentar sua presença em meios digitais. Esse elemento não foi apontado na análise dos tweets porque faz parte do discurso como um todo e não necessariamente de um tweet, pois seguidores são números virtuais que podem ser representados por robôs<sup>39</sup>. Logo, os números virtuais cumprem uma estratégia de volume e que pode ser identificada pelo número de robôs que fizeram parte de sua comunicação durante a pandemia (RECUERO, 2021).

Em relação à *ubiquidade*, Bolsonaro utiliza essa característica de hipertexto (XAVIER, 2015) como aproximação de seus eleitores, eliminando intermediários. O fato de Bolsonaro estar no Twitter permite que essa comunicação de apoiador e político aconteça em diferentes horas do dia e com frequência variável. Resgata-se que quanto maior o número de publicações de Bolsonaro, menor o engajamento individual de cada publicação, porém, maior é o volume de informações publicado. Essa diferença se faz necessária porque possivelmente quando Bolsonaro aumenta o seu volume de publicações ele está interessado em prejudicar a capacidade crítica da oposição, assim como a verificação dessas informações.

Em relação a *convergência de linguagens e mídias*, Bolsonaro tem como prioridade a potencialização de sua mensagem. É aqui o espaço em que a pós-verdade aparece como elemento base de seu discurso, tal qual o ur-fascismo (ECO, 2018). A construção da linguagem de Bolsonaro passa por trabalhar uma construção de sentidos que está ligada diretamente ao engajamento de Bolsonaro. De modo geral, as publicações que Bolsonaro ganha mais interações estão ligadas aos

---

<sup>39</sup> Robôs ou bots são aplicações com autonomia que podem automatizar tarefas através de especificações que sejam previamente determinadas. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml>. Acesso em: 2 mai 2022.

assuntos polêmicos e conservadores. A *convergência de linguagens e mídias* é a característica hipertextual na qual Bolsonaro concentra os seus signos.

A *não linearidade* é uma característica básica do Twitter porque a plataforma fragmenta a mensagem em 280 caracteres. Essa estrutura, permite uma leitura fragmentada e limita a unidade textual, por esse motivo, pode-se considerar a *não linearidade* do Twitter como uma característica da estrutura do Twitter de Bolsonaro e também um elemento que beneficia a desinformação quando somamos os fatores de limitação do pacote de dados e os serviços de zero-rating oferecidos pelas operadoras.

A *interxutualidade*, por sua vez, pode ser compreendida como uma característica do ecossistema de desinformação bolsonarista. O fato de existir desinformação e pós-verdade no Twitter e posteriormente esse conteúdo estar presente no WhasApp, YouTube e Facebook. A *intertextualidade* da desinformação está baseada na repetição dos discursos.

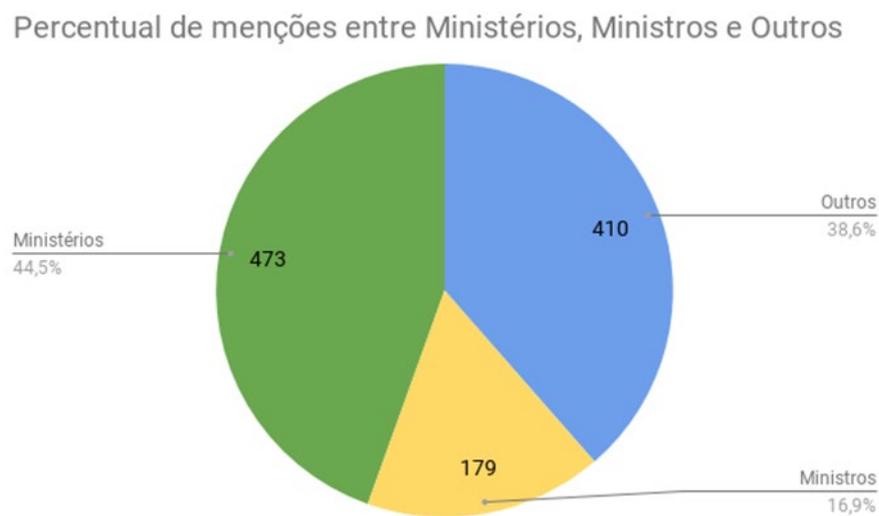
Por fim, essas características hipertextuais que constituem a estratégia de Bolsonaro ao tweetar são amorfas, pois sua finalidade é serem moldadas ao discurso. Os hipertextos para Bolsonaro funcionam como um meio para atingir um objetivo final que geralmente está ligado a desinformação.

### 3.3 AS PRIORIDADES DE BOLSONARO POR MEIO DAS MENÇÕES

A escolha pelo perfil oficial de Jair Bolsonaro no Twitter como objeto da presente análise se dá pelas atuais pesquisas que debatem a utilização das redes sociais digitais pelo referido presidente (VINHAS, 2019; JUNIOR; BIANCO, 2019; NETO, 2019; TEIXEIRA et al., 2019) e, também, pelo fato de que Bolsonaro esteve como o principal líder do executivo brasileiro. Os trabalhos mencionados anteriormente possuem diferentes focos e metodologias, mas todos propõem a discussão em relação à utilização do Twitter por parte de Jair Bolsonaro, apontando essa rede como um dos principais canais de comunicação para sua eleição no ano de 2018. Para a presente dissertação, busca-se entender como a saúde está posicionada enquanto prioridade no primeiro semestre de 2020 por parte de Bolsonaro em sua conta oficial. Esses elementos serão fundamentais para analisar o conteúdo (ORLANDI, 2005) dos *tweets* sobre saúde no último capítulo, objeto dessa pesquisa.

A amostra de dados utilizada neste subcapítulo corresponde a 8.204 tweets que somam todas as publicações de Jair Bolsonaro no Twitter entre 31 de março de 2010 até 1º de julho de 2020. Como recorte foram considerados *tweets* entre 1º de janeiro de 2020 e 1º de julho de 2020, o que representa 17,8% das publicações. Dessas, foram extraídas apenas as publicações que obrigatoriamente citaram algum “@” no corpo do *tweet*, o que representa a citação de um perfil na rede social e assim a amostra de pesquisa foi definida em 584 *tweets*.

Figura 20 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro



Fonte: Gráfico gerado pelo autor (2021).

Entre as 584 publicações analisadas, foram extraídas todas as menções feitas por Bolsonaro, o que totaliza 1.062 marcações. A finalidade desse recorte é especificar quais foram os perfis citados por Jair Bolsonaro durante o primeiro semestre da pandemia do coronavírus e, assim, entender a priorização do presidente em relação aos ministérios e ministros para posteriormente refletir sobre o significado dessas menções em seu discurso.

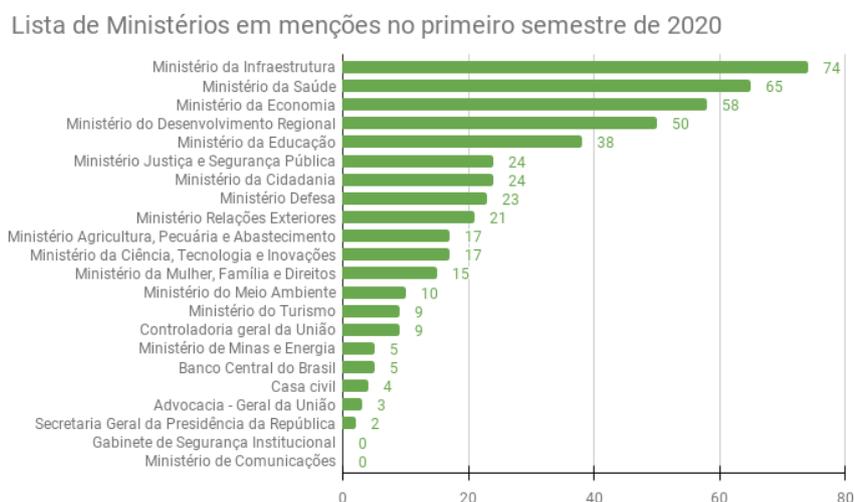
Conforme a Figura 20, foram estabelecidas três categorias. A primeira, intitulada “ministérios”, abriga todas as menções relacionadas aos perfis oficiais de ministérios. A segunda, intitulada “ministros” corresponde aos perfis oficiais de ministros. A última categoria é denominada “outros” e tem como finalidade aglutinar os demais perfis e menções no Twitter.

Ao todo, Bolsonaro teve 23<sup>40</sup> ministérios em seu governo no ano de 2020 e, até o final do primeiro semestre, teve 26<sup>41</sup> ministros, chamando atenção pois, em promessa de campanha, o número chegou a ser de 15 ministérios (CAROLINA; FLÁVIA, 2019). Além de dar destaque para os ministérios e ministros, o volume de menções relacionados a órgãos do governo federal na categoria “outros” também impressiona.

O ministério mais citado, assim como o ministro mais lembrado são os de Infraestrutura. Isso aponta para uma busca por resultados tidos como concretos e remete a uma prioridade militar que é embasada em construções e obras físicas (SOUZA, 2019) – destaque para o ministro de Infraestrutura que é engenheiro militar da reserva. Em segundo lugar, o Ministério da Saúde merece atenção em relação à proporção de menções, mas seus ministros não foram citados, isso aponta para uma preocupação por parte do presidente em controlar a narrativa (ver Figura 21).

Exemplo desse comportamento é o primeiro tweet de Bolsonaro relacionado ao Ministério da Saúde, em 2 de fevereiro de 2020, que aborda a repatriação de brasileiros na China, mas também cita o perfil do Ministério da Defesa e Força Aérea Brasileira. A segunda menção vai acontecer apenas em 3 de março de 2020, mais de um mês depois, citando o Ministério da Saúde, o ministro Marcos Pontes e o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações, novamente com destaque para os militares.

Figura 21 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro



<sup>40</sup> Apenas 22 dos 23 ministérios possuem Twitter. Dados consolidados em setembro de 2020.

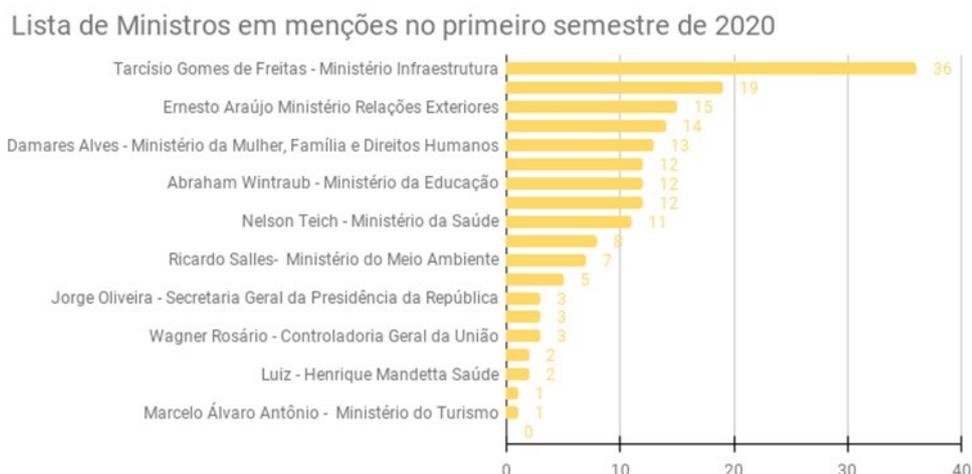
<sup>41</sup> Apenas 20 dos 26 ministros possuem Twitter. Dados consolidados em setembro de 2020.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Esse comportamento de Bolsonaro se deve a uma possível busca constante pelo controle da narrativa (NETO, 2019). Na verificação, o perfil líder em menções, @govbr, soma 106 marcações. A retórica remete diretamente ao *slogan* de campanha denominado “Brasil acima de tudo, deus acima de todos”. Outra evidência que reforça essa leitura é o fato de que Paulo Guedes, Ministro da Economia, não possui Twitter, assim como Eduardo Pazuello. Logo, o perfil pessoal responsável pelo protagonismo na rede social é o próprio presidente.

A leitura de menções em relação aos ministros chama atenção pelo número de militares ocupando cargos, são eles: Bento Albuquerque no Ministério Minas e Energia, Fernando Azevedo e Silva no Ministério de Defesa, Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde, Marcos Pontes no Ministério de Ciência Tecnologia e Inovação, Augusto Heleno no Gabinete de Segurança Institucional, Wagner Rosário na Controladoria Geral da União e Tarcísio Gomes na Infraestrutura (Figura 22). Contabilizando, cerca de 30% dos ministros são militares ativos ou da reserva e, de acordo com o Tribunal de Contas da União, o número de militares em cargos civis do governo mais que dobrou na gestão de Bolsonaro (LIS, 2020).

Figura 22 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro<sup>42</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

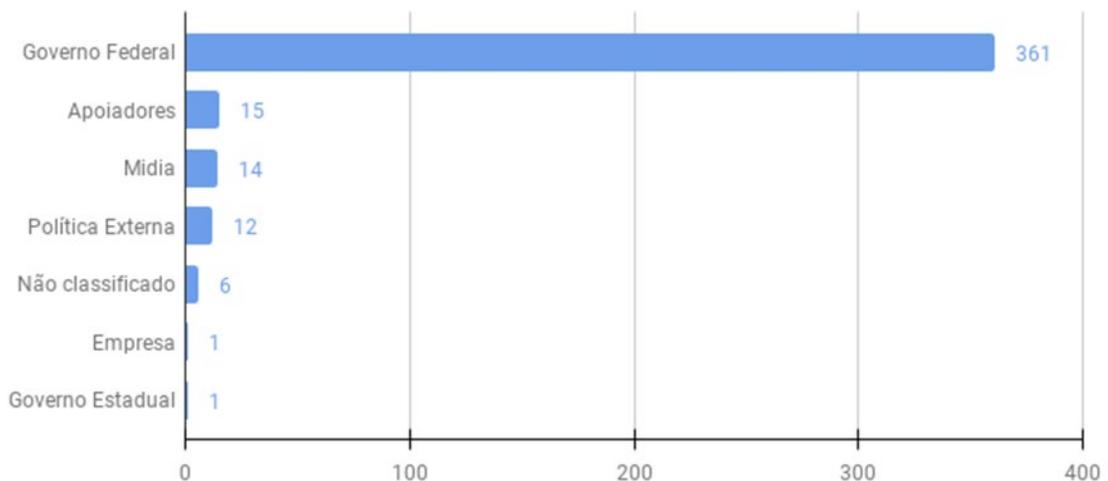
<sup>42</sup> Nem todos os ministros possuem Twitter e dois deles mudaram de Ministério. São eles: Onyx Lorenzoni e André Mendonça, que foram remanejados de diferentes ministérios e tiveram seu histórico de menções somados aos cargos que ocupam hoje.

Essa dinâmica aponta para uma hierarquização e centralização das decisões do governo, característica atribuída a militares. Outro ponto de destaque é o número de menções a Nelson Teich, que teve sua conta criada em janeiro de 2020 e somou 11 menções. Entretanto, seu primeiro Tweet registrado é do dia 18 de abril de 2020, um dia depois de assumir o Ministério da Saúde. Essa diferença fica ainda mais discrepante quando comparamos com as duas menções de seu antecessor, Luiz Henrique Mandetta. Outro aspecto relevante é que Teich ficou apenas 28 dias no cargo.

A estratégia de pesquisa utilizada para rotular a categoria “outros” foi por meio da aglutinação de perfis no intuito de facilitar a padronização (Figura 23). Logo, a subcategoria “governo federal” corresponde ao total de menções dos 91 perfis citados e que, de maneira direta, fazem parte do organograma federal. Um ponto de destaque é que muitos desses perfis são contas oficiais de unidades ligadas ao Exército ou Polícia Federal.

Figura 23 – Gráfico com o total de menções feitas no perfil oficial de Jair Bolsonaro

#### Lista da categoria Outros em menções no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A subcategoria “apoiadores”, traz deputados apoiadores do governo ou de eleitores; “mídia”, corresponde aos veículos citados por Bolsonaro; “política externa” é referente às menções de perfis externos ao Brasil; “não classificado” são os *tweets*

que por diferentes motivos não foi possível categorizar; “empresa” diz respeito a uma menção à Vale S.A; e “governo estadual” é uma menção à Secretaria do Governo do Paraná.

Analisando a soma de menções é possível perceber que Bolsonaro não dialogou com os demais estados da federação. Primeiramente pode parecer uma leitura rasa em relação ao seu perfil, mas confirmada, por exemplo, quando Bolsonaro afirma duvidar que a justiça irá obrigar a vacinação e ataca governadores sobre a decisão da obrigatoriedade (VACINA..., 2020). Essa política centrada no governo federal através do conflito evidencia a polarização alimentada durante as eleições de 2018 (NETO, 2019) e aumenta a centralização em Bolsonaro e seu governo.

Como amostra para o presente trabalho foi selecionado o *tweet* com maior número de *retweets*, métrica atribuída ao alcance de uma publicação. Logo, a publicação está representada na Figura 24.

Figura 24 – Tweet que teve o maior número de curtidas no primeiro semestre de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>43</sup>

A publicação, coincidentemente ou não, também tem o maior número de curtidas e respostas no primeiro semestre de 2020. Novamente, trata-se do lema de campanha de Jair Bolsonaro em 2018. O fato de ter três métricas de destaque em um único *post*, leva a inferir que se trata de um tweet que reúne um conteúdo muito reduzido e representativo do discurso bolsonarista. Visto que, coincidentemente ou não, foi o dia que Bolsonaro cogitou fechar o congresso (GUGLIANO, 2020) e foi dissuadido pelo General Augusto Heleno Ribeiro Pereira, de acordo com a matéria.

Retomando todas as considerações e evidências encontradas ao longo da pesquisa é visível a intenção de expandir o poder e o controle do exército sobre

<sup>43</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263940112414580739>. Acesso em: 26 jan. 2022.

cargos, atribuições e espaços que hoje são ocupados por civis. A estratégia de Bolsonaro para a comunicação é predominantemente baseada em conflitos e uma retórica que se alimenta da sua razão focada em pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). O atual presidente usa seu perfil com o objetivo de propaganda militar nacionalista declarada, mas nem sempre intervencionista.

As falas de Bolsonaro, menções e prioridades no Twitter durante o primeiro semestre são majoritariamente sobre exaltar o trabalho do exército, mesmo que de maneira indireta. Bolsonaro evita reforçar a coletividade baseada em instituições, mas busca a personificação de sua política. A ideia de criar heróis e de se posicionar como mito foi parte da campanha eleitoral em 2018 e pode ser apontada como um culto ao heroísmo, item 11 do fascismo eterno (ECO, 2018).

Por esse motivo o próximo capítulo vai traçar um breve histórico político de Jair Bolsonaro no intuito de evitar o argumento de que sua eleição é um fenômeno isolado. A argumentação de compreender Bolsonaro precisa ir além do fenômeno e do acontecimento eleitoral, pois existem conjunturas e cenários políticos que impulsionam candidatos como Bolsonaro. Cenário de crise e de fragilização da classe média propiciam momentos como esses (ECO, 2018).

## 4 BOLSONARO: O PROTAGONISTA DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

Bolsonaro possui uma retórica com elementos fascistas (ECO, 2018), conforme apontado nos capítulos anteriores. Além disso, é conhecido por ser ex-militar e representar valores conservadores e sustentar falas contra grupos minoritários, criando conflitos e discursos que estão baseadas na estrutura da pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018).

Dado esse contexto, tanto a eleição de Bolsonaro quanto o seu descaso em relação à saúde pública durante a pandemia de COVID-19 não são coincidências: são elementos da prática política de Bolsonaro. Logo, o presente capítulo tem como objetivo apresentar os elementos que sempre fizeram parte do histórico de Bolsonaro e não podem ser apontados como parte de um fenômeno e sim como constituintes e indissociáveis da história do mesmo em sua trajetória na política e democracia brasileira.

Essa introdução está sustentada de forma mais aprofundada no “APÊNDICE A – Complemento de pesquisa sobre Jair Bolsonaro” e não será resgatada aqui por se tratar de uma revisão sistêmica de teses e dissertações sobre Bolsonaro. O diferencial do presente capítulo é buscar compreender o exercício da política de Bolsonaro e não atrelar sua eleição a um momento ou considerar que se trata de algo isolado.

### 4.1 A HISTÓRIA DE JAIR BOLSONARO

Jair Messias Bolsonaro é natural de Glicério, mas seu registro é de Campinas, São Paulo, de acordo com o livro de Flavio Bolsonaro, *Jair Messias Bolsonaro: mito ou verdade* (2017). Esse registro aconteceu dessa forma porque, segundo os costumes da época, “só tinha futuro quem era registrado em cidades maiores”. Em relação a sua trajetória militar e política, Bolsonaro fez ambas as carreiras no estado do Rio de Janeiro.

No ano de 1977, Bolsonaro finalizou o curso de formação de oficiais e paraquedismo militar da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e, em 1983, formou-se em Educação Física na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro, localizada em Resende, Rio de Janeiro. Nesse curso, Bolsonaro teve contato com a frase “Brasil,

acima de tudo” (CASALI, 2018) inspirada na frase “Deutschland über alles”,<sup>44</sup> (SILVA JÚNIOR; FARGONI, 2020), que inspirou o *slogan* da campanha para presidente de 2018 “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Figura 25 – Artigo de Bolsonaro para a revista *Veja*

**Ponto de Vista**

## O salário está baixo

Capitão Jair Messias Bolsonaro

**H**á poucos dias a imprensa divulgou o desligamento de dezenas de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira. Em nome da verdade, é preciso esclarecer que, embora tenham ocorrido efetivamente casos residuais envolvendo a prática do homossexualismo, consumo de drogas e mesmo indisciplina, o motivo de fundo é outro. Mais de 90% das evasões se deram devido à crise financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro. Uma crise e uma falta de perspectiva profissional cujos reflexos de desestímulo já atingem a Academia das Agulhas Negras, celeiro histórico da oficialidade da força terrestre — que hoje se encontra ameaçada.

É de conhecimento de todos que o funcionalismo público vem sofrendo muito nos últimos anos. Já no subterfúgio da concessão da semestralidade, a inflação anual referente a 1983 foi dividida: uma parte do reajuste foi concedida em 1.º de janeiro de 1984 e a outra em 1.º de julho do mesmo ano. Esta última data serviu de base da nova referência para os reajustes seguintes. Com isso, a inflação do primeiro semestre de 1984 foi simplesmente considerada absorvida — ou zerada — para os funcionários públicos. Agora, na Nova República, novamente sofremos uma grande perda salarial: a maioria dos trabalhadores, através de lutas sindicais que nos são expressamente proibidas, gozava de adiantamentos, trimestralidade, bônus e outros ganhos que foram incorporados aos salários. Como não tínhamos esse privilégio, perdemos novamente o equivalente a três meses de inflação na época em que ela corroía consideravelmente o poder aquisitivo da população. Curiosamente, a reposição que nos foi negada beneficiou a quase totalidade dos funcionários das empresas estatais.

Como capitão do Exército brasileiro, da ativa, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos. Uma rápida passada de olhos na tabela de salários do contingente que inclui de terceiros-sargentos a capitães demonstra, por exemplo, que um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe — incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de tropa, representação e moradia, descontados o fundo de saúde e a pensão militar — exatos 10 433 cruzados por mês. Um terceiro-sargento, com o mesmo tempo de permanência e os mesmos adicionais, não passa dos 4 134 cruzados. Estes números, aliás, pertencem a um universo salarial cuja mobilidade — ou perspectiva de ascensão profissional e hierárquica — pode ser medida com dois exemplos: um sargento, para atingir a faixa salarial de um aspirante a oficial, deve ter no mínimo 24 anos de serviço. E um aspirante a oficial, para chegar a major, deve necessariamente ter, no mínimo, quinze anos de quartel, contados a partir da data de sua declaração a aspirante.



Esse quadro é a causa sem retoques da evasão, até agora, de mais de oitenta cadetes da AMAN. Eles solicitaram desligamento. Não foram expulsos, como sugere o noticiário. Afinal, um homem que dedica os melhores anos de sua vida à carreira militar, enfrentando, nos corpos da tropa, um ritmo de trabalho não inferior a 48 horas semanais, com serviços aos sábados, domingos e feriados, instruções noturnas, marchas, acampamentos e outras atividades típicas da vida dos quartéis, não pode simplesmente pensar em patriotismo — como querem muitos — quando não pode sequer sonhar em constituir condignamente uma família.

Nas constantes transferências a que somos submetidos, para os mais distantes pontos do Brasil, sempre estamos sujeitos a aluguel residencial. Com exceção de Brasília, raras são as unidades que oferecem residência a oficiais e sargentos. Como o aluguel, no mercado, quase nunca é inferior a 5 000 cruzados, um capitão casado se vê diante da sombra da catástrofe quando planeja seu orçamento familiar. Com cerca de 60% do salário comprometido apenas com a moradia, restam-nos 4 500 cruzados para educação dos filhos, alimentação, transporte, lazer, vestuário, fardamento etc. Isso é deprimente para um oficial que tem curso superior e, quase sempre, vários cursos militares.

Não pleiteio aumento salarial. Reclamo — como fariam, se pudessem, meus colegas — um vencimento digno da confiança que meus superiores depositam em mim. Muitos reclamam da não tributação do imposto de renda sobre os vencimentos brutos dos oficiais e sargentos. Ora, se isso ocorresse, depariaríamos com a inconcebível circunstância de um aspirante a oficial do Exército — homem de elite e cheio de sonhos de carreira — ter que sobreviver com menos de 5 000 cruzados mensais. Um salário inferior ao de muitos técnicos e funcionários sem qualificação de muitas estatais, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Petrobrás.

Torno público este depoimento para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo na massa de profissionais preparados para defendê-lo. Corro o risco de ver minha carreira de devoto militar seriamente ameaçada, mas a imposição da crise e da falta de perspectiva que enfrentamos é maior. Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as necessidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não sofro de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo.

Jair Messias Bolsonaro é capitão de artilharia do 8.º Grupo de Artilharia de Campanha, para-quedaista, 31 anos, casado e pai de três filhos.

154

VEJA, 3 DE SETEMBRO, 1986

Fonte: (O ARTIGO..., 2020).

A sua trajetória militar, assim como a trajetória política é envolvida por polêmicas. Enquanto militar, em setembro de 1986, Bolsonaro escreveu um artigo para revista *Veja* no qual criticava os salários e argumentava que as evasões de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras aconteceram devido aos baixos

<sup>44</sup> “Alemanha, acima de tudo”, frase que consta na primeira estrofe do hino da Alemanha nazista de Hitler.

salários (CARVALHO, 2019). Após a publicação do artigo na revista, representado na Figura 25, Bolsonaro foi punido com 15 dias de prisão disciplinar. A infração foi considerada grave de acordo com o Supremo Tribunal Militar. Os militares consideraram que o artigo feria a honra e o pundonor militar (O ARTIGO..., 2020). Nota-se aqui, a primeira manifestação pública e política de Bolsonaro que vai ao encontro dos interesses dos militares de baixa patente e descontentes com os salários. Percebe-se aqui uma dinâmica de conflito.

Em relação à estrutura dos argumentos do artigo escrito por Bolsonaro, alguns aspectos merecem destaque. Primeiramente, o fato de escrever para a mídia com o objetivo de publicar a “verdade” sobre os fatos, deslegitimando uma matéria que foi escrita anteriormente pela *Veja* sobre a prática de homossexualismo, consumo de drogas e indisciplina em quartéis. Bolsonaro enviou o artigo para a revista e culpou a crise financeira e de desvalorização dos militares para então afirmar que essas situações causavam o abandono da farda. Nota-se nessa postura duas características que são sutis nesse texto, mas voltam de maneira muito expressiva na campanha para presidente em 2018: a crítica em relação à imprensa e a transgressão das leis e da ordem. Cabe ressaltar que Bolsonaro recebeu mais de 150 telegramas, mensagens de solidariedade em relação a sua fala na revista *Veja*. Uma onda de protestos de mulheres de oficiais aconteceu em solidariedade à prisão, que consideravam injusta (CARVALHO, 2019).

A estratégia de visibilidade através do conflito foi utilizada por Bolsonaro com frequência. Um ano depois, em 25 outubro de 1987, Bolsonaro esteve envolvido em outra matéria com a revista *Veja* na qual afirmava que iria explodir bombas em quartéis do exército caso não fosse atendida a expectativa de aumento salarial superior a 60%. O objetivo com a ação era deslegitimar o ministro do exército Leônidas Pires Gonçalves perante o presidente e evidenciar que ele não tinha controle sobre suas tropas (CARVALHO, 2019). Após a publicação da matéria na qual Bolsonaro explicava o plano, o ministro Leônidas concedeu uma entrevista na qual acusou a revista *Veja* de mentir. Disse que todas as declarações eram falsas e acreditava que Jair Bolsonaro e Fábio Passos da Silva não tinham envolvimento com qualquer plano ou ação contra os militares. Porém, de acordo com as provas apresentadas pela revista, ambos eram responsáveis pelas declarações e detalhamento do plano (O ARTIGO, 2020).

Após a fala de Leônidas enquanto militar, na edição de 4 de novembro de 1987, a *Veja* publicou uma nova matéria detalhando o que havia sido narrado por Bolsonaro

com um esboço feito de próprio punho sobre o posicionamento das bombas e sobre como aconteceria a evacuação e as explosões nos quartéis, o título da matéria era “O ministro do Exército acreditou em Bolsonaro e Fábio, mas eles estavam mentindo”. Após a publicação dessa matéria Bolsonaro foi processado e absolvido pelo Supremo Tribunal Militar (STM).

Na época, o STM concluiu que os laudos de perícia eram inconclusivos. De acordo com os autos do processo, dois pareceres comprovavam que o desenho publicado na revista era de Bolsonaro, outros dois eram inconclusivos. Essas afirmações foram verificadas pelo jornalista Carvalho (2019) após analisar mais de 700 páginas de processo e 31 arquivos entre gravações e laudos. O que o histórico dos processos evidencia, é o fato de que existiam dois laudos da perícia que acusavam Bolsonaro, um do Exército e outro Polícia Federal, ambos confirmavam a participação de Bolsonaro no planejamento. Entretanto, terceiro laudo foi considerado inconclusivo em função de se tratar de um xerox do desenho original e para perícia só é válido o desenho original. Em relação ao quarto laudo, inconclusivo, foi inventado por Bolsonaro, mas não existe no processo e jamais foi anexado.

Logo, o que o histórico do caso apresenta é que o juiz Sérgio de Ary Pires, relator do caso, incorporou a versão de laudos inconclusivos apresentada por Bolsonaro em sua defesa e votou a favor da absolvição do capitão (CARVALHO, 2019). Posteriormente, a votação final com os 13 ministros da Suprema Corte Militar ficou com o placar de 9 a favor de Bolsonaro e 4 votos contra. Esse caso se faz pertinente para analisar como o capitão tem histórico de conflito dentro do próprio exército, bem como a impunidade em relação as suas ações. Existe uma convivência hierárquica e corporativista que não pune militares.

Nota-se aqui, uma possível condescendência ao absolver Bolsonaro, tratando-se de militares que são julgados entre pares e não são condenados ou responsabilizados por sua fala em função de serem julgados por iguais. Para Zaverucha e Filho (ZAVERUCHA; MELO FILHO, 2004), conforme o país é mais autoritário ou menos democrática for a democracia em questão, maior a abrangência da jurisdição militar e sua capacidade de interferir no controle social da população civil. Os autores alegam que o STM serve como apoio jurídico aos interesses das forças armadas e citam o desfecho do caso Riocentro.

O atentado do Riocentro foi um evento em que militares explodiram bombas com a finalidade de incriminar grupos da esquerda, mas em uma tentativa frustrada o

plano causou a morte de um sargento e feriu gravemente um outro oficial. O plano original era explodir três bombas, porém, falhou e, mesmo assim, o capitão Wilson Dias Machado, responsável pelo plano, foi inocentado (FILHO, 2021).

A impunidade é um dos históricos que reforçam e permitem que Bolsonaro se sinta confortável para ter falas contra minorias, por exemplo. Ao ser inocentado, Bolsonaro foi aposentado compulsoriamente do exército (CARVALHO, 2019), mas, em função de sua popularidade, isso serviu como base eleitoral para seu discurso que, com o tempo, foi reforçado pela estratégia com base no conflito (NETO, 2019).

Cabe ressaltar que uma característica recorrente na história do Brasil é a ausência de punição para militares. Somente na história republicana brasileira existiram 48 anistias, a primeira em 1895 e o registro da última é de 1979 e, majoritariamente, com fins de conciliação social (TELES; VLADIMIR, 2011).

Historicamente, o Brasil falha ao garantir direitos civis básicos. É comum ver manifestações de racismo ou gestos de homofobia, fora o ataque aos grupos minoritários (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Soma-se a esses elementos a impunidade de militares. É natural que exista uma tendência de repetir o equívoco de eleger pessoas autoritárias. Bolsonaro representa uma parte conservadora da sociedade que não aceitou a democratização de serviços e certa ascensão social de classes desfavorecidas, bem como o acesso às universidades (SOUZA, 2019).

#### 4.2 BOLSONARO DE 1987 ATÉ 2017

Para analisar os mandatos de Jair Bolsonaro e sua trajetória política foi realizada uma busca em artigos e materiais acadêmicos que discutissem as polêmicas envolvendo o presidente. O material mais completo encontrado trabalha 536 matérias jornalísticas envolvendo Bolsonaro ao longo de 30 anos de trajetória pública e política entre os anos de 1987 e 2017 nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (NASCIMENTO *et al.*, 2018). De acordo com os autores, são os jornais de maior repercussão e relevância nacional.

Os assuntos de mais destaque nas publicações analisadas foram: pautas contra direitos humanos,<sup>45</sup> falas contra povos e comunidades indígenas, apologia à

---

<sup>45</sup> Entende-se como falas contrárias aos direitos humanos: anti-LGBT, refugiados, acusações de pedofilia, racismo, machismo, falas contra liberdade de expressão, ataque aos defensores dos direitos humanos.

tortura e à violência, apologia à pena de morte, apologia à ditadura e ao golpe militar, campanha à presidência de 2018, combate à corrupção, fala por direitos dos militares, militarização da sociedade, política externa e outros.<sup>46</sup> A maioria desses assuntos, que acompanharam Bolsonaro ao longo de 30 anos, fazem parte de uma retórica baseada em pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018), sectária e conservadora de sua trajetória política (FLORIANO, 2018). Remetem aos elementos que são a base da estrutura de sua campanha em 2018 (GALVÃO, 2019), caracterizando-se majoritariamente pela polarização e pelo conflito constante (NETO, 2019).

Logo, esses assuntos merecem ser destacados. Em especial, porque refletem a polarização política que começa a ser percebida nas redes em 2010 (MARTINI, 2011) com a disputa entre Dilma e Serra, que é acentuada após as manifestações de 2013 (AMORIM; ANGONESE, 2013; FLORIANO, 2018) e eleições de 2014, mas que tem o seu momento de ruptura com o impeachment de Dilma, em 2016 (FRIGO, 2018). De maneira institucional, o conservadorismo é legitimado com a posse de Bolsonaro em 2019, símbolo do discurso historicamente autoritário e de ódio (SILVA, 2020).

Portanto, tendo em vista a carreira política de Bolsonaro, os tópicos mapeados por Nascimento *et al.* (2018) em sua pesquisa de 30 anos sobre a trajetória política de Bolsonaro embasarão os comentários e dados a seguir sobre os mandatos de Jair Bolsonaro até sua eleição.

Enquanto deputado federal, Bolsonaro passou pelos seguintes partidos: Partido Democrata Cristão (PDC), de 1988 até 1993, quando a sigla optou por se fundir ao Partido Democrático Social (PDS) e, juntos, fundaram o Partido Progressista Reformador (PPR), onde Bolsonaro ficou entre os anos de 1994 e 1995. Entre 1995 e 2003 o partido se chamou Progressista Brasileiro (PPB) e, depois, de Partido Progressista (PP) (VIZEU, 2019). Bolsonaro ficou entre 1994 até 2014 na sigla e, posteriormente, em 2016, foi para o partido do PSC e se lançou como pré-candidato pelo partido.

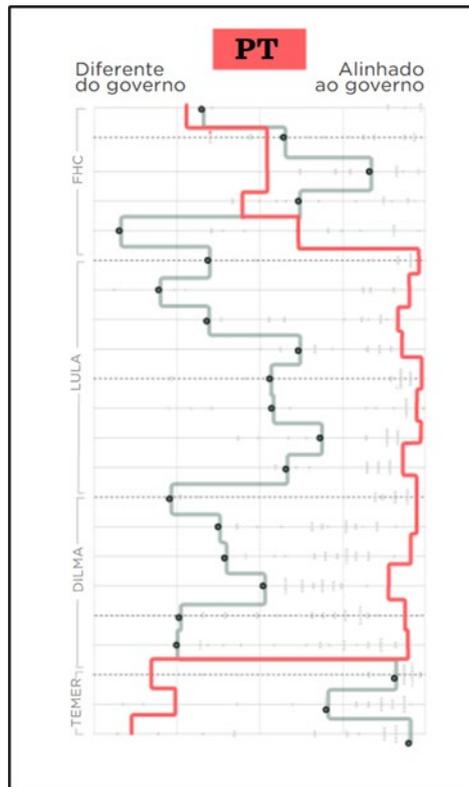
Em 2018, aconteceu a última mudança de sigla por parte do atual presidente: optou pelo PSL. Já no ano de 2019, saiu da sigla e nos anos de 2020 e 2021 governou sem filiação partidária. Esse breve retrospecto serve para reforçar a ideia de que

---

<sup>46</sup> A categoria de “outros” foi definida pelos autores para pontuar elementos que não fossem possíveis de classificar.

Bolsonaro iniciou como deputado em um partido que com origens militares, como o PDC, que descende da extinta Arena<sup>47</sup>. Ou seja, historicamente Bolsonaro nunca representou valores novos ou perspectivas inovadoras. A sua eleição em 2018 a princípio contou com uma narrativa bem construída e que estava baseada em um sentimento de revolta (SOUZA, 2019).

Figura 26 – Matéria do Jornal Nexo sobre a comparação dos votos de Bolsonaro com a média dos votos do PT ao longo do governo de Fernando Henrique Cardoso até o final do governo Temer. Linha vermelha, votos do PT, linha cinza, votos de Bolsonaro



Fonte: Nexo.<sup>48</sup>

Em relação aos 26 anos como deputado, de 1991 até 2017, Bolsonaro apresentou 172 projetos, mas aprovou apenas dois. São eles: a) proposta que estendia a isenção de Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática e automação; e b) projeto tratava da utilização da fosfoetanolamina sintética para pacientes diagnosticados com neoplasia maligna. A substância indicada

<sup>47</sup> Arena é o extinto partido da Aliança Renovadora Nacional, um dos dois únicos partidos que existiram durante a ditadura militar entre os anos de 1966 e 1979. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/partidos-politicos>. Acesso em: 1 maio 2022.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/04/22/Como-Bolsonaro-votou-nos-ultimos-20-anos-na-Camara>. Acesso em: 6 abr. 2021.

no segundo projeto ficou popularmente conhecida como “pílula do câncer” e à medida que autorizava seu uso foi suspensa pelo Supremo Tribunal Federal (STF) meses depois (MARINI, 2018). Porém, percebe-se no caso da “pílula do câncer” um paralelo direto com a cloroquina e outras substâncias que seriam utilizadas durante a pandemia da COVID-19 como estratégia de desinformação (RECUERO; SOARES, 2020<sup>a</sup>).

Analisando a matéria do *Nexo* (SOUZA; ALMEIDA; ZANLORENSSI, 2019), presente da Figura 26, observa-se todas as votações entre 1998 e 2018, contabilizando 3.352 votações. Através desses dados é possível fazer uma leitura contextual sobre os governos e como Bolsonaro se comportou em cada um deles. Falando especificamente da relação com o Partido dos Trabalhadores, percebe-se uma diferença sobre a postura ideológica de Bolsonaro e do PT, que fica muito evidente após o fim do governo de Lula. Entre os anos de 2002 e 2010 Bolsonaro teve uma postura de extrema direita em relação ao PT e sempre foi oposição em relação ao governo. No período do governo Lula, Bolsonaro está com frequência desalinhado ao governo. Mesmo que esteja mais ao centro, Bolsonaro é sempre extremo quando comparado aos demais deputados.

Logo, para entender o papel que Bolsonaro desempenha é necessário analisar a evolução das pautas de cunho conservador ao longo dos anos após a redemocratização. Primeiro, analisando a influência dos partidos políticos da ditadura Arena e MDB, o ano de 1982 contou com mais de 80% de ex-parlamentares ligados a eles. Depois, em 2002, apenas 20% dos deputados federais tinham passado por esses partidos, ou seja, uma queda da política tida como tradicional (MADEIRA, 2006) e apelidada de “direita envergonhada” por Quadros e Madeira (QUADROS; MADEIRA, 2018). A direita deixou de ser protagonista depois da eleição do PT e passou a ocupar um papel secundário no cenário nacional.

Até o final dos anos 2000 a direita vai permanecer discreta. Porém, é após o ano de 2010 que existe uma mudança: as pautas conservadoras ganham força e somada a instabilidade política, é nesse momento que a direita surge de maneira conservadora e organizada por assuntos morais ou ligados e à violência, nunca à liberdade de mercado (POWER; ZUCCO JR., 2009). A nova direita assume, tem representantes evangélicos e, também, políticos que defendem a liberação de armas para a população (QUADROS; MADEIRA, 2018). Esse segundo é o perfil no qual

Bolsonaro faz parte: um político eleito por assumir a pauta armamentista como prioridade e que ganhou força após a crise e manifestações de 2013.

É necessário perceber como essas pautas conservadoras encontram relações com os assuntos nos quais a agenda política de Bolsonaro fez uso ao longo de mais de 30 anos de trajetória política. O momento político conservador pode ser considerado como um potencializador de Bolsonaro que colocou Paulo Guedes como Ministro da Economia para ganhar apoio do mercado, representando desejos políticos de uma elite econômica.

De acordo com os autores Saad-Filho e Boffo (2020), que analisam o movimento que elegeu Bolsonaro, trata-se de uma corrente autoritária e liberal que está sustentada em quatro pilares: a convergência de insatisfações em 2013, um discurso de elite que está apoiado pela classe média e que também ressoa na extrema direita hegemônica que ocupa debate público com uma base sólida. O outro ponto seria a ideia de que a esquerda enquanto oposição está fraca devido a sua falta de projeções sobre o futuro.

Trazendo essa discussão para o primeiro semestre de 2020, objeto de estudo desse trabalho, Bolsonaro trocou três vezes de ministros da Saúde, protagonizou aglomerações e utilizou o conflito como instrumento para discordar de autoridades. A estratégia de criar notícias e discussões simplórias com a finalidade de conflito foi sua principal estratégia para vencer as eleições de 2018 e se firmar como político antissistema (NETO, 2019) e retornou durante o seu mandato, constantemente no intuito de confundir o debate público.

Essa lógica de ser externo ao poder faz sentido em sua narrativa, que busca deslegitimar as instituições. Como exemplo, Recuero (2021) sinaliza em seu relatório o fato de que a saúde fica em segundo plano e a política é a prioridade. A narrativa de polarização e de que é impedido de governar, é uma lógica que faz sentido para seus apoiadores bolsonaristas, de acordo com Marcos Nobre (2020), pois o bolsonarismo é a negação da racionalidade. Algo que nos capítulos anteriores foi identificado, mas com a finalidade de criar a própria verdade através da pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018).

Um exemplo desse raciocínio baseado em conflito está exposto no livro *O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel* (2019) que narra a trajetória de Bolsonaro no exército e descreve o seu desentendimento com superiores

(CARVALHO, 2019). É um exemplo de como criar inimigos para justificar ações é parte integrante da construção da figura política de Jair Bolsonaro.

Entender a pandemia como parte da estratégia de comunicação de Bolsonaro para prática da desinformação é fundamental para evidenciar quais as relações entre o que Bolsonaro fala e faz enquanto presidente em relação à saúde pública. Esse movimento permite discutir as possíveis estratégias de desinformação presentes no discurso de Bolsonaro.

Dessa forma, vê-se que a saúde para Bolsonaro é tratada no discurso e não em seu conteúdo, porque o conteúdo está ligado a pós-verdade e não produz conhecimento. Exemplo desse argumento é quando ele expressa na pandemia a necessidade de combater o vírus como um homem e não como um moleque (ADRIANA FERRAZ, 2020). Essa fala estabelece uma relação de proximidade em relação a morte e permite resgatar Mbembe (2018), se consideramos a política uma forma de guerra é necessário perguntar: “Que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?” (MBEMBE, 2018, p. 7). Nessa mesma argumentação, o item nove do ur-fascismo proposto por Eco (2018) aponta para a guerra permanente.

O ano de 2020 ficou marcado pela COVID-19, assim como 2021 e, possivelmente, os anos subsequentes ainda terão desdobramentos em relação à doença. De acordo com os dados do Ministério da Saúde, cerca de 661.796 pessoas morreram em função do coronavírus até o dia 15 de abril de 2022. Diante dessas informações é possível inferir de antemão, por exemplo, que houve necropolítica em relação aos dados coletados e às ações tomadas pois, em momento algum são registrados e contabilizados o número de mortes com um recorte racial (SANTOS, H. L. P. C. Dos *et al.*, 2020). Porém, essa política não é surpresa porque historicamente Bolsonaro produziu discursos racistas, conforme argumentos citados ao decorrer do trabalho.

Este número expressivo de mortos trouxe consequências políticas no que diz respeito à postura do governo e dividiu a população entre aqueles que apoiam o isolamento social como medida de saúde pública e aqueles que são contra o isolamento com o argumento de perdas financeiras ou crise econômica (PEREIRA; MEDEIROS; BERTHOLINI, 2020). Porém, essa polarização se mostra como uma falsa dicotomia entre saúde e economia (BORGES, LUNA; PALÁCIOS, MARISA;

REGO, 2020) alimentada de maneira incisiva pelo presidente (PEREIRA; MEDEIROS; BERTHOLINI, 2020, p. 954).

Essa breve contextualização sobre a polarização e a necropolítica se deve ao fato de que o líder do executivo disputa uma narrativa sobre a pandemia através do conflito. Ou seja, prioriza economia em sua comunicação e não a saúde, contrariando especialistas e comprometendo a saúde pública (ORTEGA; ORSINI, 2020). De acordo com relatório publicado em 2021, realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA), da Universidade de São Paulo (USP), em conjunto com a organização Conectas Direitos Humanos, foram analisados mais de 3.000 leis e normas restritivas referentes à pandemia. O relatório concluiu que existiu uma escolha deliberada por parte do governo federal para permitir a circulação do vírus no ano de 2020, ou seja, a circulação do vírus é uma política legitimada pelo poder do estado e proposital (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021).

Considerando que a atitude de escolher e permitir que o vírus circule é uma decisão de estado e que diz respeito ao poder público, trata-se de uma política denominada como necropolítica (MBEMBE, 2018). Conforme apresentado anteriormente, o poder público é diretamente responsável por sua população e o exercício do seu poder escolhe quem vive e quem morre. O mesmo vale para quem tem/terá acesso à saúde e direitos básicos. Enquanto líder do país, Bolsonaro posicionou o general Pazuello em maio de 2020, ainda ativo no exército, como Ministro da Saúde e alegou necessidade de logística para lidar com vírus. Entretanto, o que se viu foi uma precarização da saúde, tendo em vista que, em maio de 2021 o Brasil chegou a ter mais de 4 mil mortes por dia em função do coronavírus (BRASIL, 2022<sup>a</sup>).

Para compreender a figura do presidente enquanto agente polarizador e executor do necropoder (MBEMBE, 2018) é necessário retroceder, entender a origem política de Bolsonaro e suas influências enquanto figura pública e principal responsável por criar uma crise baseada na ineficácia do estado durante a pandemia (ORTEGA; ORSINI, 2020). Além da ausência de planejamento no combate à pandemia, é característico do governo de Bolsonaro a militarização de setores como o Ministério da Saúde, que deveria estar sob cuidados de um profissional qualificado na área (PFRIMER; BARBOSA, 2020). Destaca-se que a militarização de setores civis é uma das características da necropolítica.

A presente seção apresentou o histórico de Bolsonaro e suas principais características presentes em seu discurso militar e político. Essa estrutura foi

determinante para pontuar Bolsonaro como um político de extrema direita e conservador desde o seu início na carreira política. Resgatar o histórico de um presidente como Bolsonaro é evidenciar que não existe coincidência em sua política. Suas atitudes são pensadas e estruturadas de acordo com valores pessoais.

## 5 METODOLOGIA E ANÁLISE

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a estratégia metodológica adotada para a pesquisa e a análise do objeto em questão. Ambas – metodologia e descrição analítica – utilizam como base o banco de dados citado em diferentes momentos do trabalho e que soma 8.204 publicações de Bolsonaro no Twitter, entre 31 de março de 2010 até 1º de julho de 2020.<sup>49</sup> A análise em específico, está dividida em três grandes etapas, todas alusivas à saúde, são elas: a) análise do histórico de Bolsonaro sobre saúde entre os anos de 2010 e 2020<sup>50</sup>; b) análise dos dados das postagens de Bolsonaro no Twitter durante o primeiro semestre de 2020; e c) o que é falado no Twitter de acordo com cada mês no primeiro semestre de 2020 (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021).

Cabe destacar que o presente trabalho está baseado na Análise de Discurso proposta por Orlandi (2005). Para a autora, em resumo, a análise só existe através da interpretação. Outro aspecto, é o fato de que a descrição do objeto de análise se dá com base nos referenciais teóricos (ORLANDI, 2005). Nesse trabalho, os principais referenciais são: desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018), necropolítica (MBEMBE, 2018), ur-fascismo (ECO, 2018) e características hipertextuais (XAVIER, 2015).

A Análise de Discurso (ORLANDI, 2005) neste trabalho é guiada por um recorte estruturado em dados que está baseado em uma estratégia metodológica denominada *The inverted pyramid of data journalism* (BRADSHAW, 2011) que pode ser utilizada como base para textos orientados por jornalismo de dados. Em tradução livre, a pirâmide invertida de dados trabalha com cinco grandes características: a) compilar, b) limpar, c) contextualizar, d) combinar e e) comunicar.

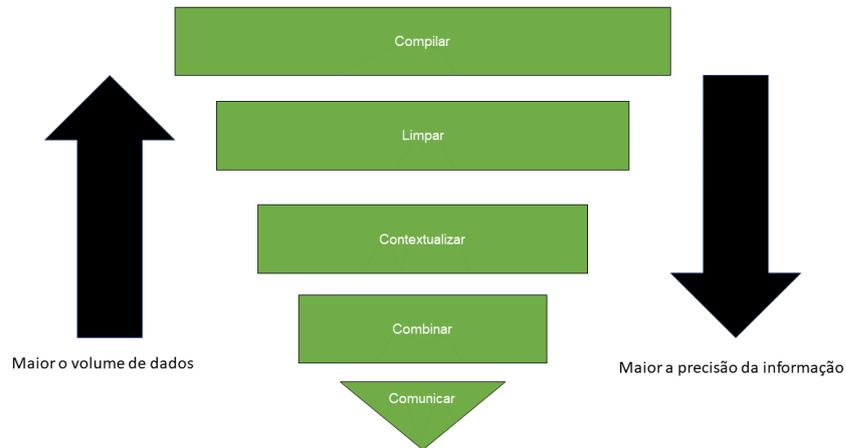
---

<sup>49</sup> Link com o banco de dados utilizado:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1f0m1VAI4NB1haHMEuXME5u4QwuxycE9F6JkAoTVFgP8/e/dit?usp=sharing>. Acesso em: 25 abr. 2022.

<sup>50</sup> As figuras 80, 81 e 82 são mapas mentais referente as etapas a, b e c e podem auxiliar na leitura da estratégia metodológica proposta.

Figura 27 – Pirâmide invertida de dados



Fonte: Adaptado pelo autor de Bradshaw (2011).

Compilar diz respeito a coleta do banco de dados entre 31 de março 2010 até 1º de julho de 2020. Limpar, neste trabalho, é a padronização dos dados e garantir a leitura segura para uma interpretação consistente e correta, no caso desse recorte foram estruturadas as colunas do banco de dados para privilegiar a linearidade dos dados. Contextualizar é a descrição desse banco de dados e sua metodologia, nesse caso a coleta de dados diz respeito aos dados públicos disponibilizados pelo Twitter (2021) que nesse caso são: número de registro do tweet na plataforma, usuário, data, horário, *tweet*, número de *likes*, número de *retweets*, número de respostas e link do *tweet*. Combinar é a etapa em que esses dados são ajustados para agrupar a metodologia de Wardle e Derakshan (2017), trata-se de um movimento de adaptação metodológica, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Adaptação da classificação de Wardle e Derakshan (2017), etapa de combinação (BRADSHAW, 2011)

	1- Número do Tweet	De 1 até 353			
	2- @ citado	Todas as menções de Bolsonaro			
Dados Gerais	3- Observações complementares	Informações que sejam complementares e pertinentes ao Tweet, por exemplo, sinalizar se o link está funcionando ou não			
	4- Tweet	Conteúdo de texto do Tweet			
	5- Link	Link para o Tweet original			
	6.1- Tipo de Tweet?	Thread	Tweet Sozinho		
Tipo de tweet e sua relação com o objeto de pesquisa do trabalho	6.2 - Contém @minsaude?	Sim	Não		
	6.3 - Contém saude?	Sim	Não		
	6.4 - Envolve saude?	Sim	Não		
	7.1- Horário do Tweet	hora/minutos			
Informações sobre data	7.2- Dia	Dia da semana de segunda até domingo			
	7.3- DATA	dd/mm/aaaa			
	7.4- Semana	De 1 até 48, intervalo de semanas do ano			
	8.1- Curtidas	Número total de curtidas no Tweet			
Dados relacionados a métrica da plataforma do Twitter	8.2 - Retweet	Número total de Retweets do conteúdo			
	8.3 - Respostas	Número total de respostas			
	8.4- Engajamento	Número de Respostas + Curtidas+ Retweet = Engajamento			
	8.5- % de engajamento do mês	Utiliza-se o valor de engajamento da publicação e divide-se pelo total mensal 100%			
	9.1- Fotografia	Sim	Não		
Características de convergência de linguagens do hipertexto (XAVIER, 2015)	9.2- Vídeo	Sim	Não		
	9.3 - Texto	Sim	Não		
	9.4 - Link	Sim	Não		
	9.5- Texto na Imagem	Sim	Não		
	9.6- Retweet	Sim	Não		
	10.1- Covid ou corona	Sim	Não		
Relação específica com saúde	10.2- Cloroquina	Sim	Não		
	10.3- Vacina	Sim	Não		
	10.4- Possui relação com normas jurídicas?	Sim	Não		
	11- Informa?	Sim	Não		
	12.1- Informação Incorreta	Sim	Não		
	12.2- Desinformação	Sim	Não		
	12.3- Informação má	Sim	Não		
	13.1.1 - Agente - Autor	Oficial	Não Oficial		
	13.1.2 - Nível da organização	Nenhuma	Sozinho	Pequena	Em rede
	13.1.3 - Tipo de Motivação	Financeira	Política	Social	Psicosocial
	13.1.4 - Nível de automação	Humana	Cyborg	Robô	
Classificação da Desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017)	13.1.5 - Público da Mensagem	Membros	Grupos Sociais	Sociedades Inteiras	
	13.1.6 - Intensão de ferir	Sim	Não		
	13.1.7 - Intensão de causar desinformação	Sim	Não		
	13.2.1- Duração	Longa duração	Curta duração	Baseada em Evento	
	13.2.2- Precisão	Incompleta	Manipulada	Fabricada	Não se aplica
	13.2.3- Legalidade	Legal	Legal		
	13.2.4- Finge ser	Não se aplica	Uma marca	Um indivíduo	Não se aplica
	13.2.5- Alvo da Mensagem	Pessoa	Organização	Grupo Social	Sociedade inteira
	13.3.1- Leitor da Mensagem	Hegemônico	Oposição	Em negociação	Não se aplica
	13.3.2- Ação tomada	Ignorar	Compartilhar em suporte	Compartilhar em oposição	Não se aplica

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Por fim, existe a etapa de comunicação (BRADSHAW, 2011<sup>a</sup>) que está subdividida em: a) visualizar; b) narrar; c) socializar; d) humanizar; e) personalizar; e e) utilizar. A visualização está baseada em comunicar os resultados extraídos através de uma maneira eficaz que será representada pelos gráficos. A narração cumpre o papel de dar sentido aos dados e interpretar essas informações – nesse trabalho é possível compreender a narração com a Análise de Discurso (ORLANDI, 2005). Socializar seria a divulgação em redes sociais digitais e não será aprofundada nesse trabalho. Humanizar, de acordo com Bradshaw (2011), seria a perspectiva de trazer um caso de pessoas em específico e que aborde a representação dos dados, mas não será uma etapa da metodologia trabalhada nesse texto porque diz respeito ao texto jornalístico e o presente trabalho não possui essa característica. A personalização também não é possível porque presume hipertexto (XAVIER, 2015) e o presente trabalho não tem esse objetivo. Utilizar está baseada na premissa de criar uma ferramenta com os dados analisados, algo que não tem relação com os objetivos desse trabalho.

Em relação à análise (ORLANDI, 2005), compreende-se o *tweet* como um gênero discursivo digital (AZEVEDO; PEREIRA, 2021) que será interpretado em três

momentos que pressupõem correlação: a) leitura da superfície linguística do texto do *tweet*; b) interpretação da formação discursiva de um *tweet*; e c) descrição da formação ideológica. Esses elementos serão a base para apontar as relações discursivas de desinformação sobre saúde e que podem ser consideradas saberes da necropolítica e foram adaptados da Análise de Discurso proposta por Orlandi (2005). Essa leitura será aplicada em um procedimento único devido a sua correlação, portanto os itens a, b e c estarão descritos, mas não separados.

Dito isso, para analisar o que Bolsonaro postou sobre saúde durante os anos especificados, inicialmente a pesquisa foi dividida em três etapas e utiliza as etapas de visualizar e narrar (BRADSHAW, 2011a) para complementar a Análise de Discurso (ORLANDI, 2005).

Para a primeira etapa<sup>51</sup> de análise, foi selecionado o período de compilação (BRADSHAW, 2011a) determinado entre 31 de março de 2010 até 1º de julho de 2020. Depois, foi definido que seriam analisados/narrados (BRADSHAW, 2011a) apenas os *tweets* que tivessem a palavra “saúde” com a finalidade de compreensão do discurso (ORLANDI, 2005). Dito isso, o grupo ficou em 200 *tweets*. Por fim, foi feito um resgate anual tendo como foco o principal *tweet* de cada ano, de acordo com critérios específicos elaborados pelo autor, mas levando em conta sempre o engajamento do *tweet*. Ou seja: escolher entre os *tweets* de maior engajamento, de acordo com o referencial teórico apresentado até o momento, qual representava melhor o contexto de Jair Bolsonaro e explicava seu discurso em relação a saúde. Cada ano teve um *tweet* representando esse discurso. Em 2020, verificou-se apenas o primeiro semestre de forma quantitativa, mas o conteúdo não foi aprofundado de forma qualitativa no que diz respeito ao ano de 2020.

A segunda etapa<sup>52</sup> é uma compilação (BRADSHAW, 2011a) de dados com objetivo de analisar/narrar (BRADSHAW, 2011a) o primeiro semestre de 2020, no mesmo banco de dados que foi citado anteriormente, porém, com o seguinte recorte: *tweets* que contivessem a palavra “saúde” ou o “@minsaude”, perfil oficial do Ministério da Saúde no Twitter. Ao todo, foram 353 *tweets* que estão divididos em cinco grandes grupos, são eles:

- a) *tweets* com a palavra saúde;
- b) *tweets* com a palavra saúde em thread;

---

<sup>51</sup> a) análise do histórico de Bolsonaro sobre saúde entre os anos de 2010 e 2020.

<sup>52</sup> b) análise dos dados das postagens de Bolsonaro no Twitter durante o primeiro semestre de 2020.

- c) tweets com o @minsaude;
- d) tweets com o @minsaude em thread;
- e) tweets sem a palavra saúde ou o @minsaude, mas estavam na *thread*.

Após a compilação em grupos, buscou-se uma estratégia metodológica para analisar/narrar (BRADSHAW, 2011a) esse recorte, que mistura princípios de classificação da desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), conforme já apresentado, e que possui o objetivo de mensurar essa desinformação.

Utilizando essa definição, uma série de dados tabelados foram gerados e permitiram agregar valores isolados. A articulação entre a desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e a pirâmide invertida de jornalismo de dados (BRADSHAW, 2011), comporta classificações e, conseqüentemente, agrupamentos/ combinações. Portanto, optou-se por classificar a desinformação, organizar essa base dados e, por fim, descrever a lógica utilizada.

Na segunda etapa, item 5.2, é feita uma leitura semestral da saúde com base nos dados analisados e como eles se relacionam com os dados absolutos do semestre. Logo, existem gráficos que comparam o desempenho de engajamento do semestre de Jair Bolsonaro somando todas as pautas. Em contraponto, é feita uma leitura que compara os 253 tweets com as demais pautas. O objetivo é identificar se o engajamento de Bolsonaro é maior ou menor ao falar de saúde.

Ainda na análise semestral, conforme a classificação (BRADSHAW, 2011; WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), os grupos A, B, C, D e E são analisados individualmente e divididos em publicações informativas e desinformativas. Nessa etapa o objetivo é compreender o discurso presente na publicação de Bolsonaro. Destaca-se que publicação informativa é aquela que permite verificação. Ou seja, *tweet* com número de lei ou fonte de informação com data e *link*. Informações incompletas ou sem a capacidade de verificação foram consideradas desinformação, conforme a metodologia descrita no Quadro 2, apresentando um campo específico para essa classificação.

Por fim, a terceira e última etapa<sup>51</sup> é uma leitura mensal com base nos *tweets* de maior repercussão sobre saúde e tendo como amparo o documento que mapeia as principais normas jurídicas em relação à pandemia. Nele estão pontuados três grupos: a) normas jurídicas; b) atos de obstrução; e c) propaganda (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Nessa etapa, a leitura será uma busca entre os itens apontados no documento e quais deles aparecem nas postagens de Bolsonaro no Twitter. Destaca-

se que o objetivo dessa comparação é mapear uma possível relação entre causa e consequência do que Bolsonaro fala e faz.

### 5.1 ANÁLISE DA SAÚDE DENTRO DO HISTÓRICO DE BOLSONARO

O total de *tweets* de Jair Bolsonaro entre 31 de março de 2010 até 1º de julho de 2020 é de 8.204. Porém, apenas o primeiro semestre de 2020 soma 1.461 *tweets*, ou seja, cerca de 17,8% das publicações de todo o seu histórico de 11 anos de presença no Twitter. Conforme será apresentado ao decorrer das análises, verifica-se que Bolsonaro *tweetou* com o objetivo de gerar desinformação e desviar o foco das críticas. Ou seja, argumentos e narrativas paralelas foram criados para desviar o foco da pandemia, algo típico da pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018).

Filtrando esses 1.461 *tweets*, número total no primeiro semestre, foram selecionados apenas os que estavam relacionados com a temática da saúde. Dessa forma, o número de recorte cai para 353 *tweets* do semestre, cerca de 24% dos 1.461 *tweets*. Porém, quando são selecionados apenas *tweets* com “@minsaude” ou a palavra “saúde”, é possível obter o total de 124 *tweets*, entre *tweets* pertencentes à *threads* ou *tweets* isolados, isso representa cerca de 8,48% dos *tweets*.

No Quadro 3 está o número de menções que Bolsonaro fez a palavra “saúde” ou ao Ministério da Saúde entre os anos de 2010 até 2020<sup>53</sup>, mas sem levar em conta as *threads* completas das quais os *tweets* podem fazer parte ou não.

Quadro 3 – Número de menções a palavra saúde ou ao @minsaude de acordo com os anos

Ano	Número de menções a saúde ou @minsaude	Percentual no total de <i>tweets</i>
2010	0	0%
2011	0	0%
2012	0	0%
2013	1	0,51%
2014	1	0,37%
2015	0	0%
2016	4	0,46%

<sup>53</sup> Levando em consideração que 2020 terá o primeiro semestre aprofundando mês a mês, não foi trabalhado o *tweet* de maior repercussão no ano de 2020, apenas os *tweets* entre 2010 e 2019, mas o número de *tweets* e o percentual que eles representam está presente no Quadro 3.

2017	3	0,29%
2018	17	1,05%
2019	50	2,17%
2020	124	8,48%

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Se faz importante frisar que a primeira vez que Bolsonaro usou a palavra “saúde” em seu perfil do Twitter foi em 2013 e envolvia a tramitação da PEC-293 (BRASIL, 2013) e com uma preocupação política em relação aos militares, não com a saúde em primeiro lugar. Esse foi o único *tweet* sobre saúde no ano e é uma intersecção entre a pauta de médicos e militares, trata-se de uma publicação sobre a cotação de uma Proposta de Emenda Constitucional, na qual, médicos militares podem acumular mais de um emprego. Salientasse-se o fato de que o vídeo, presente no *tweet*, é um recorte da fala de Bolsonaro ao congresso, e está hospedado na conta de Jair Bolsonaro no Youtube. O diferencial dessa publicação é que possui informações complementares na descrição do vídeo, algo pouco comum para as publicações de Jair Bolsonaro. Ao considerar o retrospecto de assuntos pelos quais o presidente ficou conhecido (NASCIMENTO *et al.*, 2018), é possível afirmar que são pautas ideologicamente conservadoras em relação aos costumes e envolvem grupos sociais de vertentes conservadoras, entre eles militares e evangélicos.

Figura 28 –Primeira vez que Bolsonaro cita a palavra saúde em seu Twitter.

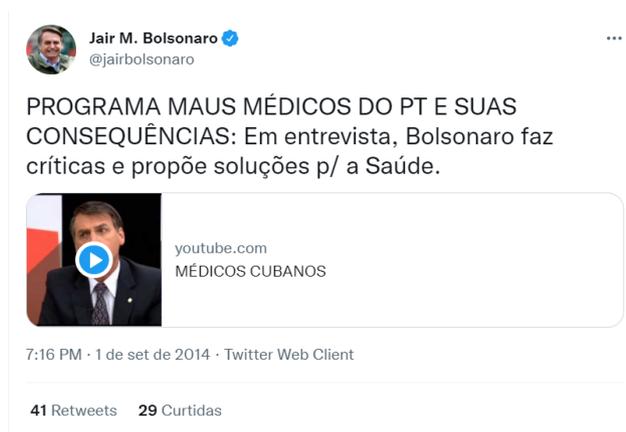


Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>54</sup>

<sup>54</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/412547557324124161>. Acesso em: 20 jan. 2022.

No ano seguinte, em 2014, a única publicação sobre saúde foi uma crítica ao PT e aos médicos cubanos. Conforme a Figura 29, trata-se de um vídeo postado na rede YouTube. No vídeo, Bolsonaro é entrevistado por uma jornalista do canal da TV Câmara, no programa Palavra Aberta. Sobre o conteúdo, destaca-se o fato de que o vídeo é publicado em sua conta pessoal no YouTube e não possui descrição sobre a data, local ou objetivo do programa. O trecho é um recorte do programa e tem uma perspectiva de trazer o protagonismo de ideologia por parte do Bolsonaro. Esse vídeo é um ponto relevante no trabalho pois contradiz uma escolha de Bolsonaro durante a pandemia de coronavírus em 2020, quando optou por manter médicos cubanos no Brasil.

Figura 29 – Única publicação sobre saúde no ano de 2014



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>55</sup>

Tanto em 2013 como em 2014 os vídeos de Bolsonaro carregam semelhanças. Em ambos os casos quem está em evidência é Bolsonaro e ele não é contrariado ou questionado. Percebe-se que seus canais de mídias sociais buscam a centralização do discurso para personificar em Bolsonaro a credibilidade e a legitimidade da fala. Logo, o que é dito possui legitimidade porque é publicado, não é questionado e informa apenas o que é permitido pelo próprio político e evita a contradição.

Em 2015 Bolsonaro não comentou “saúde” em seu perfil de Twitter. Porém, em 2016, foram quatro publicações, dessas, três estavam ligadas a Cuba e ao programa mais médicos em perspectiva de crítica, mas sem a fonte de dados. Dadas as

<sup>55</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/506566302853767168>. Acesso em: 20 jan. 2022.

exposições que foram feitas anteriormente ao decorrer do trabalho, é fundamental lembrar que Bolsonaro é um político que construiu sua trajetória através da criação de inimigos e do combate à esquerda, essência de sua ideologia. As pautas de Bolsonaro estão ligadas ao conflito constante (NETO, 2019). Como exemplo dessa comunicação agressiva, um exemplo de *tweet* pode ser observado na Figura 30.

Figura 30 – Exemplo de *tweet* sobre saúde no ano de 2016



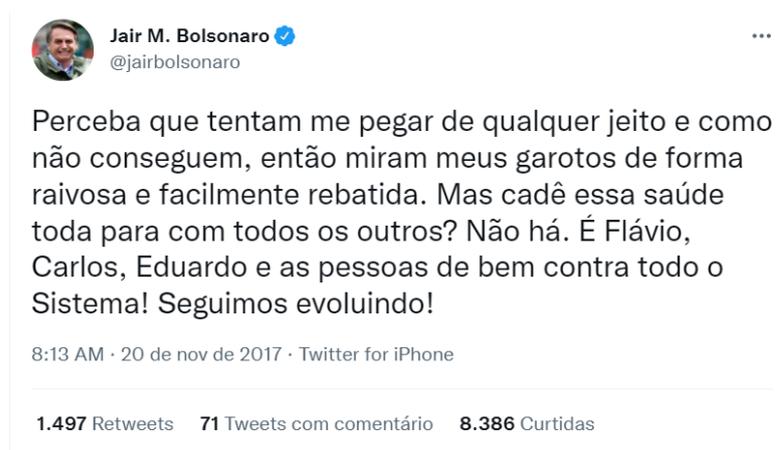
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>56</sup>

No *tweet* de 2016, percebe-se o ataque de Bolsonaro e, mais uma vez, o reforço de uma estratégia de comunicação. Nessa publicação o *link* possui o objetivo de encaminhar o público do Twitter para o Facebook. Novamente o vídeo não possui fontes claras de informação com base em documentos, mas traz depoimentos e recortes de reportagens com o objetivo de criar uma narrativa que tem o Bolsonaro como seu apresentador. Esse elemento de criar conteúdos sem embasamento é o principal eixo da pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018) porque exemplifica a estratégia ideológica de Bolsonaro para dialogar com seus eleitores.

Em 2017 Bolsonaro mencionou a saúde três vezes. Em um de seus tweets, Bolsonaro saiu em defesa dos filhos e chama atenção o vocabulário utilizado ao citar seus filhos: como “garotos”. Além disso, Bolsonaro (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018), tanto que utiliza a palavra “Sistema” em maiúsculo, intencional ou não a palavra ganha legitimidade e aparenta ser uma estrutura organizada.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/696653031270715392>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Figura 31 – Exemplo de tweet sobre saúde no ano de 2017



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>57</sup>

Em 2018, Bolsonaro sofreu um atentado e, com isso, a sua saúde foi comprometida. Dos 17 tweets, cinco deles são sobre sua saúde pessoal. Esse recorte é fundamental para entender como Bolsonaro articula seu discurso na plataforma. Como destaque é possível elencar o tweet de Bolsonaro comentando a facada que recebeu. No texto, Bolsonaro faz a relação entre a facada recebida pelo ex-militante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) ao lamentar por não poder participar de atos públicos e menciona Deus no texto. O ponto central desse *tweet* é como Bolsonaro conecta política, hostilidade em relação à esquerda e à religião em um mesmo tweet. Essa estruturação favorece sua narrativa e é parte da sua estratégia de manutenção do conflito constante (NETO, 2019). Aprofundando essa questão, Bolsonaro tensiona o debate público através de informações sem embasamento e busca trazer a religião como base de sua retórica.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/932552388342435840>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Figura 32 – Exemplo de tweet sobre saúde no ano de 2018



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>58</sup>

Destaca-se o fato que entre 200 publicações relacionadas à saúde entre 2010 e 2020, o tweet mais curtido é um agradecimento de Bolsonaro aos seus apoiadores por lhe desejarem um feliz aniversário (Figura 33). Nesse *tweet* ele também pede saúde a Deus e agradece pelas felicitações. Em um primeiro momento pode parecer irrelevante, mas das cinco publicações mais curtidas envolvendo saúde, quatro delas são sobre a saúde pessoal de Bolsonaro. Logo, existe uma característica do perfil de Bolsonaro no Twitter que acompanha suas publicações: o político Jair Bolsonaro é o próprio engajamento da página, sua figura está acima de seu plano de governo e das pautas públicas no Twitter. Esse elemento fica em destaque porque não foi encontrada qualquer menção em relação ao planejamento da saúde e preocupações preventivas sobre a COVID-19. Portanto, o engajamento da saúde esteve centrado na figura política de Bolsonaro, um elemento que pode ser relacionado a décima primeira característica do ur-fascismo, a busca de um herói (ECO, 2018). Bolsonaro busca representar esse elemento através da associação com mito, Messias ou herói, características discursivas que fazem parte da sua retórica, mas não estão representadas nesse tweet em si, mas que carrega essa carga ideológica de construção.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1054027885235834882>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Figura 33 – Exemplo de tweet sobre saúde no ano de 2019



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>59</sup>

## 5.2 ANÁLISE DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020

O recorte de análise do primeiro semestre de 2020 corresponde a 124 publicações. Quando aprofundadas em seu contexto elas somam o total de 353 *tweets*, pois cada *thread* é considerada uma publicação única. Por exemplo, se Bolsonaro faz 5 *tweets* em formato de *thread*, todos esses elementos são considerados uma publicação e são divididos em *tweets* de categoria A, B, C, D e E, podendo ser um tweet informativo ou desinformativo.

Dito isso, é fundamental reforçar que as publicações são majoritariamente desinformativas e foram analisadas com base na classificação de Wardle e Derkshan (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), apresentados e com metodologia adaptada para classificação dos tweets conforme a imagem do Quadro 2, presente na descrição da metodologia. Como resultado para cada agrupamento de tweets, obteve-se o seguinte resultado apresentado no Quadro 4. Ao final da análise, serão feitas considerações sobre as características hipertextuais (XAVIER, 2015) entre os grupos de análise.

Quadro 4 – Índice de desinformação de acordo com o grupo de tweets

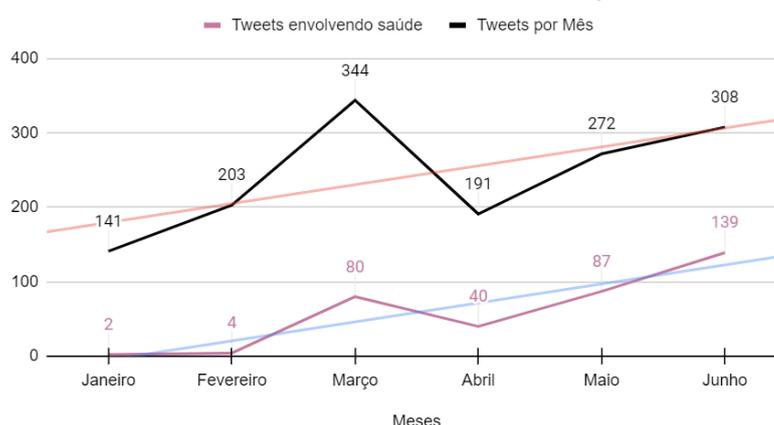
<sup>59</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1108780498799734784>. Acesso em: 23 jan. 2022.

Grupo	Pergunta	Sim	Não	% desinformação
A	Um <i>tweet</i> sozinho com a palavra saúde é informativo?	2	11	84,31%
B	Um <i>tweet</i> na <i>thread</i> com a palavra saúde é informativo?	0	42	100%
C	Um <i>tweet</i> com o @minsaude isolado é informativo?	1	12	92,30%
D	Um <i>tweet</i> na <i>thread</i> com o @minsaude é informativo?	2	50	96,15%
E	<i>Tweets</i> que estejam em <i>threads</i> e não possuam a palavra saúde no texto, são informativos?	2	229	99,13%
	<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>393</b>	<b>96,79%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O perfil de Jair Bolsonaro no Twitter teve um aumento de publicações no primeiro semestre de 2020, mas a curva de engajamento não acompanhou suas publicações (Figura 34). Como primeiro ponto, destaca-se que Bolsonaro aumentou suas publicações sobre saúde ao decorrer de 2020.

Figura 34 – Número de tweets envolvendo saúde vs. tweets por mês em 2020/1

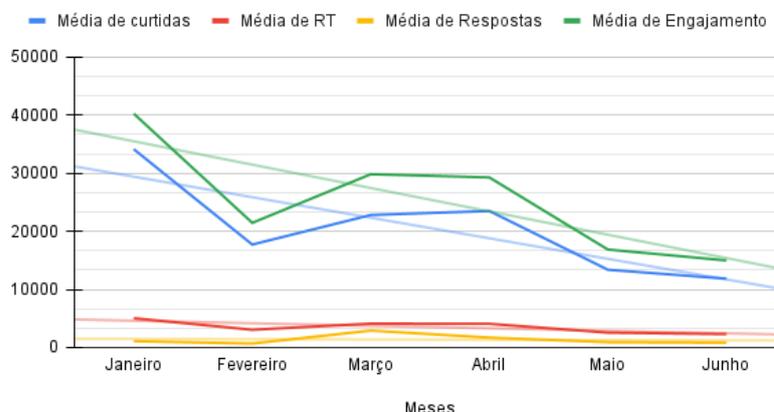


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Em janeiro, as publicações sobre saúde representavam 1,47%, fevereiro 1,97%. Em março, a proporção ultrapassa dez vezes e chega ao total de 23,26%. Em abril caiu para 20,94%; sobe para 32% em maio e, no mês de junho, chega ao valor de 45%. Ou seja, conforme a crise da pandemia ficava mais grave, mais conteúdo era

criado para o Twitter. Porém, quando analisamos o engajamento é possível perceber uma queda em relação ao assunto da saúde (Figura 35).

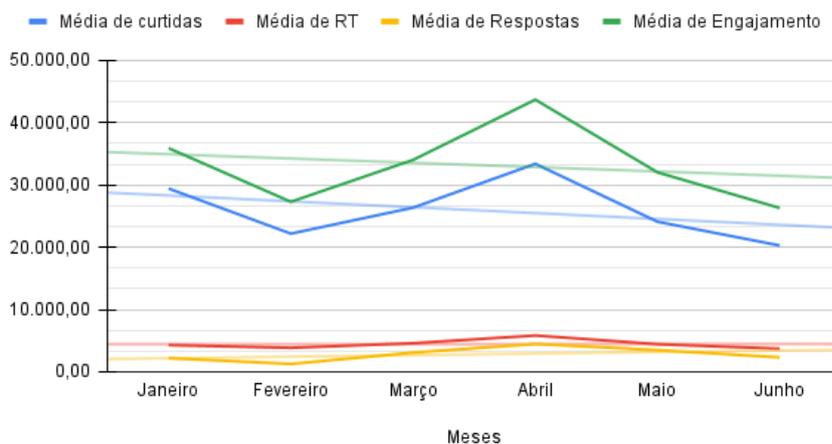
Figura 35 – Métrica média dos tweets de 2020/1 envolvendo saúde



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Quando levamos em conta apenas os tweets envolvendo saúde, a média de curtidas, retweets, respostas e engajamento apontam para uma queda conforme o gráfico da Figura 35. O mesmo acontece às demais publicações de 2020, entretanto, a principal diferença está no mês de abril, período em que Bolsonaro menos teve um número de publicações menor, mas gerou um engajamento proporcionalmente mais elevado. Para exemplificar, a média de curtidas é de 25.943 por *post* no ano de 2020, mas, em abril, essa média sobe para 33.380, cerca de 28% acima da média. Quando comparamos a diferença com junho, mês de pior engajamento, e abril, mês de maior engajamento, a diferença é de 64% em relação ao número de curtidas.

Nesse momento não será aprofundado o motivo pelo qual aumentou ou caiu o número de curtidas, mas sim as métricas do perfil de Bolsonaro no Twitter. Para fins de comparação, cada *post* de junho sobre saúde teve uma média de 11.841 curtidas. Em relação à média do semestre, esse número representa menos da metade das curtidas de um *post* médio. Essa exemplificação em números tem como objetivo mostrar que a pauta da saúde é desgastante para Bolsonaro e não rende bons resultados pois seu engajamento se dá com pautas polêmicas, patriotas ou conservadoras. Logo, saúde e ciência não são elementos que beneficiam seu engajamento, mesmo que Bolsonaro fale de maneira superficial e desinformativa sobre o assunto (Figura 36).

Figura 36 – Média dos *tweets* em 2020/1, mas sem envolver saúde

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Se considerarmos o grupo A<sup>60</sup> do Índice de desinformação de acordo com o grupo de *tweets*, foram encontrados apenas dois *tweets* informativos. Um deles foi realizado dia 8 de janeiro. Trata-se de uma publicação feita por Bolsonaro na qual ele está ao lado de Marcos Mion<sup>61</sup> e fala sobre o fato de ter sancionado a Lei 13.977, que cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), também chamada de Romeo Mion, em homenagem ao filho de Marcos Mion (Figura 37). Essa publicação foi considerada informativa em função da sua possibilidade de verificação: o número da lei permite a verificação dos dados, tal qual o texto da publicação. Destaca-se também o fato de que é a única foto com características profissionais ligadas à saúde. Em nenhuma das outras publicações analisadas Bolsonaro posou para fotos que fossem oficiais e tivessem um caráter profissional no qual ele fosse destacado, mas nessa em específico, o fato da credibilidade e da fama do apresentador de televisão Marcon Mion pode ter influenciado sobre o tipo de publicação que seria feita.

<sup>60</sup> Grupo A - tweets com a palavra saúde e classificados em informativos e desinformativos.

<sup>61</sup> Marcos Mion é apresentador, ator e empresário. Uma figura pública conhecida pelos programas “A fazenda”, “Legendários” e “Ídolos”. MARCOS Mion. In: **Quem**. [S. l.], [c2022]. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/famoso/marcos-mion>. Acesso em: 2 maio 2022.

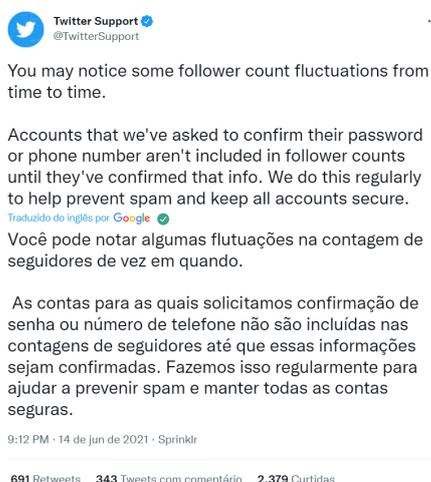
Figura 37 – *Tweet* informativo do grupo A

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>62</sup>

Além disso, a publicação teve um engajamento acima da média com 42.714 mil curtidas conforme o banco de dados. Porém, quando analisamos a publicação no dia 27 de janeiro de 2022, esse número cai para 38.400 curtidas. Ou seja, existe uma queda considerável com o passar do tempo e que pode ser atribuída à política recorrente do Twitter que tem como objetivo excluir contas identificadas como *bots*. Conforme a Figura 38, que traz uma mensagem do perfil oficial de suporte do Twitter, é natural contas não verificadas deixarem de ser contabilizadas. É importante ressaltar que essa situação de contagem diferente entre *tweets* do banco de dados e *tweets* apresentados na análise serão situações recorrentes e estão contextualizadas aqui para evitar a redundância no decorrer da análise.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1215029910990774272>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Figura 38 – Justificativa do Twitter para oscilação em relação ao número de seguidores



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>63</sup>

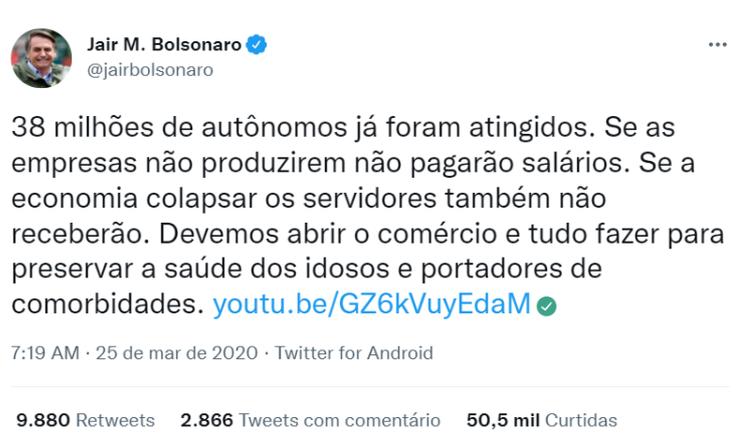
Sobre a publicação desinformativa do grupo A – *tweet* isolado com a palavra saúde – é possível citar a publicação do dia 25 de março, que contraria os protocolos da ONU sobre a doença COVID-19 (ONU, 2021). No *tweet*, conforme a Figura 39, Bolsonaro também publica um vídeo para o seu canal de YouTube, mas o vídeo foi removido pela referida rede social por violar as diretrizes da mesma. Não é possível afirmar sobre o conteúdo do vídeo, mas, possivelmente, Bolsonaro publicou notícias falsas ou argumentos enganosos sobre o coronavírus e teve o seu vídeo vetado pela plataforma, de acordo com a mensagem disponibilizada no *link* do material,<sup>64</sup> sobre violação das diretrizes da plataforma.

Sobre as métricas, Bolsonaro perdeu 12% das curtidas em relação ao banco de dados que soma 56.656 curtidas. Na publicação, de acordo com a data do dia 28 de janeiro de 2022, somam-se 50.500 curtidas, ou seja, é provável que *bots* tenham sido usados para gerar engajamento no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.

<sup>63</sup> Disponível em: <https://twitter.com/twittersupport/status/1404592716068134913?lang=gl>. Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>64</sup> Link para o YouTube com o vídeo removido: <http://youtu.be/GZ6kVuyEdaM>. Acesso em 21 jan. 2022.

Figura 39 – Exemplo de publicação desinformativa do grupo A



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>65</sup>

O tipo de publicação informativa do grupo B<sup>66</sup>, *tweet* com a palavra “saúde” e que seja informativo dentro de uma *thread*, não existe. Dentro da metodologia aplicada, não foi encontrado nenhum *tweet* dentro de alguma *thread* que tivesse informações corretas ou com a possibilidade de verificação. Todos são imprecisos ou são propositalmente incorretos. Como exemplo de *thread* desinformativa é possível citar *tweets* do dia 25 de março de 2020. Neles estão a *thread* com maior engajamento, conforme a Figura 40.

Mais uma vez o número de curtidas é impactado. No banco de dados, o *post* acumula 110.542 curtidas. Mas, em 28 de janeiro de 2022, está com cerca de 11% menos curtidas – 99.500 curtidas no total. Esse é mais um exemplo sobre como a comunicação bolsonarista foi possivelmente afetada pelas políticas e diretrizes do Twitter, que faz remoções de *bots* e contas com comportamentos tidos como suspeitos. Sobre o conteúdo, esse *post* foi considerado desinformação porque todos os *tweets* que são colocados em sequência não trazem argumentos sobre a pandemia e sim uma estrutura falaciosa de que não é possível ter saúde sem emprego.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242758000718340097>. Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>66</sup> Grupo B- *tweets* com a palavra saúde em *thread* sendo informativo ou desinformativo.

Figura 40 – Exemplo de *thread* desinformativa relacionada a saúde, grupo B

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>67</sup>

Trata-se de uma mensagem que pode ser interpretada como desinformação em função da ausência de objetivos, dados e conteúdo. Bolsonaro em momento algum traz uma resolução ou alguma materialidade, apenas comenta sobre a possibilidade de faltar recursos e estrutura para a população em função do período de

<sup>67</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242983915649994755>. Acesso em: 22 jan. 2022.

isolamento. Logo, a desinformação aqui se faz presente como um discurso de trabalhar contra a orientação científica sobre saúde, isolamento e cuidados básicos.

Avançando para o grupo C<sup>68</sup> e analisando esses *tweets* que citem o @minsaude e sejam isolados, percebe-se apenas um *tweet* informativo. Trata-se de uma publicação que fala de doação de álcool em gel do Ministério da Agricultura para o Ministério da Saúde (Figura 41). Essa publicação, curiosamente tem dois diferenciais: o fato de Jair Bolsonaro não aparecer e não ser assunto na publicação do vídeo de dois minutos e o Ministério da Agricultura ser citado. Essas observações são necessárias para entender quais grupos são destaque da pauta de Jair Bolsonaro e qual é a imagem que é desejada.

É válido destacar que não é informada a quantidade que será doada e o prazo para essa doação ser entregue, mas o fato haver um registro e a ministra Tereza Cristina presente, torna viável a verificação. Um ponto de destaque sobre o coronavírus e a saúde pública é o fato de que Bolsonaro evita estar diretamente relacionado a assuntos sobre saúde e informação de prevenção, porém, coloca ministros e pessoas próximas para falar sobre o assunto. Essa lógica, aparentemente é um padrão para evitar a associação de Bolsonaro para que ele caia em contradição, mas não impede que ele publique ações de seus ministros e apoiadores como se fossem suas.

---

<sup>68</sup> Grupo C - *tweets* com o @minsaude e que podem ser informativos ou desinformativos.

Figura 41 – Tweet informativo e isolado do @minsaude, grupo C



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>69</sup>

A desinformação ou a informação enquanto conteúdo por parte do governo Bolsonaro é propositalmente desorganizada com o objetivo de gerar ruído e, assim, criar uma zona de intersecção entre fatos, desinformação e mentiras, esse exemplo pode ser mais bem visualizado na Figura 2. Observando a comunicação, não é possível ter acesso a informações básicas para a checagem de informações. A maior parte das mensagens de Bolsonaro no Twitter são declaratórias ou imprecisas, logo, dificultam ou impossibilitam a verificação e isso torna viável que ele fale e gere diversas interpretações sobre uma única fala.

Um *tweet* isolado e citando o @minsaude, com caráter desinformativo, pode ser exemplificado com a postagem na qual Pazuello é citado por Bolsonaro e usa a ideia de que a informação verdadeira é consumida através de seus canais oficiais (Figura 42). Suas postagens, discursos e falas são sempre direcionadas para a base eleitoral, pois são eles que repercutem suas falas e fazem propaganda de suas ações.

Figura 42 – Tweet isolado com @minsaude e desinfirmativo, grupo C

<sup>69</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241023603577143301>. Acesso em: 24 jan. 2022.



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>70</sup>

Analisando o *post*, a utilização das palavras “fake news” e “distorções” serve como argumento para criticar notícias e matérias que sejam contra Bolsonaro. Essa postura combativa e de conflito é a principal característica na comunicação de Bolsonaro, que precisa angariar inimigos constantemente para a sua narrativa ser mantida. Trata-se da criação de inimigos externos para a manutenção do poder. Em ambos os *tweets* que citam @minsaude, não foram analisadas as métricas porque elas possuem o mesmo desvio (entre 10% e 12%), que pode estar atrelado ao fato de que o Twitter derrubou *bots* e contas não verificadas ou ser um erro de contagem nos servidores.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241023603577143301>. Acesso em: 26 jan. 2022.

Figura 43 – Tweet informativo do grupo D



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>71</sup>

Em relação às *threads* envolvendo @minsaude, agrupamento D<sup>72</sup>, existem apenas dois *tweets* informativos. Os demais são desinformativos. A característica do tweet informativo feito no dia 1º de abril de 2020, também apareceu no agrupamento B, *threads* informativas com a palavra “saúde” e o conteúdo desse *tweet* é sobre doações que foram distribuídas pelas Forças Armadas. Cabe destacar que em ambos os casos de conteúdo informativo, trata-se de doações ou ações de outros grupos políticos. Sobre saúde, Jair Bolsonaro não realizou nenhum *tweet* reforçando ações suas ou que estivesse ligado diretamente, logo, não produziu conteúdo informativo em favor da saúde.

Sobre *tweets* desinformativos, a principal característica é a utilização de dados para marcar diferentes perfis do próprio governo e assim divulgar ações como se fossem suas. Conforme o exemplo da Figura 44, as imagens não possuem um padrão

<sup>71</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1245486158034984960>. Acesso em: 27 jan. 2022.

<sup>72</sup> Grupo D - *tweets* com o @minsaude em *thread* e que podem ser informativos ou desinformativos.

e os assuntos se misturam. Pelo fato desse formato ser padrão na comunicação desinformativa de Bolsonaro é possível assumir que é uma linguagem.

Figura 44 – Tweet desinformativo do grupo D



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>73</sup>

Para compreender essa linguagem, retorna-se ao fato de que Bolsonaro ao desinformar mistura saúde e diversas outras áreas como se todas estivessem conectadas. Exemplo disso está na Figura 44, em um texto que afirma a ideia de que a crise da COVID-19 está sendo superada e o setor privado está investindo cerca de R\$ 250 milhões. Esse *post* em si é desinformativo de diversas formas porque nunca diz quando e estabelece prazos. A principal tática bolsonarista é utilizar dados que não podem ser mapeados ou contextualizados. Trata-se de uma estratégia que tem um fim em si mesma.

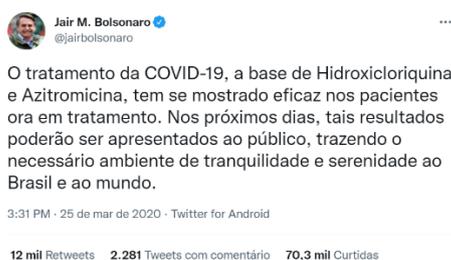
Logo, a desinformação causada por Bolsonaro é um formato de narrativa, mas sua solidez se dá na ideia de que uma imagem precisa começar e terminar em si mesma. Não existe planejamento ou ações posteriores que retomam o que foi falado. A comunicação Bolsonarista tem como característica a instantaneidade e a

<sup>73</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1254123107411001346>. Acesso em: 28 jan. 2022.

efemeridade, pois as próximas informações serão maiores e falarão diferentes coisas sobre temas diferentes. Sendo assim, não existe como verificar ou estabelecer critérios baseados em lógica, coerência ou linearidade.

Em relação ao agrupamento E, *tweets* que não citam saúde ou @minsaude, em sua maioria, são divulgações de ministérios ou de ações do governo como um todo, mas normalmente não estão atreladas à imagem de Bolsonaro. O possível objetivo de Bolsonaro com o Twitter, conforme o observado dentro desses cinco agrupamentos, é gerar volume de informações ou repercutir conteúdos muito específicos da rede e que causam controvérsia ou polêmica, logo, não existem informações da rotina de Bolsonaro ou de conteúdos que permitam identificar o que ele faz em seu cotidiano. Por exemplo, o *tweet* de maior repercussão do grupo E é desinformativo e trata-se de uma fala sobre azitromicina, conforme a Figura 45.

Figura 45 – Tweet desinformativo do grupo E



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>74</sup>

Sobre os *tweets* informativos do grupo E<sup>75</sup>, existe o exemplo da Figura 24, publicado no dia 6 de maio. Trata-se do terceiro *tweet* de uma *thread* com o total de 13 *tweets*. Ou seja, apenas um é informativo porque possui um *link* para uma notícia do site do porto de Vitória e lá estão informações que permitem a verificação da mensagem. Sendo assim, foi considerada informação pela possibilidade de verificação e checagem dos dados.

Entretanto, trata-se de uma exceção, pois a maior parte dos *links* checados estão corrompidos. Do total de 16 *links* encaminhando para portais, apenas três encaminham da maneira correta e informam. Os demais não são acessíveis ou geram desinformação. Logo, a Figura 46 é um bom exemplo sobre como Bolsonaro poderia

<sup>74</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242881753162940419>. Acesso em: 3 fev. 2022

<sup>75</sup> Grupo E – *tweets* sem a palavra saúde ou o @minsaude, mas estavam na *thread*.

ser informativo, mas não o faz, pois, nenhum *link* é informativo sobre suas ações, mas sim sobre terceiros que informaram algo e Bolsonaro se vale dessa credibilidade e informação como propaganda própria.

Figura 46 – Tweet Informativo do grupo E, sem mencionar saúde e @minsaude



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>76</sup>

Ao analisar a comunicação de Bolsonaro é possível encontrar alguns padrões, que serão detalhados na sequência, na linha do tempo mensal. O objetivo dessa análise é mapear a forma de análise de discurso utilizada. É no mínimo curioso estudar o porquê de uma possível desvalorização da vida de quem morreu por COVID-19, pois tão importante quanto o que Bolsonaro fala é aquilo sobre o que ele não fala. Pelo que foi verificado, trata-se de um político reativo que só se expressa se o assunto trazer algum capital político em benefício próprio e para reforçar os próprios argumentos. Exemplo desse comportamento fica evidente em sua postura de evitar falar sobre vacina e utilizar medicamentos sem comprovação científica como argumento-base.

Propondo um fechamento sobre as características hipertextuais dos *tweets* de Bolsonaro, percebe-se um destaque para a *não linearidade* (XAVIER, 2015) entre as ações. Logo, essa estrutura possui em sua essência a lógica de desinformação, Bolsonaro espera que seus conteúdos sejam tirados de contexto, seja de forma proposital ou não. Isso explicaria o número de 123 publicações e que somam 353 *tweets*, mas que não possui uma sequência de conteúdos científicos ou verificáveis. Essa estrutura favorece a desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

### 5.3 LINHA DO TEMPO POR MÊS

<sup>76</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1257968529107832833>. Acesso em: 4 fev. 2022.

Nessa etapa serão analisados os *tweets* dos meses de janeiro até junho de 2020, juntamente com o documento complementar o boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). O objetivo é visitar os principais acontecimentos relacionados à saúde e que, de alguma forma, possam ter repercussão no Twitter, seja de maneira direta ou indireta. Logo, a escolha do referido material é um recurso relevante pois há uma divisão em três grandes grupos: a) atos normativos do governo federal e suas entidades representantes; b) atos de obstrução às respostas dos governos estaduais e municipais; c) e, por fim, propaganda contra a saúde pública.

A presente etapa do trabalho tem como objetivo detalhar as ações por mês e buscar possíveis relações entre os acontecimentos e a movimentação de Jair Bolsonaro no Twitter. Entre as principais hipóteses está a ideia de que existe um planejamento e uma agenda política própria em sua estratégia, logo, fatos externos merecem ser analisados em paralelo com as declarações no Twitter.

Ao contrário de outras redes sociais, o Twitter é uma rede extremamente horizontal por permitir interações e engajamento com pautas que estão acontecendo em tempo real. Logo, através do documento de ações durante a pandemia é possível mapear e propor uma análise sobre os principais movimentos de Bolsonaro em relação à saúde. Principalmente, sobre o papel do Twitter e sua relação com os acontecimentos.

As etapas da análise mensal são:

- a) comentário das ações do governo federal através do mapeamento do boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), sejam obstruções, decretos ou propaganda;
- b) principais *tweets* e relação com as datas mapeadas no boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) e *website* da Organização Mundial da saúde sobre coronavírus;
- c) paralelo entre o *tweet* de maior engajamento de Jair Bolsonaro e seus *tweets* sobre saúde para comparar e identificar os principais assuntos trabalhados por Bolsonaro e gerar gráficos do mês e análises do período. Destaca-se o fato de o engajamento ser a soma de curtidas, *retweets* e respostas.

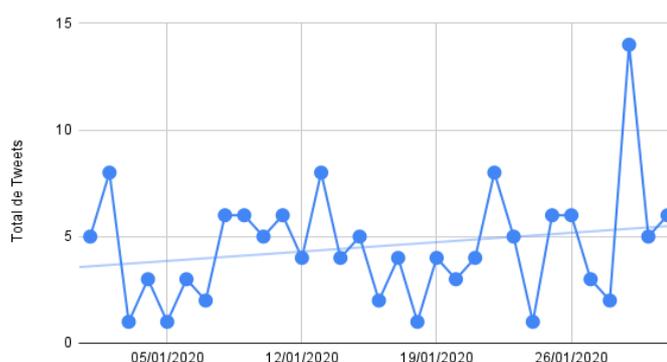
### 5.3.1 Janeiro

No mês de janeiro ainda não existia mapeamento do boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Por isso, a primeira etapa da análise não será aplicada. Em janeiro Bolsonaro quase não falou sobre saúde em seu perfil, encontram-se apenas duas menções à palavra em seu perfil no Twitter. A primeira menção é do dia 8 de janeiro e diz respeito à Lei 13.977, Romeo Mion, que cria uma Carteira de identificação da Pessoa com transtorno do Espectro Autista (Ciptea) e foi analisada como exemplo de informação no tópico anterior. A segunda menção é do dia 25 de janeiro e fala de um encontro com o Primeiro-Ministro da Índia. Nesse *tweet* Bolsonaro fala sobre várias parcerias, entre elas está uma parceria na área da saúde.

Contextualizando a pandemia, cabe destacar que no dia 5 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde já havia notificado países, mídia e comunidade sobre o vírus e no dia 12 de janeiro a China publicou a sequência genética do coronavírus (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

Como destaque sobre o período, é possível citar o total de *tweets* no mês de janeiro e o seu engajamento (Figura 47). O registro mais antigo de entrevistas por parte de Bolsonaro sobre o coronavírus é do dia 26 de janeiro de 2020, quando ele afirma que não é uma situação alarmante (BERALDO, 2020).

Figura 47 – Total de *tweets* por dia em janeiro



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

De 141 *tweets*, apenas dois foram sobre saúde. O pico de *tweets* foi de 14 *posts* no dia 29 de janeiro e nenhum desses *tweets* obteve engajamento significativo para estar entre os 10 *tweets* de maior repercussão, por exemplo. Curiosamente o *post* de maior engajamento é uma foto de Jair Bolsonaro com crianças, conforme a Figura 48, com destaque para a arma na mão do menino e a exposição das crianças. É

fundamental analisar essas imagens como um argumento e elemento de discurso presente na comunicação bolsonarista e não como algo isolado.

Figura 48 – Tweet de maior repercussão em janeiro de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>77</sup>

Para finalidade de comparação, Bolsonaro, no *post* da Figura 48, somou mais de 97.272 interações, o *post* da Lei Romeo Mion ficou na 36ª posição e somou 50.094 interações, e o segundo tweet sobre saúde ficou na 84ª posição entre os 141 *tweets*. Não é possível afirmar ou analisar a saúde de forma objetiva e exclusiva através desse tipo de comparação de dados, mas é fundamental perceber quais elementos estão presentes nas publicações de maior repercussão para que seja feita uma sinalização dos principais assuntos e quais deles possuem mais adesão nas redes sociais.

Em janeiro, na publicação de maior destaque está uma criança e, coincidentemente ou não, segurando uma arma. Esses elementos repetitivos e variáveis de Bolsonaro configuram um padrão de discurso, mesmo que sem uma lógica aparente. É sutil, mas o fato de Bolsonaro posar com crianças armadas aponta para o tipo de futuro no qual ele acredita. A mensagem está nas entrelinhas e nem

<sup>77</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1215793793150177287>. Acesso em: 12 fev. 2022.

sempre é evidente em texto ou imagem, às vezes, a comunicação bolsonarista se dá pelos elementos que estão compondo o discurso.

### 5.3.2 Fevereiro

Em fevereiro também não havia sido ainda realizado o mapeamento via boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Assim, a primeira etapa da análise foi suprimida e partiu-se para a próxima.

Bolsonaro tem três menções à saúde em seu perfil no Twitter no segundo mês do ano, sendo que somou 203 publicações ao total. O primeiro *tweet* registrado foi no dia 2 de fevereiro e fala sobre a repatriação dos brasileiros que estão na China, ranqueado na 132ª posição, somando 20.433 de engajamento. O segundo *tweet* é parte de uma *thread* do dia 9 de fevereiro e fala sobre o programa “Criança Feliz”, ficou na 92ª posição, com 27.621 em relação ao engajamento. Por fim, no terceiro *tweet* é compartilhada uma *thread* do Ministério da Saúde sobre o primeiro caso de coronavírus no país. Esse ficou em 119ª posição e somou 22.535 em relação ao engajamento. Em momento algum Bolsonaro fala sobre o vírus. Ele apenas comenta ações pontuais e compartilha informações, mas sem fontes oficiais.

Contextualizando a pandemia, em fevereiro de 2020 a OMS organizou um Fórum Global de Pesquisa e Inovação para discutir a origem do vírus e possíveis consequências, conforme a *timeline* no site da organização (ECO, 2018). Ainda em fevereiro, a OMS informou sobre os possíveis problemas que seriam enfrentados pela comunidade mundial, entre eles: ausência de material e de controle psicológico para realizar o isolamento necessário que evitasse a transmissão do coronavírus (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

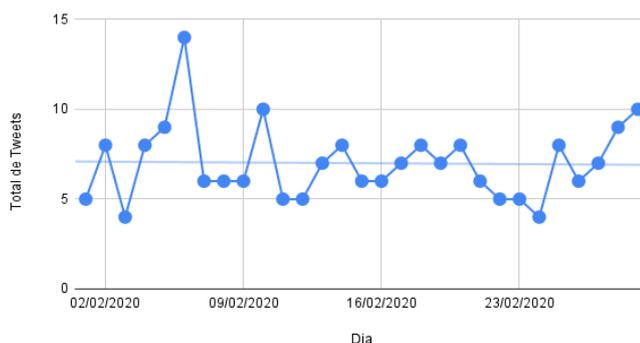
Levando em consideração os 203 *tweets*, o pico de postagens em fevereiro aconteceu no dia 6 de fevereiro e somou 14 *tweets* (Figura 49). Destaca-se que nesse dia, 6 de fevereiro,<sup>78</sup> Bolsonaro publicou uma *thread* de 10 *tweets* sobre os 400 dias de governo e, sem citar fonte alguma, afirma que livrou país da corrupção e que se trata de um governo que ama o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. Não será analisado o conteúdo dos *tweets* de maneira aprofundada, porém, repete-se aqui o exercício do uso de afirmações sem dados, características da pós-verdade (BUCCI,

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1225354782929498112>. Acesso em: 12 fev. 2022.

2018; SANTAELLA, 2018). Além disso, outro comportamento que se repete nessa sequência é o emprego de um vocabulário repetitivo, que exalta pautas morais e sem qualquer evidência de comprovar o que é falado, elemento conservador e histórico de sua pauta política em busca do conflito.

Figura 49 – Total de *tweets* por dia em fevereiro



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em uma leitura sobre o número de *tweets* em fevereiro, Bolsonaro subiu cerca de 43% o número de *tweets* em relação a janeiro. Uma das possíveis interpretações para esse movimento é a pressão exercida sobre o seu governo. De modo geral, Bolsonaro fala mais e busca gerar narrativas paralelas quando se sente pressionado. Isso aparece no início da pandemia, em março e um volume expressivo de *tweets* é registrado, possivelmente com a finalidade de mudar a pauta e falar sobre outros assuntos que não a pandemia.

Figura 50 – Tweet de maior engajamento no mês de fevereiro



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>79</sup>

Evidenciando essa estratégia, o *tweet* de maior engajamento no mês de fevereiro de 2020 é o da Figura 50, somando cerca de 92.423 de acordo com o banco de dados. No *tweet* é possível compreender a intenção de Bolsonaro em atrelar credibilidade às suas redes sociais e criticar a imprensa de maneira indireta com o argumento de que não repercutem suas notícias. Essa frase é relevante na perspectiva de que atribui valor ao seu conteúdo e deslegitima as críticas que recebe, uma estratégia que reforça a busca pelo conflito e a desinformação proposital.

Essa oposição às críticas é o item quatro do fascismo eterno (ECO, 2018). Bolsonaro é um político que recorre às retóricas do fascismo para chamar atenção de seu público. Existe um engajamento em promover a ideia de que está fora do sistema. Bolsonaro possui elementos que o impedem de posicionar o seu discurso como grande, trata-se da característica do fascismo eterno, ser grande e pequeno ao mesmo tempo, item oito (ECO, 2018).

### 5.3.3 Março

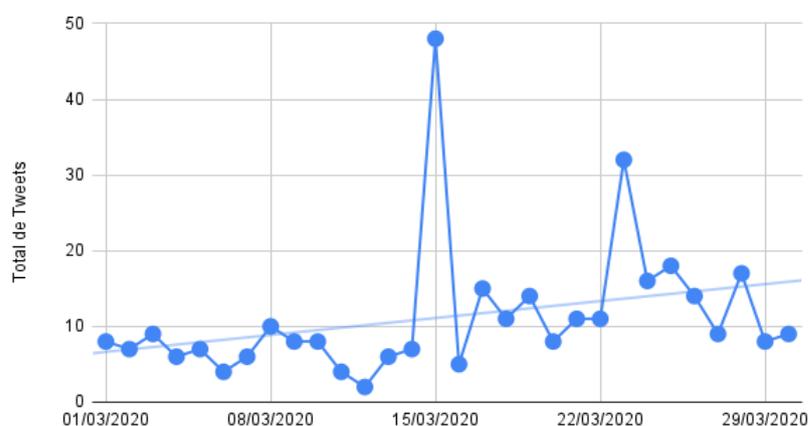
O perfil de Bolsonaro no Twitter no mês de março somou 344 publicações, cerca de 70% além dos *tweets* publicados em fevereiro e 143% maior, quando comparado ao mês de janeiro. Em relação à saúde, Bolsonaro somou 80 *tweets* no mês de março. Sobre o boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021)

<sup>79</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1232649214905212930>. Acesso em: 12 fev. 2022.

destacam-se os atos normativos, os atos de obstrução e a propaganda. Para finalidade de conhecimento, existe o documento “*A linha do tempo da estratégia Federal de Disseminação da Covid-19*”<sup>80</sup> (CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE DIREITO SANITÁRIO, 2021), material que é tido como um aprofundamento do *Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil* (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) e foi produzido mediante solicitação da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a COVID-19 do Senado Federal.

O pico de 48 *tweets* acontece no dia 15 de março e a tendência de crescimento no volume de *tweets* é uma possível resposta de Bolsonaro à oposição. O segundo dia com maior número de *tweets* foi dia 23 de março, um dia antes de seu pronunciamento oficial sobre a pandemia (SOARES, 2020) e que somou 32 *tweets*. Movimentos como esse podem ser identificados como uma disputa de narrativa por parte de Bolsonaro pois, de modo geral, o número de *tweets* é estável. Observa-se uma tendência de crescimento em relação ao número de *tweets*, conforme a Figura 51.

Figura 51 – Total de tweets por dia em março



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

De acordo com o Boletim (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), o primeiro evento é dia 4 de março, quando o ministro Barroso determinou a entrega de 50 ventiladores pulmonares para o Estado de Mato Grosso (UNIÃO... 2020). A decisão foi tomada em

<sup>80</sup> Disponível em: [https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021\\_v3.pdf](https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021_v3.pdf). Acesso em: 2 maio de 2022.

benefício do estado, pois a União havia solicitado os equipamentos através do Departamento de Logística em Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020).

Nesse mesmo dia, 4 de março, conforme publicado em seu perfil no Twitter, Bolsonaro levou um comediante para falar com jornalistas. De acordo com ele, seria o Bolsonabo. A ação tinha o objetivo de desmobilizar questões relacionadas ao PIB. Foram entregues bananas para os jornalistas que estavam presentes local (Figura 52). Essa lógica de desinformação, típica da pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018), consiste em desmobilizar as críticas e gerar um fato novo em relação a sua gestão ineficiente (GULLINO, 2020).

Figura 52 – Tweet de destaque no dia 4 de março de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>81</sup>

Esse *tweet* ficou em 175 no quesito engajamento e não tem relação com a pandemia, mas serve como apontamento sobre o tipo de comunicação que Bolsonaro realiza para desviar o foco das críticas. Ou seja, com frequência é criado um fato novo em cima das possíveis críticas e, normalmente, são aspectos morais ou inusitados que superam a própria notícia. Exemplo disso é o fato de que Bolsonaro durante anos só ocupou matérias do *Estadão* e da *Folha de S.Paulo* em função de sua agressividade em relação aos grupos minoritários (NASCIMENTO, 2018).

<sup>81</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1235216868333572104>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Seguindo com o Boletim (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), dia 7 de março Bolsonaro viaja para a Flórida, nos Estados Unidos, região considerada um local de risco para a contaminação do coronavírus, e apontou que se tratava de uma pequena crise que ganhou uma dimensão muito maior em função da mídia (BOLSONARO..., 2020). Destaca-se, que nesse mesmo dia a OMS publicou um documento sobre ações para a resposta ao coronavírus. Tratava-se de algo provisório, mas foi elaborado por especialistas (NO CASES SPORADIC CASES CLUSTERS OF CASES COMMUNITY TRANSMISSION, 2020a). Ou seja, já era considerada uma pandemia e existia uma preocupação em relação ao que seria feito por parte das autoridades mundiais.

Figura 53 – Tweet do dia 7 de março de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>82</sup>

Enquanto isso, no Twitter, no mesmo dia, Bolsonaro fez um tweet em que debochava do PT. Representado na Figura 53, esse *tweet* ficou em 17º lugar entre as 324 publicações. Novamente é enfatizado o apelo a um conflito permanente (NETO, 2019) com o objetivo de engajamento de seus eleitores em torno de uma pauta criada por Bolsonaro. Esse exemplo serve apenas para ilustrar que Bolsonaro alimenta a

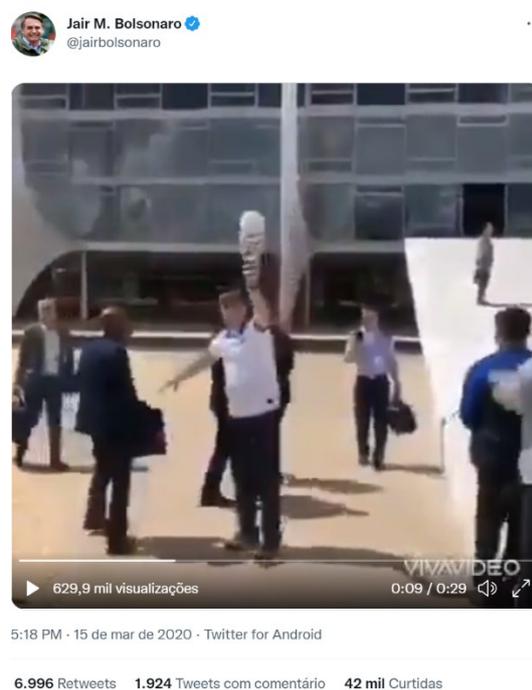
<sup>82</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1236375010308231168>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ideia de um inimigo e precisa desses elementos-chave para que seu discurso seja sustentado: o sentimento de repulsa ao PT é parte da identidade bolsonarista.

Avançando, dia 15 de março, Bolsonaro participou de manifestações políticas com aglomerações e desrespeitando a recomendação de quarentena após sua viagem. De acordo com o relatório, ao menos 23 pessoas de sua comitiva foram infectadas (VEJA..., 2020). Por esse motivo foi aconselhado que ele não participasse. Esse elemento de assumir o risco em relação à morte e tornar parte de sua política é característico da necropolítica (MBEMBE, 2018). Ou seja, Bolsonaro estimulou e participou de aglomerações com finalidades políticas que pediam o fechamento do STF, um dos símbolos da democracia.

Nesse dia, seu perfil no Twitter teve 45 publicações, trata-se do recorde em sua conta. Todas as publicações faziam menção ao dia 15 de março e a conta de Bolsonaro deu *retweets* nas publicações. Nesse dia, a publicação de maior engajamento foi um vídeo no qual Bolsonaro chuta um boneco inflável que representava Lula e, em seguida, levanta uma placa com os dizeres “Brasil acima de tudo, deus acima de todos”. Nesse dia, Bolsonaro utilizou uma camiseta branca da seleção brasileira, conforme mostra a Figura 54.

Figura 54 – Tweet com maior número de curtidas no dia 15 de março



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>83</sup>

A estética de Bolsonaro não é por acaso, em nenhum *tweet* ou imagem Bolsonaro veste roupas vermelhas que fariam alusão ao partido “inimigo”. O único momento em que o vermelho aparece em vestimentas é junto a times de futebol, representados pelas camisetas que Bolsonaro veste. Ou seja, possivelmente a camiseta branca da seleção brasileira de futebol é um sinal de simpatia aos manifestantes que optam pela camiseta amarela como símbolo de apoio a Bolsonaro. Essa escolha pelo branco seria uma tentativa de evitar a associação direta ao movimento, porém, a camiseta da seleção brasileira significaria apoio.

No dia 16 de março, o Ministério da Saúde publicou um Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo coronavírus em Povos Indígenas, mas sem medidas concretas, cronogramas ou definição de responsabilidades e prazos (BRASIL, 2020). Essa ação pode ser considerada necropolítica. É uma medida de deixar morrer, ou seja, não é necessariamente uma ação, mas uma ausência de ação que é característica da necropolítica (MBEMBE, 2018).

<sup>83</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1239284761643925505>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Figura 55 – Exemplo de *tweet* sobre indígenas

4- O @minsaude já investiu cerca de R\$70 mi em ações para proteger os + de 750 mil indígenas aldeados no 🇧🇷, 14,2 mil profissionais integram 800 equipes de saúde indígena, mais de 600 mil EPIs e medicamentos foram enviados aos 34 Distritos Sanitários Indígenas de todo o país.



6:47 AM · 12 de jun de 2020 · Twitter for iPhone

679 Retweets 8 Tweets com comentário 3.340 Curtidas

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>84</sup>

Por exemplo, no perfil de Bolsonaro no Twitter os povos indígenas são mencionados 12 vezes ao decorrer do semestre. Entre as menções, cinco estão relacionadas com saúde, mas nenhuma delas sobre um plano de ação. Os *tweets* em que Bolsonaro menciona os povos indígenas são ações pontuais e que não permitem uma verificação sobre a efetividade das ações, porém, constam como ações executadas.

Como exemplo é possível citar o *tweet* da Figura 55. Nele Bolsonaro fala sobre os investimentos do Ministério da Saúde, mas não é possível verificar diretamente. Não existe um contexto sobre o período em que a verba foi investida, quais tribos foram impactadas e que tipo de ações foram e serão tomadas. De modo geral as publicações de Bolsonaro são sem datas, sem prazos e sem um contexto preciso.

No dia 17 de março, é publicada uma Portaria n.º 120 (BRASIL, 2020h) que restringe apenas a entrada de venezuelanos no país. Apenas em 29 de abril seria restrita a entrada de qualquer estrangeiro através da Portaria n.º 204 (BRASIL, 2020i). Um dia depois, dia 18 de março, Bolsonaro fez um *tweet* no qual criticava a Venezuela

<sup>84</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1271378547882496000>. Acesso em: 18 mar. 2022.

e, ao mesmo, tempo proibia a entrada de venezuelanos no país em um ato xenofóbico (Figura 56), item sete do fascismo eterno (ECO, 2018).

Figura 56 – Tweet do dia 18 de março de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter<sup>85</sup>.

Ainda no dia 17 de março, é publicada uma portaria pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e que dias depois seria modificada pelo Ministério Público Federal (COVID-19..., 2020). O argumento da alteração seria a necessidade de evitar contato com as populações indígenas isoladas e a necessidade de trabalhar com especialistas quando necessário para evitar contaminações e exposições desnecessárias, pois indígenas seriam grupos de risco. Ou seja, na primeira versão, o contato com os povos indígenas e quando isso seria feito não foi levado em consideração.

Também no dia 17 de março, Bolsonaro fala para a rádio Tupi afirmando que a situação criada é uma histeria e que o Brasil será livre quando um determinado número de brasileiros for infectado pelo coronavírus (NÓS..., 2020). Essa lógica de posicionamento representa a necropolítica (MBEMBE, 2018) baseada em

<sup>85</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240225838991388672>. Acesso em: 18 mar. 2022.

desinformação, ou seja, não existem evidências científicas de quem entra em contato com o vírus é automaticamente imunizado. Trata-se de uma mentira.

No dia 18 de março, Bolsonaro foi criticado através de um painel que mobilizou setores da sociedade que estavam insatisfeitos com sua ação em relação ao coronavírus (NUNCA..., 2020). Como resultado, percebe-se uma mensagem populista e controversa por parte do mandatário, conforme a Figura 57. Nela, Bolsonaro afirma ser leal ao povo. Esse é um movimento populista que, em conjunto aos demais argumentos, soma-se a um discurso de golpe pois a lealdade de Bolsonaro deveria ser em relação à constituição e não ao povo. Essa fala pode ser interpretada como um discurso que busca legitimação de um golpe militar. Uma vez que a população pediu o fechamento do STF no dia 15 de março, assim como em 1964, Bolsonaro acredita que o povo pediu o golpe militar.

Figura 57 – Tweet de maior engajamento no mês de março



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>86</sup>

Em 20 de março, é publicada a Medida Provisória n.º 926 (BRASIL, 2020d) que busca atribuir ao Presidente da República competência de dispor sobre os serviços públicos e atividades essenciais por meio de decreto. Porém, dia 24 de março o Supremo Tribunal Federal (BRASIL, 2020) concede uma liminar e garante que a Medida Provisória não afaste ou exclua a tomada de decisão por parte dos estados e municípios. Essa atitude foi tomada porque Bolsonaro não organizou ou deu diretrizes sobre o que deveria ser feito em relação ao coronavírus.

Dias depois, em 22 de março, Bolsonaro afirma que, em breve, o povo saberá que foi enganado por governadores e mídia. Para ele, é questão de tempo até que

<sup>86</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240438417005129728>. Acesso em: 22 mar. 2022.

tudo seja comprovado (BOLSONARO..., 2020b). Essa lógica será alimentada por Bolsonaro conforme o passar do tempo e tem a finalidade de criar a narrativa de que foi impedido de governar.

No dia seguinte, 23 de março, através de uma Resolução de Diretoria Colegiada de n.º 354 (BRASIL, 2020j), normas regulamentares propostas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), é retirada a obrigatoriedade de exigência de receita médica especial para medicamentos à base de cloroquina e hidroxicloroquina por meio de programas governamentais. Ou seja, o acesso desses medicamentos foi facilitado.

Tal articulação com o governo federal aparece no Twitter quando Bolsonaro publicou no dia 26 de março pela primeira vez um *tweet* mencionando cloroquina. Ao todo, foram 30 *tweets* relacionados à cloroquina no semestre, 8 desses *tweets* foram em março e logo após a facilitação em relação à regulamentação e retirada da obrigatoriedade de receita médica especial para esses medicamentos. Outro dado relevante é o fato de que Bolsonaro afirmou que utilizaria o laboratório do exército para fabricação da substância (GOVERNO..., 2020)

Destaca-se que em junho saíram os estudos de referência que apontavam para a ineficácia do medicamento (DW, 2020). Porém, Bolsonaro seguiu insistindo. Investiu mais de R\$1,5 milhão em um medicamento e se tornou alvo de investigação do Tribunal de Contas da União por má aplicação dos recursos públicos (JUNQUEIRA, 2020). Esse é apenas um dos exemplos de articulação entre o que Bolsonaro fala e faz.

Retornando ao boletim (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), a União requisitou ventiladores pulmonares na justiça para o tratamento do coronavírus e a decisão foi muito semelhante à proferida no dia 5 de março. Nesse caso, os ventiladores adquiridos por Recife somavam 200 aparelhos e foram requeridos pela União, porém, essa judicialização fez com que o Tribunal Regional Federal da 5.<sup>a</sup> Região determinasse, no dia 23 de março, que a União se abstinhasse de requisitar insumos, pois são bens públicos. As exceções deveriam ser aplicadas para estado de defesa ou de sítio (JUSTIÇA..., 2020).

Um dia depois, 24 de março, foi a data do pronunciamento oficial de Bolsonaro em rede nacional de televisão. Nesse dia, Bolsonaro questionou a necessidade de fechar escolas e recomendou que fossem isolados apenas os idosos e as pessoas

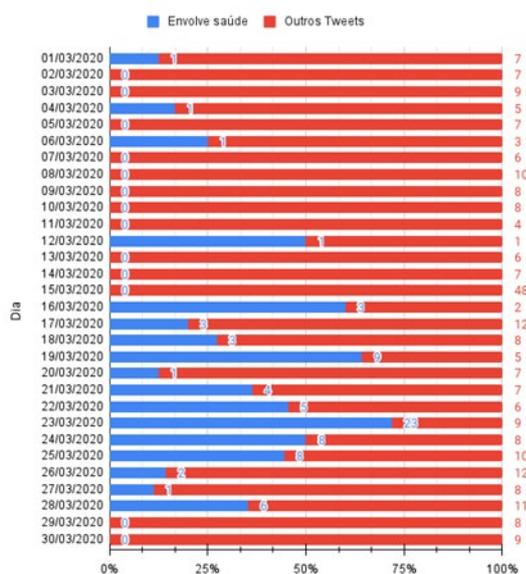
em grupos de risco. Além disso, afirmou que o vírus seria apenas uma gripezinha (SOARES, 2020).

No dia 25 de março, é publicado o Decreto de n.º 10.292 (BRASIL, 2020a) que inclui atividades religiosas de qualquer natureza como atividade essencial. Entretanto, dias depois, no dia 31 de março, a decisão foi revisada pelo Tribunal Regional Federal (BRASIL, 2020). Esse decreto pode ser observado como uma sinalização para conservadores e religiosos, grupos que sempre foram a base do bolsonarismo.

Em 26 de março, Bolsonaro afirma que brasileiro pula em esgoto, mergulha e nada acontece (BRASILEIRO..., 2022). Esse argumento pode ser sinalizado como uma fala que estimula a necropolítica (MBEMBE, 2018). Essa afirmação serve como mentira para sustentar a ineficácia do seu governo. A retórica de que nada acontece favorece apenas Bolsonaro, que não precisa ser responsabilizado pela sua não ação. Esse recurso é utilizado por Bolsonaro como um discurso que diminui os danos da ausência de políticas públicas, no dia 24 de março Bolsonaro afirmou que o coronavírus era apenas uma gripezinha. Dia 26 de março afirma que o brasileiro pula no esgoto e nada acontece, esse argumento apenas reforça uma lógica de desinformação.

No mesmo dia, 26 de março, a Secretaria de Comunicação do governo lançou uma campanha na qual afirmava que o Brasil não poderia parar e incitava a desobediência das restrições sobre a quarentena (LINDNER, 2020). Essa lógica é uma campanha que estimula a necropolítica pois absorve o custo da morte em sua política.

Dia 29 de março, Bolsonaro afirma que é necessário enfrentar o vírus como um homem e alimenta a ideia de que todos vão morrer um dia, é inevitável (ADRIANA FERRAZ, 2020). Essa lógica de proximidade com a morte pode ser evidenciada no argumento sobre o ur-fascismo, item 11 do livro, em que é incentivada a luta e que ela é irrevogável, mesmo que a morte do outro esteja majoritariamente mais próxima (ECO, 2018).



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Por fim, percebe-se uma atividade maior no Twitter em relação à saúde no dia 23 de março, mesmo dia que é retirada a obrigatoriedade de requisição médica para medicamentos baseados em cloroquina ou hidroxiclороquina (Figura 58). Não é possível concluir uma relação direta, mas permite apontar indícios entre o que Bolsonaro fala e faz.

Reflexo dessa intersecção é possível analisar o tweet de maior engajamento com relação a saúde no mês de março. Representado na figura 59, trata-se de uma publicação do dia 25 de março. É uma *thread* em que Bolsonaro fala do combate ao coronavírus como se fosse uma guerra e acusa a mídia de demagogia ao falar sobre a doença. Essa narrativa é muito próxima do que Umberto Eco define como ur-fascismo por evocar a insegurança em relação à classe média e trazer o risco de morte como algo natural, item. Além desses elementos, está o risco indireto de pessoas morrerem em função de sua política, algo que Bolsonaro sistematicamente incorpora em sua fala.

Figura 59 – Tweet de maior engajamento com relação a saúde no mês de março



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>87</sup>

### 5.3.4 Abril

De um total de 191 *tweets* publicados, no mês de abril foram contabilizados 40 *tweets* envolvendo saúde (Figura 60). Como destaque em relação ao mês, o número total de *tweets* foi o segundo menor do semestre, mas obteve o maior engajamento proporcional por *tweet*. Como referência é possível adotar a média de curtidas por *tweet*, cerca de 33.389, número 28,67% maior que a média do semestre.

Figura 60 – Total de *tweets* por dia no mês de abril

<sup>87</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242983915649994755>. Acesso em: 8 mar. 2022.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Em relação ao pico de *tweets*, foram 14 publicados no dia 27 de abril. Um deles com maior engajamento do mês e sem qualquer relação direta com política ou coronavírus. Trata-se de uma citação bíblica, conforme a figura 61.

Figura 61 – *Tweet* com maior engajamento no mês de abril



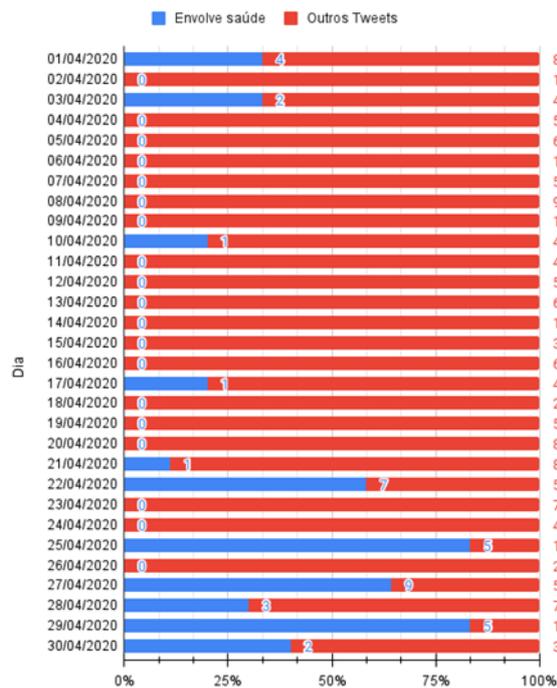
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter<sup>88</sup>.

Esse hábito de engajar através de pautas que são morais, específicas de uma parcela do eleitorado, como a religião, é algo típico da comunicação bolsonarista. Afinal, percebe-se uma busca por alimentar o engajamento através de elementos que fortaleçam e mantenham a base unida em torno de determinadas pautas e assuntos com o objetivo de engajar e estar sempre pronto para o conflito (NETO, 2019), uma estratégia de retórica fascista (ECO, 2018).

<sup>88</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1254918143937589253>. Acesso em: 8 mar. 2022.

Sobre a relação de *tweets* com saúde, percebe-se que Bolsonaro ficou um tempo considerável sem falar. São publicados nove *tweets* sobre saúde entre os dias 1º de abril e 21 de abril. Em compensação, entre os dias 22 e 30 de abril são publicados 31 *tweets* mencionando saúde diretamente em seus assuntos, conforme a Figura 62.

Figura 62 – *Tweets* que envolvem saúde vs. outros *tweets* em abril de 2020



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

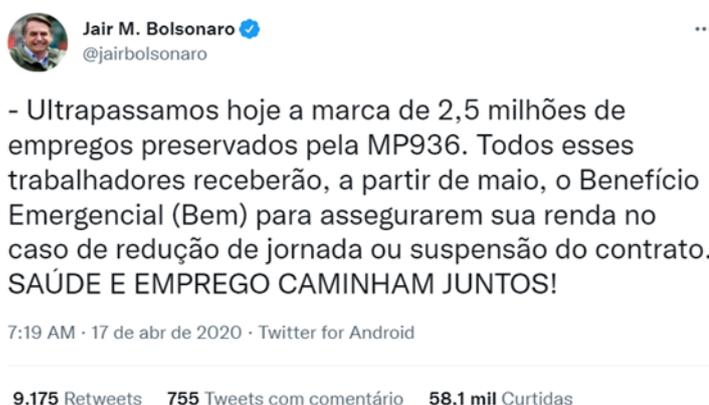
Em relação ao boletim de Direitos (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) no mês de abril (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), no dia 1º de abril, Bolsonaro posta vídeo em rede social e afirma existir falta de alimentos e de abastecimento na cidade de Contagem, MG. De acordo com ele, o fato de existir esse problema de abastecimento seria responsabilidade do Governo de Minas Gerais que criou medidas restritivas para abastecer a cidade. Posteriormente, afirmou que as informações eram falsas e desmentiu sua própria fala (TURTELLI; BORGES, 2020).

Ainda no dia 1º de abril, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil solicitou ao Supremo Tribunal Federal uma concessão que determinasse a obrigatoriedade do Paraná em cumprir os protocolos da OMS com o objetivo de assegurar o cumprimento do plano (BRASIL, 2020a). A resolução final determinou que

as medidas precisariam seguir normas de saúde e critérios técnicos (BRASIL, 2020c). Destaca-se que a solicitação foi feita com o objetivo de que as normas seguissem orientações técnicas e científicas por parte da saúde. Um movimento no intuito de evitar o uso político de medidas restritivas.

Em 2 de abril, é publicada a Lei n.º 13.982 instituindo o auxílio emergencial com o valor de R\$ 600,00, porém foi feito sem um protocolo rígido e isso permitiu que cerca de 1 milhão de pessoas recebessem o dinheiro de forma indevida (CORONAVÍRUS..., 2020). O auxílio emergencial repercutiu como sendo o *tweet* de maior engajamento de Bolsonaro sobre saúde, conforme Figura 63.

Figura 63 – Tweet de maior engajamento sobre saúde em abril



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>89</sup>

Em 2 de abril, Bolsonaro conversa com apoiadores em frente ao Palácio do Planalto e diz que desconhece hospitais que estejam lotados. Desmerece o vírus e afirma que cerca de 60% ou 70% da população teria a doença (CURY, 2020a). Mais uma vez, uma estratégia baseada em conflito e que aceita o risco de morte (MBEMBE, 2018) baseada em um discurso de pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018).

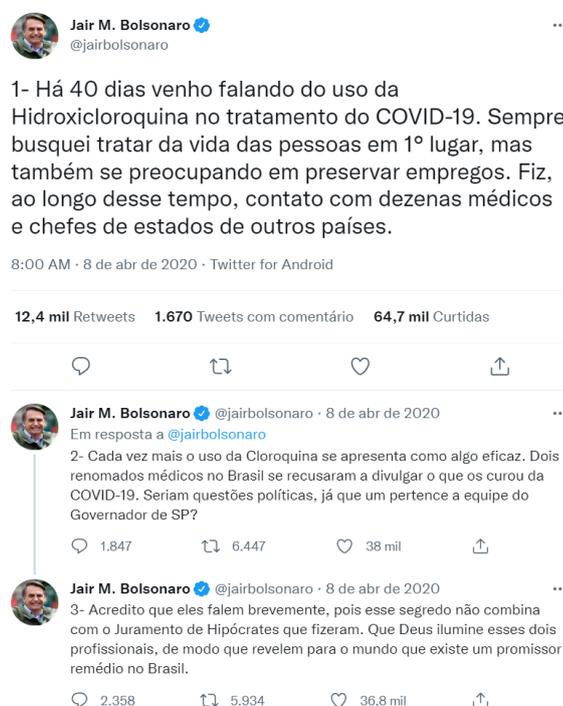
Dia 8 de abril, o Supremo Tribunal Federal fornece uma liminar que assegura o exercício concorrente dos Estados, Distrito Federal e Municípios para implementar protocolos e restrições de acordo com a necessidade local (BRASIL, 2020c). Logo, as ações não precisariam ser determinadas pela competência federal e central. Trata-se de um exercício de descentralização do poder. No mesmo dia Bolsonaro, publica no

<sup>89</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1251092796846616579>. Acesso em: 26 mar. 2022.

Twitter que há 40 dias está falando do uso da cloroquina e esse é um medicamento eficaz para o combate à pandemia.

Salienta-se que a cloroquina nunca teve sua eficácia comprovada (JUNQUEIRA, 2020). O que existiram foram testes laboratoriais e experimentais com o fármaco. Entretanto, Bolsonaro fez uma série de publicações sem evidências, mas falando em relatos, conversas e contatos que realizou. Outro ponto que é relevante é que Bolsonaro não apoiou ou fez menções diretas sobre a utilização do uso de máscara (uma das principais indicações da OMS no combate à transmissão do vírus). No máximo, fez menções sobre adquirir ou distribuir esses materiais. Porém, o que Bolsonaro enfatizou e reforçou foi o uso de cloroquina como medida de saúde pública, conforme a Figura 64. Outro ponto de destaque é o hábito de Bolsonaro em gerar conflito com a ciência, retórica de negar a ciência que pode ser exemplificada ao citar médicos que negam a cloroquina. Esse elemento de negação do saber é caracterizado igualmente como uma retórica fascista (ECO, 2018).

Figura 64 – *Tweet* de Bolsonaro no dia 8 de abril sobre cloroquina



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1247841684584640512>. Acesso em: 29 mar. 2022.

Dia 10 de abril, Bolsonaro afirma que ninguém irá tolher o seu direito de ir e vir. A afirmação foi feita durante um passeio que gerou aglomeração em frente a uma farmácia (NINGUÉM..., 2020). Essa lógica movimenta um sentimento de liberdade individual que prejudica o coletivo e se sobrepõe a ele. Faz uma relação direta entre liberdade e morte, algo que pode ser considerado um pacto entre o direito de se sobrepor aos demais e causar a morte dessas pessoas (SILVA JÚNIOR; FARGONI, 2020). Esse comportamento é um elemento do fascismo (ECO, 2018), assim como o descaso em relação às outras pessoas é parte do necropoder exercido por Bolsonaro (MBEMBE, 2018).

No dia 12 de abril, Bolsonaro afirma que o vírus está indo embora. A declaração foi feita em uma *live* de Páscoa, ao lado de líderes religiosos (CURY, 2020b). Destaca-se que nesse momento o Brasil teve 244 óbitos, apenas no dia 12 de abril (BRASIL, 2022b).

No dia 16 de abril, Bolsonaro demite o Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (MANDETTA, 2020). Conforme o Boletim e informações de Mandetta, ao final de março Bolsonaro optou por contrapor a estratégia do Ministério da Saúde e tomou iniciativas em oposição ao mesmo. Um fato relevante dessa demissão é a publicação no Twitter por parte de Mandetta<sup>91</sup>, inclusive os jornais deram créditos ao *tweet* (MAZUI, 2020). O fato de um ministro da saúde anunciar sua demissão no Twitter, torna ainda mais relevante a análise na rede social digital durante a pandemia.

Dias depois, em 20 de abril, Bolsonaro diz não ser coveiro, em resposta aos jornalistas que estavam em frente ao Palácio da Alvorada e questionando mortes causadas pelo coronavírus. Nesse momento o Brasil acumulava 2.575 mortes por coronavírus e 40.581 casos confirmados (GOMES, 2020). A resposta carrega um tom de ironia em relação às mortes e propõe um distanciamento de Bolsonaro em relação aos números da pandemia. Essa lógica deve ser observada porque a narrativa de Bolsonaro é evitar ser associado às mortes ou à pandemia.

Dia 22 de abril, o ministro de Relações Exteriores publica um artigo utilizando a palavra “comunavírus” e ataca a Organização Mundial da Saúde. Relaciona as medidas de saúde pública com o comunismo (CHADE, 2020). No mesmo dia, em reunião ministerial que seria divulgada no dia 22 de maio, Bolsonaro pede que sejam

---

<sup>91</sup> Disponível em: <https://twitter.com/mandetta/status/1250865863755997189>. Acesso em: 29 mar. 2022.

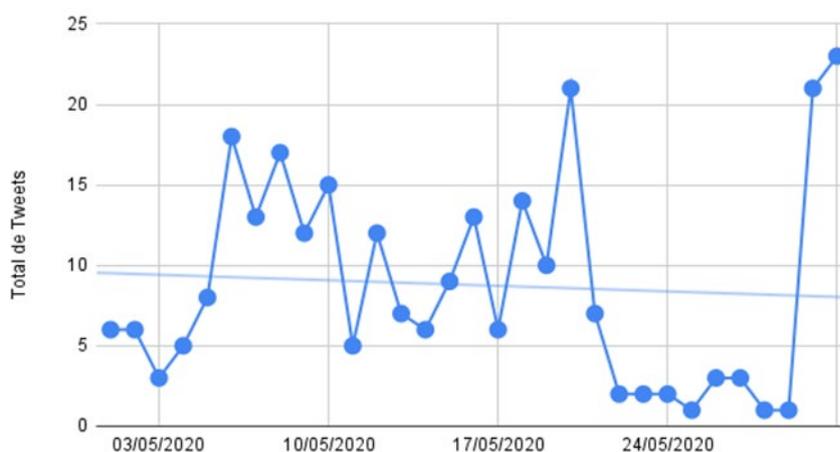
deturpadas informações sobre coronavírus com o intuito de atrelar a morte com outras doenças (MINISTRO..., 2020). Essas duas informações apresentam o tipo de argumento que o governo desenvolveu. Em relação a Jair Bolsonaro, trata-se de um político que fez uma gestão política da pandemia com a finalidade de radicalizar a própria base e, em momento algum, a ciência foi prioridade.

No dia 28 de abril, em entrevista, Bolsonaro diz que lamenta número de mortos ultrapassando a China, afirma ser Messias, mas que não faz milagre (BOLSONARO..., 2020e). Esses paralelos com piadas e trazidos para o campo da ironia buscam diminuir a relevância e a seriedade em relação aos fatos. Bolsonaro foi líder do executivo e se mostrou indiferente em relação aos números de mortos, essa indiferença pode ser traduzida pela ausência de planejamento em relação à pandemia e dentro de uma política que pode ser apresentada como necropolítica, deixar morrer (MBEMBE, 2018), principalmente em sua fala.

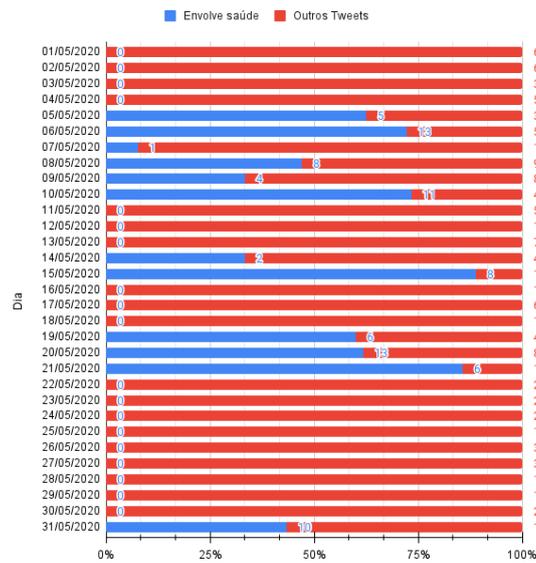
### 5.3.5 Maio

No mês de maio foram contabilizados 87 *tweets* envolvendo saúde, de um total de 272 *tweets*. Esse número representa cerca de 31,99% de proporção de *tweets* envolvendo saúde. No gráfico existe um período entre os dias 22 e 30 de maio em que Bolsonaro publicou pouco, (Figura 65). Além disso, Bolsonaro teve dias de alta concentração de *tweets* em relação ao tema saúde, com destaque para os dias: 6, 10, 15, 20 e 31 de maio. Ao todo, esses dias somaram 55 dos 87 *tweets* sobre saúde, conforme a Figura 66.

Figura 65 – Total de tweets por dia no mês de maio



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 66 - *Tweets* sobre saúde vs. *tweets* sobre outros assuntos em maio de 2020

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Para compreender de forma mais assertiva a oscilação entre os dias é possível analisar o que aconteceu em cada dia do mês de maio de acordo com o Boletim (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) e assim tentar mapear possíveis causas. Por exemplo, dia 1 de maio, Bolsonaro afirma em *live* que gostaria que todos voltassem a trabalhar, mas que não tem poder sobre essas ações. De acordo com ele, trata-se de uma escolha de governadores e prefeitos (BOLSONARO..., 2020b). Essa narrativa busca jogar a população contra a decisão do STF que concedeu autonomia aos estados e municípios com o objetivo de descentralizar as decisões, tendo em vista que Bolsonaro prejudicava as políticas públicas pela não ação (BRASIL, 2020c). Dias depois, em 7 de maio, através do Decreto n.º 10.342, a construção civil é incluída entre as atividades essenciais durante a pandemia. Não é possível atribuir relação de causa e consequência, mas existe ligação com o fato de que o ministério mais citado por Bolsonaro está relacionado a obras, conforme o verificamos em capítulo anterior em que fica evidente o destaque do Ministério da Infraestrutura para o projeto de governo estabelecido. Além disso, trata-se de um militar da reserva no cargo, Tarcísio Freitas. Esses elementos apontam para um projeto de governo com inspirações em militares (SOUZA, 2019) e baseado em obras. No mesmo dia, Bolsonaro visita de maneira inesperada o Supremo Tribunal Federal. Em sua companhia estavam empresários, ministros e um de seus filhos. Na data, Bolsonaro afirmou que economia também era vida como justificativa para flexibilização das medidas restritivas (POMPEU; FREITAS, 2020).

Transcorridos dois dias, em 9 de maio, Bolsonaro afirma que 70% da população irá pegar o vírus e que não pode fazer nada. Para ele, trata-se de uma neurose. Essa afirmação foi feita enquanto passeava jet ski no lago Paranoá, em Brasília (EM PASSEIO..., 2020).

No dia 11 de maio, através do Decreto n.º 10.344 (BRASIL, 2020b), são inclusos salões de beleza, barbearias academias de todas as modalidades e atividades industriais, sem especificação, entre as atividades essenciais. Essa ausência de pesquisas, critérios e dados sobre as decisões tornam a relação burocrática muito mais próxima da pandemia do que da própria saúde. Destaca-se que esse critério foi assinado e proposto por Bolsonaro.

Dia 13 de maio, o presidente edita a Medida Provisória de n.º 966 (BRASIL, 2020e) que isenta agentes públicos de responsabilização civil e administrativa por atos e omissões diante da pandemia. Porém, no dia 21 de maio o Supremo Tribunal Federal decidiu que qualquer ação tomada por agentes públicos deve estar baseada e fundada em critérios técnicos científicos. Por fim, o Congresso não aprova e a Medida Provisória é encerrada no dia 10 de setembro de 2020 (BRASIL, 2020).

No dia 14 de maio, através da Mensagem n.º 268 (BRASIL, 2020f), Bolsonaro veta um dispositivo da Lei n.º 13.998 (BRASIL, 2020c) que auxiliaria motoristas de aplicativos, ambulantes, feirantes, professores que estivessem sem receber salário, entre outros prestadores de serviços e autônomos. No mesmo dia, Bolsonaro declarou guerra aos governadores. Em videoconferência, Bolsonaro afirmou que exigiria a questão da cloroquina, pois se o Conselho Federal de Medicina decidiu que é possível usar, os estados não deveriam ir contra (MURAKAWA, 2020).

Um dia depois, em 15 de maio, o Ministro Nelson Teich se demite e afirma que não mancharia sua história com a cloroquina (JUNQUEIRA;MACHIDA, 2020). Pontuando considerações sobre os ministros da saúde, posteriormente, Pazuello admitiu, ao assumir o cargo de Ministro, que não sabia o que era o Sistema Universal de Saúde (SUS), afirmação foi feita em solenidade durante a solenidade de assumir o cargo no dia 07 de outubro de 2020 e deixar de ser um ministro interino (ANDRÉ, 2020).

No dia 19 de maio, é publicado o “Repassa Já!”, manifesto do Conselho Nacional de Saúde para obrigar o repasse da verba por parte do Ministério da Saúde. De acordo com a entidade, existia R\$ 8,489 bilhões que deveriam ser empregados na saúde e o Ministério da Saúde não tinha feito o repasse ou destinado os recursos

(CONSELHO, 2020). No mesmo dia, 19 de maio, Bolsonaro afirmou que “quem for de direita toma cloroquina e quem for de esquerda toma tubaína” (LINDNER, [2020b]).

Dia 20 de maio, o protocolo do Ministério da Saúde recomenda a utilização de cloroquina para todos os casos de COVID-19 (FARIAS, 2020). Além disso, o paciente é obrigado a assinar um Termo de Ciência e Consentimento e, assim, assume a responsabilidade pelo tratamento (BELTRAME, 2020). É necessário destacar que, nesse dia, Bolsonaro publicou 13 *tweets* sobre saúde e realizou 21 publicações ao total, o segundo dia mais movimentado no mês de maio no Twitter do presidente.

No dia 20 de maio, conforme a Figura 67, é destaque o fato de que Bolsonaro indica a cloroquina para tratamento precoce no mesmo dia em que o Ministério da Saúde autoriza a sua publicação. Essa lógica é um dos pilares de desinformação por parte de Bolsonaro: insistir em algo até que se torne concreto, mesmo que sem comprovação. Por exemplo, Bolsonaro esperou a demissão de Teich, colocou um ministro interino em seu lugar e, com isso, conseguiu a brecha para implementar um sistema público que recomendava a cloroquina. Resgatam-se aqui duas características da política de Bolsonaro: a retórica fascista (ECO, 2018) e o exercício do necropoder (MBEMBE, 2018).

Figura 67 – Tweet de maior engajamento no mês de maio e relacionado a saúde



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>92</sup>

Passados alguns dias, em 22 de maio, Bolsonaro afirma que todos vão morrer e que o Estado não pode zelar por todo mundo. Esse discurso foi feito em saída do Palácio do Planalto. Além disso, questionou a repercussão na mídia e afirmou que não existia a necessidade de alarde, tratava-se de um pânico midiático

<sup>92</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263130208967766024>. Acesso em: 29 mar. 2022.

(BOLSONARO, 2020d). Em 26 de maio, Bolsonaro afirma que não é possível continuar com espaços fechados (VALFRÉ, 2020). Diz que são 70 dias de economia parada e questiona até quando iriam seguir essas restrições.

Sobre o *tweet* relacionado à saúde e com o maior engajamento, destaca-se a publicação do dia 14 de maio, presente na Figura 68. Nesse dia, Bolsonaro teve uma reunião com empresários, de acordo com o *tweet* e aparece ao lado de Paulo Guedes, Ministro da Economia. Lembrando que no dia 14 de maio, Bolsonaro vetou uma série de possíveis beneficiários em relação ao auxílio emergencial (BRASIL, 2020f). Percebe-se, assim, a relação entre o que Bolsonaro fala e faz.

Figura 68 – Twitter de maior engajamento no mês de maio



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>93</sup>

Em relação ao *tweet* de maior engajamento entre todos, trata-se do lema de campanha de Bolsonaro com aspirações que remetem ao exército, originadas da Alemanha nazista (SUPPO, 2019) – Figura 69. Destaca-se aqui que o trabalho não tem a intenção de afirmar que Bolsonaro é nazista ou qualquer coisa do tipo, mas a sua relação e inspiração aos conteúdos e mensagens que inspiram a sua retórica precisam ser citados.

<sup>93</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1260962031919869957>. Acesso em: 28 mar. 2022.

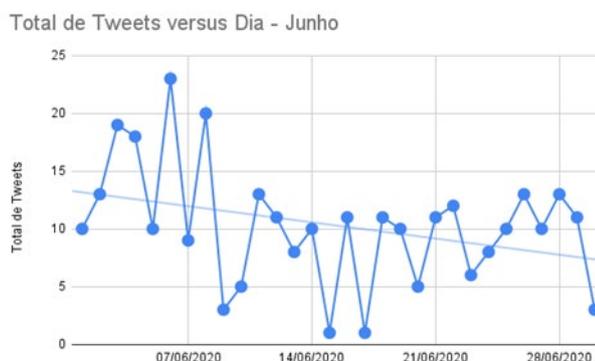
Figura 69 – Publicação de maior engajamento no mês de maio



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>94</sup>

### 5.3.6 Junho

No mês de junho foram registrados 140 *tweets* envolvendo saúde do total de 308. Em termos de proporção, trata-se do maior número absoluto e, também, da maior proporção, 45,45% dos *tweets* envolviam saúde de forma direta ou indireta (Figura 69). Em relação às publicações, existe um padrão que pode ser observado quando comparamos os meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio. Bolsonaro só fala quando pode ter o controle da narrativa ou decidir a pauta, trata-se de sequestrar o assunto em questão e fazer com que repercuta apenas o que ele acredita.

Figura 70 – Total de *tweets* por dia no mês de junho

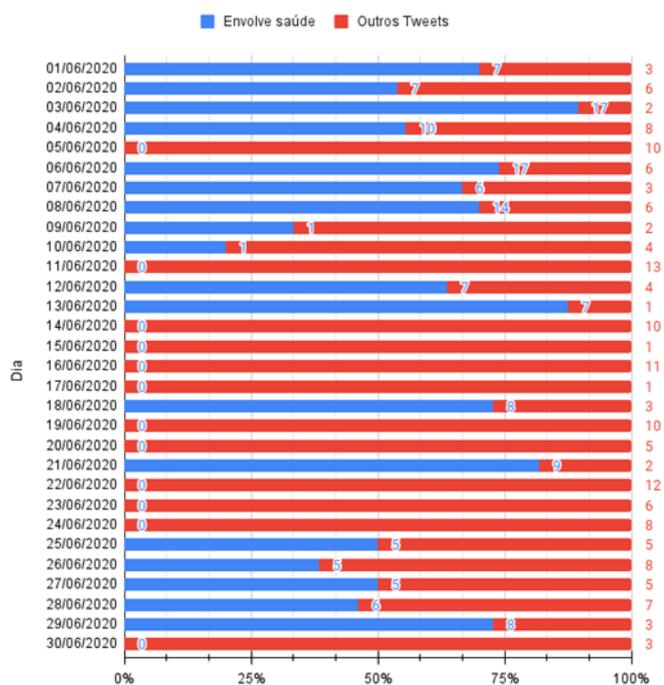
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

<sup>94</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263940112414580739>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Por exemplo, de acordo com o Boletim (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), no dia 3 de junho os dados sobre coronavírus foram divulgados com atraso, porém, o Ministério da Saúde disse que não foi proposital (VARGAS, 2020). No mesmo dia, Bolsonaro deu declarações questionando os dados sobre o número de mortos por COVID-19 (BOLSONARO..., 2020f). Essas ações somadas ao movimento alto em seu perfil do Twitter apontam para o principal evento de junho, 5 de junho, dia em que o *site* sobre COVID-19 do Ministério da Saúde saiu do ar e voltou no outro dia, mas apenas com o número de mortes no dia, sem o histórico (BORGES, 2020).

Ainda no dia 5 de junho, Bolsonaro é questionado sobre o atraso na publicação dos dados e diz que, em função disso, vai terminar a matéria no *Jornal Nacional*. Posteriormente, afirmou que se a Organização Mundial da Saúde não deixasse de ser uma organização partidária o Brasil iria deixar de fazer parte (VENAGLIA, 2020). Dado o histórico de acontecimentos em um curto espaço de tempo no mês de junho, havia uma grande probabilidade de Bolsonaro desviar o foco da saúde e criar narrativas paralelas sobre o assunto.

Figura 71 – *Tweets* sobre saúde vs. *tweets* sobre outros assuntos em junho de 2020



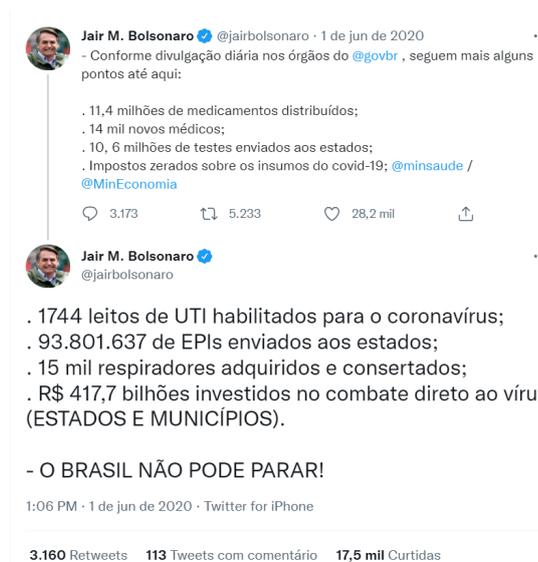
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Por exemplo, Bolsonaro concentrou seus *tweets* sobre saúde em dias anteriores ao problema no site do Ministério da Saúde. No dia em si, não existiu qualquer menção sobre o assunto. Porém, entre 1 e 4 de junho foram feitos 41 *tweets* sobre saúde e apenas 19 não eram sobre saúde. Somando os *tweets*, percebe-se que 68,3% das publicações foram sobre saúde ou estavam relacionadas com o assunto.

Os conteúdos que foram publicados por Bolsonaro entre os dias 1 e 4 de junho foram *threads* com a finalidade de demonstrar serviço, comprovar que estavam sendo feitas ações em relação ao vírus. Porém, nenhuma delas era com planejamento ou ações objetivas. Os conteúdos eram sobre doações ou ações pontuais e sem capacidade de rastreabilidade (Figura 72).

O fato de Bolsonaro não estabelecer um planejamento e não ter métricas, objetivos e propostas tornaram qualquer ação uma demonstração de resposta ao coronavírus. É possível considerar que foram propositalmente orquestradas as entregas de EPIs e materiais de saúde, pois jamais foi feito um levantamento por parte do governo federal sobre as necessidades. Consequentemente, qualquer ação parece maior do que realmente é porque o padrão é não ter ação, trata-se de “deixar morrer”. Esse foi o comportamento de Bolsonaro de acordo com o histórico do primeiro semestre.

Figura 72 – Tweet de Bolsonaro reforçando a narrativa de esforços do governo federal.



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>95</sup>

<sup>95</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1267487748119826432>. Acesso em: 30 de mar. 2022.

Após o movimento de retirar o site do ar, no dia 8 de junho, foi criado um consórcio por parte da imprensa que tinha como objetivo mapear a busca sobre o número de casos referente as 27 unidades federativas do país (VEÍCULOS..., 2020). Esse consórcio é a prova de que foi necessário implementar um controle paralelo porque o estado, que deveria ter um mecanismo de controle, não o fazia.

Em 7 de junho, Bolsonaro afirma que foi o Supremo Tribunal Federal que decidiu que isolamento é uma política de governadores e prefeitos (SPECHOTO, 2020). Além disso, também destacou que o desemprego não é sua responsabilidade, trata-se de algo que governadores e prefeitos devem trabalhar pois são eles que defendem o isolamento. Essa mesma lógica foi reforçada no dia 8 de junho, quando Bolsonaro usa o Twitter para afirmar que ações de combate à pandemia são responsabilidade de prefeituras e governos estaduais de acordo com o Supremo Tribunal Federal, conforme Figura 73.

Figura 73 – Tweet de Bolsonaro sobre responsabilidades de prefeitos e governadores



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>96</sup>

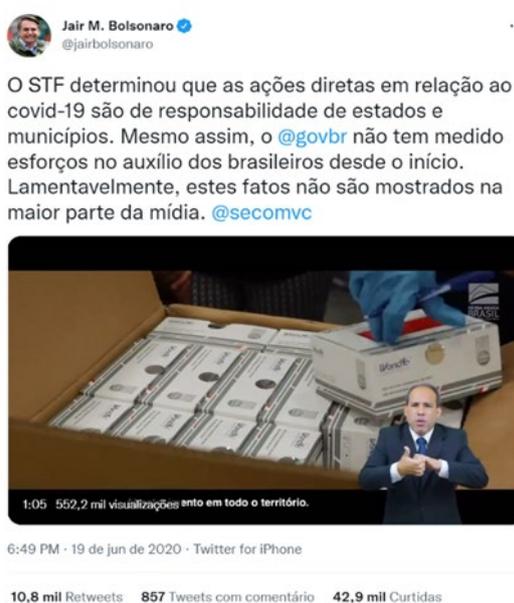
No dia 10 de junho, Bolsonaro diz que mortes devem ser cobradas de governadores e que não são apenas de coronavírus que as pessoas estão morrendo

<sup>96</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1269942255298777095>. Acesso em: 30 mar. 2022.

(BOLSONARO, 2020c). No mesmo dia, Bolsonaro incita uma invasão aos hospitais de campanha e afirma que existe uma responsabilização do governo federal pelas mortes e que isso seria uma estratégia política (BIANCA GOMES, 2020).

Ainda sobre a narrativa em relação aos fatos, conforme a Figura 74, em 19 de junho Bolsonaro reforçou a narrativa de que apenas cidades e estados poderiam tomar decisões em relação ao coronavírus. Para reforçar, publicou um vídeo com ações do governo federal durante a pandemia e disse que esse tipo de ação a mídia não mostrava.

Figura 74 – Tweet de Bolsonaro com ataque ao STF, governadores e prefeitos



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>97</sup>

Dias depois, em 24 de junho, o Tribunal de Contas da União alertou a Casa Civil sobre a ausência de diretrizes estratégicas e que fossem claras sobre a COVID-19 (BRASIL, 2020). De acordo com o alerta, não existia um documento unificado de recomendações e que fosse esclarecedor sobre quais medidas deveriam ser adotadas sobre o coronavírus.

Sobre os *tweets* de maior engajamento, o principal *tweet* de junho é uma publicação de Bolsonaro em uma transposição do Rio São Francisco (Figura 75). Na

<sup>97</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1274096953450790914>. Acesso em: 30 mar. 2022.

foto, Bolsonaro está olhando para cima como se fosse um gesto de agradecimento a Deus.

Figura 75 – Tweet de junho de 2020 com o maior engajamento



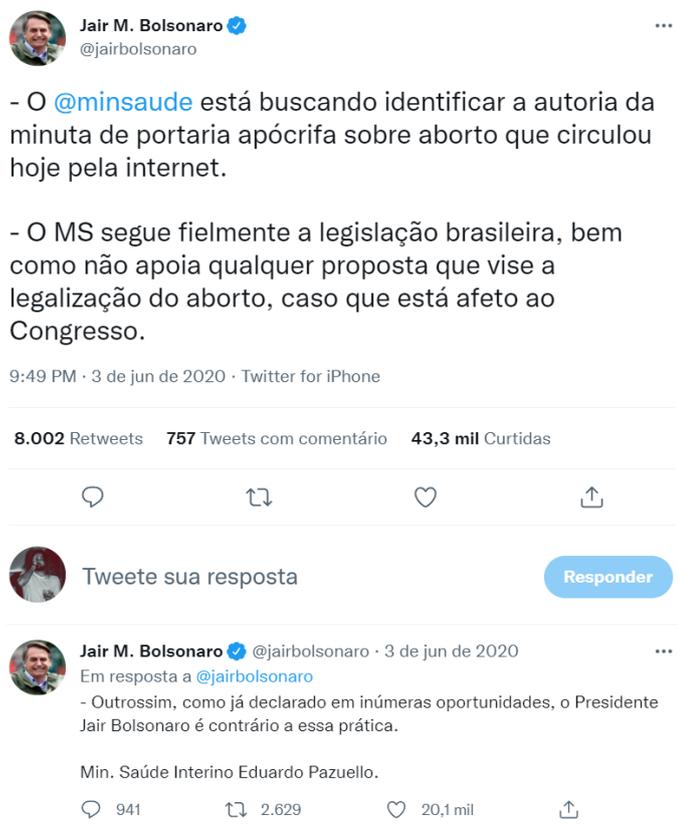
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>98</sup>

Em relação aos *tweets* envolvendo saúde, o maior destaque é o do dia 3 de junho de 2020. Trata-se do terceiro *tweet* de maior engajamento no mês de junho. Os dois primeiros foram desconsiderados em função de não terem relação direta com a saúde e serem apenas abertura de *threads*, sem uma menção direta ao assunto.

Porém, o que se destaca em junho é o fato de que o ministro da saúde interino Eduardo Pazuello assina um *tweet* de Bolsonaro. Esse foi o *tweet* de maior surpresa no âmbito de pesquisa porque o Twitter é uma rede pessoal. Infere-se que o objetivo da publicação foi de acalmar os seguidores conservadores com a finalidade de mostrar preocupação com a portaria sobre aborto que circulou no dia 3 de junho, conforme a Figura 76. A maior surpresa foi um *tweet* assinado por um ministro ter tanto engajamento – possivelmente por envolver uma pauta conservadora.

<sup>98</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1276528009458180103>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Figura 76 – Tweet de terceiro maior engajamento no mês de junho



**Jair M. Bolsonaro** ✓  
@jairbolsonaro

- O @minsaude está buscando identificar a autoria da minuta de portaria apócrifa sobre aborto que circulou hoje pela internet.

- O MS segue fielmente a legislação brasileira, bem como não apoia qualquer proposta que vise a legalização do aborto, caso que está afeto ao Congresso.

9:49 PM · 3 de jun de 2020 · Twitter for iPhone

8.002 Retweets 757 Tweets com comentário 43,3 mil Curtidas

Compartilhar

Tweete sua resposta **Responder**

**Jair M. Bolsonaro** ✓ @jairbolsonaro · 3 de jun de 2020  
Em resposta a @jairbolsonaro

- Outrossim, como já declarado em inúmeras oportunidades, o Presidente Jair Bolsonaro é contrário a essa prática.

Min. Saúde Interino Eduardo Pazuello.

941 2.629 20,1 mil

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor junto ao perfil de @jairbolsonaro no Twitter.<sup>99</sup>

<sup>99</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1268343988404334594>. Acesso em: 30 mar. 2022.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19, iniciada ao final de 2019 e começo de 2020, obrigou o mundo a um processo de profundas mudanças na comunicação. Enquanto país, o Brasil sofreu com a ausência de uma liderança política firme, competente e eficaz em relação ao coronavírus (DIAZ- QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Jair Bolsonaro, durante o primeiro semestre de 2020, confirmou o histórico de sua relação com a saúde pública: não foi encontrado registro de uma pauta científica, mas sim política, baseada em conflito (NETO, 2019). Dessa forma, o presidente utilizou o estado para propaganda de sua narrativa (RECUERO, 2021) sem comprovação científica, deixando evidente a relação entre pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018) e necropolítica em suas ações (MBEMBE, 2018). Portanto, pelo que foi analisado, o governo de Bolsonaro foi posicionado com base no exercício do necropoder (MBEMBE, 2018) no primeiro semestre de 2020 ao falar sobre saúde.

A evolução da discussão sobre desinformação acompanha diretamente o volume de dados. A discussão sobre os problemas técnicos relativos à quantidade de informação se tornou menor quando comparado aos problemas semânticos relacionados ao significado de verdade e eficácia das informações publicadas (SHANNON, 1948). Principalmente, quando analisamos a quantidade de pessoas que possuem acesso à *internet*, mesmo que sejam muitos os desafios de equidade em relação ao acesso (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021; COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021a). Entretanto, nossos problemas atuais são questões ligadas ao excesso das informações e qualidade desse conteúdo. Em relação a isso, percebe-se uma estrutura cinza na qual Bolsonaro opera. Existem acontecimentos e dados em seus conteúdos, mas estão misturados com a ausência de fontes e de informações verificáveis em um país que é estruturalmente desigual em diversos aspectos.

Sobre 2020, foi possível confirmar que a desinformação possui uma capilaridade muito maior quando comparada a informação verificada (RECUERO, 2021), um fenômeno que é alimentado por bolhas sociais, elemento que pode fragilizar a democracia (BUCCI, 2018) e é potencializado pela pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). Nesse contexto, sentimentos e emoções ganham força, destaca-se um período no qual Bolsonaro foi eleito em 2018 e que foi fundamentado

em quatro pilares: a) convergência de insatisfações que começaram em 2013; b) discurso elitista que está apoiado pela classe média; c) discurso que também ressoa na extrema direita hegemônica que ocupa o debate público; d) por fim, a ideia de que a esquerda enquanto oposição está fraca devido a sua falta de projeções sobre o futuro (SAAD-FILHO; BOFFO, 2020).

Esse sentimento de frustrações da classe média é um dos elementos que caracterizam o fascismo (ECO, 2018) e fazem parte do apoio político de Bolsonaro. Esse elemento fascista também possui o componente do racismo (ECO, 2018), tecnologia que está presente no Sistema de Saúde Brasileiro durante a pandemia (SANTOS, *et al.*, 2020). Esses elementos, somados ao fato de que o presidente do país possui falas racistas no decorrer de sua trajetória política (NASCIMENTO *et al.*, 2018), legitimam um poder que ganha características de necropoder (MBEMBE, 2018).

Bolsonaro não é um fascista declarado, não assume essa postura afirmativa. Porém, é necessário lembrar que sua retórica é de pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018), ou seja, sua fala não está baseada em características iluministas com objetivos de garantir a verdade. Por esse motivo é necessário analisar o que é feito pelo político Bolsonaro e pelo seu governo, nesse sentido a Análise de Discurso foi fundamental (ORLANDI, 2005). Entre os planos de ação estava “*O Brasil não pode parar*” (LINDNER, 2020) com a finalidade de priorizar a economia em relação à vida. Esse é um exemplo de estratégia de comunicação com apoio do estado e que é a materialidade da necropolítica (MBEMBE, 2018).

A escolha da necropolítica é evidenciada na consolidação do número de mortos no primeiro semestre de 2020, foram mais de 40 mil mortos e mais de 850.000 casos acumulados (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021) entre janeiro e junho de 2020. Pensando em evidências diretas da necropolítica de Bolsonaro e sua relação com seu perfil oficial no Twitter, destacam-se algumas figuras citadas no trabalho que são *prints* de *tweets* e estão diretamente relacionadas a evidências de normas jurídicas, obstrução da justiça e propaganda (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021).

Por exemplo, Figura 56 é um *tweet* do dia 18 de março sobre a proibição a venezuelanos entrarem no Brasil. O governo de Bolsonaro publicou a medida no dia 17 de março através da Portaria n.º 120 (BRASIL, 2020h). Em menos de 24h Bolsonaro fez uma publicação em seu *twitter* para dar destaque sobre o assunto e,

possivelmente, para engajar com sua base política que tem um posicionamento majoritariamente voltado para a extrema direita. Tal ação pode ser observada como uma política fascista dentro das características apontadas por Eco (2018).

Depois, a Figura 65 e a Figura 67 fazem menção à cloroquina. Em ambas fica clara a relação e a propaganda direta do chefe do executivo para a utilização do medicamento. Enquanto medida oficial, aponta-se a ação realizada com base na Resolução de Diretoria Colegiada de nº 354 (BRASIL, 2020j). Nessa resolução, buscava-se retirar a responsabilidade do médico e transferir para o paciente, ou seja, o paciente assinaria um termo em que se responsabilizava pelas consequências em relação a própria saúde. Essa lógica busca retirar a responsabilidade do poder do estado em relação à vida (FOUCAULT, 1998). Essa transferência é uma tentativa de transferir juridicamente a responsabilidade para o indivíduo. Trata-se de um exemplo de necropoder em benefício da necropolítica (MBEMBE, 2018).

O mesmo acontece com o exemplo da Figura 73. Nela é registrado um *tweet* em que Bolsonaro responsabiliza estados e municípios sobre as políticas públicas de saúde e busca retirar do governo federal qualquer obrigação. Essa ação tem como finalidade transferir responsabilidade pelo ato de deixar morrer, novamente um exercício de necropolítica (MBEMBE, 2018).

Essa repetição sistemática de ações de Bolsonaro durante o primeiro semestre de 2020 foi coerente com seu histórico no exército (CARVALHO, 2019) e, também, com seu histórico de político (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Em ambos Bolsonaro se mostrou irresponsável e não foi punido por isso.

Historicamente, o Brasil é uma nação que opta pela conciliação social e não pela punição, por exemplo. O Supremo Tribunal Militar é o mais antigo do país, foi criado em 1º de abril de 1.808 (KORNIS; JUNQUEIRA, 2019c). Ao decorrer da República Brasileira foram concedidas 48 anistias, a primeira de 1895 e a última de 1979 (TELES; VLADIMIR, 2011). Culturalmente, militares não são punidos. Há um favorecimento do conservadorismo através desse hábito.

Diante disso, por exemplo, em processos militares, Bolsonaro foi julgado e absolvido pelo próprio exército. Esse foi o caso do evento no qual planejou explodir uma bomba (O ARTIGO..., 2020). Ou seja, existe a impunidade por parte de militares em função de que são julgados por iguais (ZAVERRUCHA; MELO FILHO, 2004). Após, foi aposentado compulsoriamente do exército e ingressou na política em função da

sua popularidade por gerar polêmicas e defender pautas relacionadas aos militares. Em relação ao histórico enquanto político, Bolsonaro desprezou indígenas, mulheres, foi racista e contra os direitos humanos (NASCIMENTO, 2018). Mesmo com essas falas, jamais foi impedido de concorrer aos cargos legislativos ou sofreu qualquer sanção em relação ao seu mandato: não foi punido.

Em relação ao seu histórico sobre saúde e política, destaca-se o projeto de lei que buscava legalizar a utilização da fosfoetanolamina sintética para pacientes diagnosticados com neoplasia maligna. Contudo, o medicamento nunca foi reconhecido como eficaz e à medida que autorizava sua distribuição foi suspensa pelo STF (MARINI, 2018). No histórico de Bolsonaro sobre saúde é possível perceber que sua pauta sempre foi de polarização em relação à saúde e nunca pensando no bem comum ou no bem-estar da população. No que se refere às pautas políticas de votação no congresso, Bolsonaro estava na extrema oposição (SOUZA; ALMEIDA; ZANLORENSSI, 2019).

Na perspectiva de comunicação, Bolsonaro usou seu discurso para diminuir direitos e negar o diálogo, características ligadas aos elementos do fascismo (ECO, 2018). Portanto, ao analisar a necropolítica (MBEMBE, 2018), percebe-se a relevância de estudar e entender a fala do representante político do país em questão. O discurso carrega uma mensagem muito forte e que, quando colocada em prática, pode causar a morte de outras pessoas.

Essa análise se dá pelo fato de que antes do exercício do poder, existe uma legitimação que acontece através de campanhas eleitorais e de uma democracia cada vez mais frágil (BUCCI, 2018). Foi através dessa lógica que Bolsonaro ganhou espaço. Antes de agir e promover através de leis, atos normativos e ações jurídicas, ele ganhou uma eleição com um discurso que não apresentava projetos e sim pautas morais baseadas em pós-verdade e estabelecimento do medo como argumento de voto (CHAGAS; MODESTO; MAGALHÃES, 2019). Salienta-se que todas as eleições em que participou tiveram esse mote. A diferença em relação a 2018 é de que esses argumentos estavam mais próximos da população em função de um sentimento de ódio em relação ao PT, baseado no conflito (NASCIMENTO *et al.*, 2018)

Dados os argumentos citados acima, destaca-se que não existe qualquer registro de elemento embasado por ciência na fala de Bolsonaro. Trata-se de uma retórica que não se sustenta em argumentos, mas sim com o volume de

desinformações geradas de acordo o período de tempo e que são, majoritariamente, de cunho moral (NASCIMENTO, 2018). Por exemplo, Bolsonaro tem o hábito de ficar recluso quando está sendo alvo de críticas e não pode reagir. Esse hábito foi evidenciando no mês de abril, quando obteve o maior engajamento proporcional e fez isso desviando o foco da área da saúde.

Essa confusão de retórica é proposital porque não demanda linearidade, aqui é destacada a estrutura *não-linear* do hipertexto (XAVIER, 2015) utilizado por Bolsonaro enquanto característica de sua desinformação. A desinformação se sustenta pela finalidade de criticar a oposição, mesmo que sem provas. Em uma definição de sua estratégia, Bolsonaro disputa atenção no campo de argumentos morais e subjetivos, fugindo de qualquer fato objetivo ou concreto. Um exemplo disso é a desinformação no seu perfil do Twitter, que chega ao número de 99% se relacionado com saúde, de acordo com os critérios estabelecidos com base de na classificação de Wardle e Dekarshan (2017). Lembra-se que o critério utilizado definiu como desinformação toda e qualquer publicação que não tivesse fonte de dados com a possibilidade de verificação direta.

É necessário fazer uma ponderação relacionada à análise da desinformação: acontece por ser o político Jair Bolsonaro ou é um padrão entre políticos no Twitter? Evidencia-se que o hábito de publicar *links* inválidos, genéricos ou dados sem fonte verificáveis foi um hábito recorrente no perfil de Bolsonaro. Contudo, o presente trabalho não tem ambição de concluir ou inferir sobre essa questão, trata-se apenas de uma consideração sobre o objeto analisado.

Sobre o mapeamento da estratégia, não é possível mapear todas as estratégias de Bolsonaro, mas é possível apontar as principais quando relacionadas a saúde. Elencando, os padrões de desinformação sobre saúde são: a) gerar volume de desinformação para poluir o debate público; b) ao falar com a base de apoio, diminuir o volume de publicações; c) utilizar a não linearidade como base para publicações no Twitter; d) criticar a subjetividade de argumentos, pontos que sejam morais e fabricados pelo próprio Bolsonaro sem lastro científico ou embasado por argumentos verificáveis.

Por exemplo, ao falar sobre saúde no Twitter, Bolsonaro usou o termo “maus médicos” para referenciar o programa “Mais Médicos”, do governo federal, em 2014, conforme a Figura 29 e pode ser apontado nesse caso as estratégias d e c, elencadas

anteriormente. Como argumento crítico é ineficiente, mas como elemento de comunicação trabalha com a subjetividade de associação e de fácil compreensão pela emoção e sem qualquer responsabilidade com a veracidade da informação. Essa zona de desinformação criada por Bolsonaro é o principal diferencial de sua comunicação baseada em pós-verdade (BUCCI, 2018; SANTAELLA, 2018). Trata-se de uma linguagem simples e simplista. Simplista porque oferece uma solução comum para perguntas ou questões complexas e simples porque é de fácil compreensão, décima quarta característica do ur-fascismo proposto por Eco (2018). Além disso, ela é potencialmente destrutiva em redes sociais digitais porque não existe resposta para essa crítica, trata-se de publicação apenas ofensiva.

Sobre os padrões de desinformação a e b é possível apontar, durante o primeiro semestre de 2020, dois meses de destaque. Março o mês que Bolsonaro movimentou a rede para poluir o debate público e teve 344 *tweets* totais, característica a de desinformação. O segundo destaque é abril, período em que Bolsonaro diminui a intensidade de suas publicações. Destaca-se aqui os pontos a e b como elementos que podem ser aplicados aos dias de publicações, semanas ou meses, desde que comparados igualmente e com a mesma estratégia metodológica.

Sobre o discurso relacionado a saúde, um dos exemplos é que o presidente sempre associou a cloroquina com a expressão tratamento precoce e aparecia com a embalagem do remédio para atribuir credibilidade e segurança para sua propaganda. Com o tempo, isso ganhou legitimidade no governo federal e, até mesmo, junto a médicos. Bolsonaro politizou a saúde pública para criar uma narrativa própria. Fez indicações de um medicamento existente com prescrição de tratar uma questão, para cuidar de outra, na qual ele é ineficaz (RECUERO, 2021).

Relacionado o discurso da saúde e desinformação, Bolsonaro utilizou os três tipos de desinformação apresentados no *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Informações incorretas, porque utilizou a propaganda da cloroquina e outros medicamentos para tratamento do coronavírus, por exemplo. Desinformação, porque apresentou informações fora de contexto ou sem fonte de dados. E, por fim, discurso de ódio, principalmente, com a imprensa, que criticou e questionou as medidas sem fundamentação científica. Em seu perfil do Twitter, todos

esses elementos estão presentes. Cerca de 99% dos *tweets* publicados sobre saúde são desinformação, conforme a análise apresentada no primeiro semestre de 2020.

Um exemplo de informação incorreta, é a expressão “tratamento preventivo” para coronavírus, quando na verdade não existe tratamento preventivo. A expressão foi empregada por Bolsonaro em um raciocínio enviesado para não comunicar sobre a necessidade do uso de máscaras ou cuidados básicos. Com isso, foi criada uma narrativa paralela para seus eleitores. A informação incorreta de Bolsonaro trabalha muito com representações. A narrativa passa por essa montagem de diversas informações incorretas ou desinformativas: uma construção baseada em conflito e polarização (NETO, 2019; RECUERO, 2021).

Logo, é fundamental nomear e considerar essa comunicação enquanto saber da necropolítica (MBEMBE, 2018). Tal evidência é posta por meio do boletim *Direitos na Pandemia* (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021), que possui os eixos de atos normativos, atos de obstrução e propaganda. Verifica-se que todos complementares e que trabalharam de forma integrada para implementar um projeto político que resultou na morte de uma série de brasileiros, mesmo que de forma indireta. Os dois primeiros eixos são sobre o que se faz, o terceiro eixo é sobre o que se fala. Ou seja, para analisar um projeto de governo através de suas ações é também necessário analisar a comunicação do que é feito, algo pouco presente no campo de pesquisa da comunicação.

Trata-se de fazer um paralelo entre o que Bolsonaro fala e o que ele faz para, assim, constatar que a desinformação relacionada à saúde pode matar. Quando Bolsonaro desinforma de maneira proposital e assume o risco de morte, essa propaganda integra um projeto de governo. Ao legitimar ataques contra saúde pública, Bolsonaro não faz apenas propaganda, mas também um ataque que atinge os próprios brasileiros e afeta a credibilidade do estado. Essa lógica de negação da ciência e do estado é parte integrante do discurso de Bolsonaro, que objetiva fragilizar a democracia (NOBRE, 2020). Assim, torna-se uma política estruturada com documentos, evidências e registros de atos contra a vida conforme o boletim *Direitos na Pandemia* (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021).

Como sugestão para as próximas pesquisas, considera-se fundamental uma linha de raciocínio que seja alheia ao conteúdo da desinformação. Por exemplo, na presente pesquisa foi escolhido o boletim *Direitos na Pandemia: mapeamento e*

*análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil* (DIAZ-QUIJANO; RIBEIRO, 2021). Esse documento serviu como base para uma leitura dinâmica entre a relação entre o que foi dito e o que foi feito. Outro ponto de aprendizado é o fato de que o trabalho teve o enfoque de pesquisar saúde. Essa dinâmica facilita as considerações e a crítica objetiva.

Concluindo, existem diversas pesquisas possíveis e relacionadas a Jair Bolsonaro e à temática do coronavírus. Acredita-se que a comunicação deva estabelecer mais vínculos com diferentes áreas do conhecimento e deva priorizar estudos interdisciplinares com dados, visualização de dados, normas jurídicas ou ferramentas que ampliem as perspectivas sobre as consequências da comunicação na sociedade.

## Referências

AMORIM, Paula Rocha; ANGONESE, Marjulier. O medo na rede: o reflexo no Twitter da violência nos protestos de junho de 2013 Fear on the network: the reflection on Twitter of the violence in June 2013 protests. *In: COMPÓS*, 22., 2013, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013. p. 1-19.

ANDRÉ, Natália. Pazuello diz que, antes de cargo no governo, não sabia o que era o SUS. *In: CNN Brasil*. Brasília, 7 out. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pazuello-diz-que-antes-de-cargo-no-governo-nao-sabia-o-que-era-o-sus>. Acesso em: 5 mar. 2022.

ARAÚJO, Eliiany Alvarenga. A Construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. **DataGramaZero**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. A03, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5227>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. de M. A intertextualidade em hipertextos: uma análise de tweets de cunho didático. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 14, n. 3, p. e32557, 2021. DOI: 10.35699/1983-3652.2021.32557. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/32557>. Acesso em: 1 maio. 2022.

BELTRAME, Alberto. NOTA OFICIAL: “Orientações do Ministério da Saúde para tratamento medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da Covid-19.” *In: Conselho Nacional de Secretários de Saúde*. [S. l.], 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.conass.org.br/nota-oficial-sobre-o-documento-intitulado-orientacoes-do-ministerio-da-saude-para-tratamento-medicamentoso-precoce-de-pacientes-com-diagnostico-da-covid-19-lancado-pelo-ministerio-da/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BERALDO, Paulo. “Não é uma situação alarmante”, diz Bolsonaro sobre coronavírus. **O Estado de S. Paulo**, [S. l.], 26 jan. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-e-uma-situacao-alaricante-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003173424>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BORGES, André. Site do Ministério da Saúde sobre covid-19 volta ao ar apenas com informações das últimas 24 horas. **O Estado de S. Paulo**, [S. l.], 6 jun. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,site-do-ministerio-da-saude-sobre-covid-19-volta-ao-ar-apenas-com-informacoes-das-ultimas-24-horas,70003327025>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO, Flavio. **Jair Messias Bolsonaro: Mito ou verdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Altadena, 2017.

BOLSONARO e o coronavírus: “pequena crise” provocada por “fantasia” dos “media”. **Diário de Notícias**, [S. l.], 10 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.dn.pt/mundo/bolsonaro-e-o-coronavirus-pequena-crise-provocada-por-fantasia-dos-media-11909710.html>. Acesso em: 4 mar. 2022.

BOLSONARO volta a atacar governadores: ‘Povo saberá que foi. **Veja**, [S. l.], 23 mar. 2020a. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-atacar-governadores-povo-sabera-que-foi-enganado>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO: “Gostaria que todos voltassem a trabalhar, mas quem decide não sou eu”. **ISTOÉ**, [S. l.], 1 maio 2020b. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-gostaria-que-todos-voltassem-a-trabalhar-mas-quem-decide-nao-sou-eu>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO minimiza mortes por Covid e manda apoiadora que o questionou se retirar. **ISTOÉ**, [S. l.], 10 jun. 2020c. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-minimiza-mortes-por-covid-e-manda-apoiadora-que-o-questionou-se-retirar/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO volta a minimizar mortes por coronavírus: “É natural, é a vida.”. *In*: **Brasil de Fato**. São Paulo, 22 maio 2020d. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/22/bolsonaro-volta-a-minimizar-mortes-por-coronavirus-e-natural-e-a-vida>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO sobre recorde de mortes por coronavírus: “Eu sou Messias, mas não faço milagre”. *In*: **Jovem Pan**. [S. l.], 28 abr. 2020e. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-mortes-coronavirus-messias.html>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BOLSONARO põe em dúvida número alto de mortos pela covid-19. *In*: **R7**. [S. l.], 2020f. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-poe-em-duvida-numero-alto-de-mortos-pela-covid-19-03062020>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BORGES, Luna; PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sergio; et al. **O aparente dilema implicado pela pandemia da COVID-19: salvar vidas ou a economia ?** Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2020.

BRADSHAW, Paul. The inverted pyramid of data journalism. *In*: **Online Journalism**. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2011/07/07/the-inverted-pyramid-of-data-journalism>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BRADSHAW, Paul. 6 ways of communicating data journalism. *In*: **Online Journalism**. [S. l.], 2011a. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2011/07/13/the-inverted-pyramid-of-data-journalism-part-2-6-ways-of-communicating-data-journalism>. Acesso em: 5 mai. 2021.

BRADY, William J. et al. Emotion shapes the diffusion of moralized content in social networks. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [S. l.], v. 114, n. 28, p. 7313-7318, 2017.

BRAMATTI, Daniel; MONNERAT, Alessandra; BREMBATTI, Katia. Distorção precode. o papel de Bolsonaro e seus aliados na difusão de desinformação sobre a

pandemia. **O Estado de S. Paulo**, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/distorcao-precoce-o-papel-de-bolsonaro-e-seus-aliados-na-difusao-de-desinformacao-sobre-a-pandemia>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.292, de 25 de março de 2020**. Brasília, DF: Presidência da República, 25 mar. [2020a]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.292-de-25-de-marco-de-2020-249807965>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.344, de 11 de maio de 2020**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020b]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.344-de-11-de-maio-de-2020-256165816>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. **Lei 13.998, de 14 de maio de 2020**. Brasília: Presidência da República, [2020c]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L13998.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13998.htm). Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. **Medida Provisória nº 926, de 20 de março de 2020**. Brasília: Presidência da República, 20 mar. [2020d]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-926-de-20-de-marco-de-2020-249094248>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. **Medida Provisória nº 966, de 13 de maio de 2020**. Brasília: Presidência da República, [2020e]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-966-de-13-de-maio-de-2020-256734909>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. **Mensagem nº 268, de 14 de maio de 2020**. Brasília: Presidência da República, [2020f]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm). Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria especial de Saúde Indígena. **Plano de Contingência da Saúde Indígena Preliminar**. Brasília: [s. n.], [2020g]. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1095139/plano\\_de\\_contingencia\\_da\\_saude\\_indigena\\_preliminar.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1095139/plano_de_contingencia_da_saude_indigena_preliminar.pdf). Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 120, de 17 de março de 2020**. Brasília: Presidência da República, 17 mar. [2020h]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/prt120-20-ccv.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt120-20-ccv.htm). Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Portaria nº 204, de 29 de abril de 2020. Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, por via terrestre, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. **Diário Oficial da união**, Brasília, Presidência da República, v. 1, 29 abr. 2020i. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-204-de-29-de-abril-de-2020-254499736>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição - PEC 293/2013**. Altera os incisos II, III e VIII do § 3º do art. 142 da Constituição Federal, para estender aos profissionais

de saúde das Forças Armadas a possibilidade de cumulação de cargo a que se refere o art. 37, inciso XVI, alínea “c”. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/587916>. Acesso em: 4 mar. 2022.

BRASIL. **Resolução de Diretoria Colegiada nº 354, de 23 março de 2020**. Brasília: Presidência da República, [2020j]. Disponível em: [https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-354-de-23-de-marco-de-2020-249317430?fb\\_comment\\_id=3925728620778693\\_4284352088249676](https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-354-de-23-de-marco-de-2020-249317430?fb_comment_id=3925728620778693_4284352088249676). Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Ato declaratório do presidente da mesa do Congresso Nacional Nº 123, de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, edição 182, p. 1, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/ato-declaratorio-do-presidente-da-mesa-do-congresso-nacional-n-123-de-2020-278693542>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 672**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2020a. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF672liminar.pdf> . Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade 6.431**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 15 abr. 2020b. 147 p. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754372183>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Acórdão nº 1.616. *In: Ata nº 25, de 7 de julho de 2021*. [S. l.], 2020. p. 73. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/ata-n-25-de-7-de-julho-de-2021-332431333>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BRASIL. Painel Coronavírus. *In: Coronavírus Brasil*. [S. l.], 2022a. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. Especial COVID-19. *In: Portal da Transparência - Registro Civil*. [S. l.], 2022b. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>. Acesso em: 27 fev. 2022.

BRASIL. Tribunal Regional Federal da 2ª Região. **Despacho nº 5002814-73.2020.4.02.5118**. Disponível em: [https://www.migalhas.com.br/arquivos/2020/3/318356F078A5E2\\_decisaoJFRJ.pdf](https://www.migalhas.com.br/arquivos/2020/3/318356F078A5E2_decisaoJFRJ.pdf) Acesso em: 31 mar. 2020.

“BRASILEIRO pula em esgoto e não acontece nada”, diz Bolsonaro em alusão ao coronavírus. **ISTOÉ**. [S. l.], 27 mar. 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/brasileiro-pula-em-esgoto-e-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-em-alusao-ao-coronavirus>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BUCCI, Eugênio. **Pós-política e corrosão da verdade**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CAIRO, Alberto. **The truthful Art, The: Data, Charts, and Maps for Communication**. 1. ed. São Francisco: New Riders, 2016.

CAMPEAN, Frederico Antônio Pereira. **O discurso Bolsonaroista e a Desconstrução do Brasil**. 2019. 231 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2019.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.

CAROLINA, Moraes; FLÁVIA, Faria. As promessas de Bolsonaro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 abr. 2019.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

CASALI, Cláudio Tavares. Brasil, acima de tudo. *In: Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil*. [S. l.], p. 1-5, out. 2018. Disponível em: [http://www.cipqdt.eb.mil.br/download/trabalhos\\_cientificos/o\\_brado\\_brasil\\_acima\\_de\\_tudo.pdf](http://www.cipqdt.eb.mil.br/download/trabalhos_cientificos/o_brado_brasil_acima_de_tudo.pdf). Acesso em: 27 jan. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. v. 1.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE DIREITO SANITÁRIO. **A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19**. São Paulo: [s. n.], 2021.

CHADE, Jamil. Coronavírus: ministro denuncia “plano comunista”, cita China e questiona OMS. *In: Uol Notícias*. [S. l.], 22 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/22/diante-da-pandemia-chanceler-alerta-contr-plano-comunista-e-questiona-oms.htm>. Acesso em: 5 Mar. 2022.

CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. **Esferas**, Brasília, n. 14, p. 1, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/10374>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 201-214, 2018.

CONSELHO Nacional de Saúde – CNS e conselhos estaduais se unem para exigir do MS financiamento integral do SUS frente à pandemia. *In: Conselho Nacional de Saúde – Últimas notícias*. [S. l.], 19 maio 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1186-cns-e-conselhos-estaduais-se-unem-para-exigir-do-ms-financiamento-integral-do-sus-frente-a-pandemia>. Acesso em: 5 mar. 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Painel TIC COVID-19** – Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus. Editado por Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: [https://cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel\\_tic\\_covid19\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 27 jan. 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2020: edição COVID-19 – metodologia adaptada**. São Paulo: [s. n.], 2021a. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CORONAVÍRUS: Senado aprova auxílio emergencial de R\$ 600. *In: Senado Notícias*. [S. l.], 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/30/coronavirus-senado-aprova-auxilio-emergencial-de-r-600>. Acesso em: 5 mar. 2022.

COVID-19: Funai acata recomendação do MPF para garantir proteção a indígenas isolados. *In: Ministério Público Federal – Notícias*. [S. l.], 23 mar. 2020. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/covid-19-funai-acata-recomendacao-do-mpf-para-garantir-protecao-a-indigenas-isolados>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CURY, Teo. Bolsonaro volta a atacar governadores e desafia: “Tá com medinho do vírus?”. *In: CNN Brasil*. Brasília, 2 abr. 2020a. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-atacar-governadores-em-pandemia-e-desafia-ta-com-medinho>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CURY, Teo. “Parece que está começando a ir embora a questão do vírus”, diz Bolsonaro. *In: CNN Brasil*. Brasília, 12 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/religiosos-relembra-isolamento-em-celebracao-de-pascoa-online-com-bolsonaro>. Acesso em: 5 mar. 2022.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Necropolitics and Necrocapitalism: The Impact of COVID-19 on Brazilian Creative Economy. *Modern Economy*, [S. l.], v. 11, n. 06, p. 1121-1140, 2020.

DIAZ-QUIJANO, Fredi Alexander; RIBEIRO, Tatiane Bomfim. **Direitos na Pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil. São Paulo: Conectas Direitos Humanos, 2021.

DIBAI, Priscilla Cabral. **A direita radical no Brasil pós-redemocratização**: o caso de Jair Bolsonaro. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ECO, Umberto. **Fascismo Eterno**. 11. ed. [S. l.: s. n.], 2018.

EM PASSEIO de jet ski, Bolsonaro diz que “70% vai pegar o vírus.”. *In: Focus*. [S. l.], 10 maio 2020. Disponível em: <https://www.focus.jor.br/em-passeio-de-jet-ski-bolsonaro-diz-que-70-vai-pegar-o-virus>. Acesso em: 5 Mar. 2022.

FARIAS, Liliane. Ministério da saúde apresenta novo protocolo para uso da cloroquina. *In: Agência Brasil*. Brasília, 20 maio 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/ministerio-saude-apresenta-novo-protocolo-para-uso-cloroquina>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FECHINE, Yvana. Bolsonaro e o populismo bufão: uma abordagem sociosemiótica. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 29., 2020, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: Compós, 2020. Disponível em: [https://proceedings.science/proceedings/100225/papers/133238/download/abstract\\_file1](https://proceedings.science/proceedings/100225/papers/133238/download/abstract_file1). Acesso em: 13 mar. 2021.

FERNANDES, Cláudio. Nazismo. *In: História do Mundo*. [S. l.]: [c2022]. Fonte Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FERNANDES, Giuliano. **A liberdade de expressão mesmo para os discursos que odiamos**: um estudo a partir do debate entre liberais e comunitários e a defesa da concepção dworkiana de objetividade do valor moral. 2018. 165 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

FERRAZ, Adriana. Bolsonaro diz que é preciso “enfrentar vírus como homem e não como moleque”. **O Estado de S. Paulo**. [S. l.], 29 mar. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-e-preciso-enfrentar-virus-como-homem-e-nao-como-moleque,70003252768>. Acesso em: 5 mar. 2022.

FILHO, João Roberto Martins. **Os militares e a crise brasileira**. 1. ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2021.

FLORIANO, Fernanda de Carvalho. **Cultura Pós-moderna**: uma análise da dominação capitalista no Brasil. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2018.

FLORIDI, Luciano. Brave.Net.World: the Internet as a disinformation superhighway? **The Electronic Library**, [S. l.], v. 14, n. 6, p. 509-514, 1996. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb045517/full/html>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FLORIDI, Luciano. **Information**: a very short introduction. [S. l.: s. n.], 2010. v. 148.

FLORIDI, Luciano. Semantic Conceptions of Information. *In: Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/information-semantic>. Acesso em: 9 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRELON, Deen; WELLS, Chris. Disinformation as Political Communication. **Political Communication**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 145-156, 2020.

FRIGO, Diosana. **Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento “o voto de Jair Bolsonaro” no impeachment de Dilma Rousseff**. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GALVÃO, Luíza Lopes. **A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto**: uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right. 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GOMES, Bianca. Bolsonaro incentiva invasão de hospitais para filmar leitos. *In*: **Terra**. [S. l.], 11 jun. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-incentiva-invasao-de-hospitais-para-filmar-leitos,d6d91d6b5d4ede0c0afeaa23f1b5d16fuukb4x1w.html>. Acesso em: 5 mar. 2022.

GOMES, Pedro Henrique. “Não sou coveiro, tá?”, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. *In*: **G1**. Brasília, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2022.

GOVERNO usará laboratório do Exército para produzir cloroquina. *In*: **Agência Brasil**. Brasília, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>. Acesso em: 16 abr. 2022.

GRAHAM, Stephen. ‘Clean territory’: urbicide in the West Bank. **Open Democracy**. [S. l.], 6 ago. 2002. Disponível em: [https://www.opendemocracy.net/en/article\\_241jsp/](https://www.opendemocracy.net/en/article_241jsp/). Acesso em: 30 abr. de 2022.

GUGLIANO, Monica. Vou intervir! O dia em que Bolsonaro decidiu mandar tropas para o Supremo. **Revista Piauí**, [S. l.], n. 167. p. 22, 2020.

GULLINO, Daniel. Bolsonaro ignora resultado do PIB e posta vídeo em que humorista dá banana para jornalistas no Alvorada. **O Globo**, [S. l.], 4 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ignora-resultado-do-pib-posta-video-em-que-humorista-da-banana-para-jornalistas-no-alvorada-24285268>. Acesso em: 15 abr. 2022.

HEADRICK, Daniel R. **The tools of empire**: technology and European imperialism in the nineteenth century. [S. l.: s. n.], 1981.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne; ANDI, Simge; NIELSEN, Rasmus Kleis. Reuters Institute Digital News Report 2020. **Reuters Institute Digital**

**News Report 2020**, [S. l.], p. 73, 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf). Acesso em: 20 dez. 2021.

INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL GOVERNMENT RESEARCH, 20., 2019. **Proceedings** [...]. [S. l.]: ACM, 2019. p. 439-444.

ITUASSU, Arthur *et al.* Comunicación política, elecciones y democracia: las campañas de Donald Trump y Jair Bolsonaro. **Perspectivas de la comunicación**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 11–37, 2019.

JUNIOR, Aryovaldo De Castro Azevedo; BIANCO, Erica Cristina Verderio. O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 88-111, 2019.

JUNQUEIRA, Caio; MACHIDA Kenzô. Após 29 dias no cargo, Nelson Teich pede demissão do Ministério da Saúde. *In: CNN*. [S. l.], 15 maio 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nelson-teich-pede-demissao-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

JUNQUEIRA, Diego. Laboratório do Exército já gastou mais de R\$ 1,5 milhão para produção de cloroquina, alvo de investigação do TCU. *In: Repórter Brasil*. [S. l.], 20 maio 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/laboratorio-do-exercito-ja-gastou-mais-de-r-15-milhao-para-fabricacao-de-cloroquina-alvo-de-investigacao-do-tcu>. Acesso em: 16 abr. 2022.

JUSTIÇA barra pedido da União para ficar com respiradores comprados pelo Recife para vítimas do coronavírus. *In: G1*. [S. l.], 23 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2020/03/23/justica-barra-pedido-da-uniao-para-ficar-com-respiradores-comprados-pelo-recife-para-vitimas-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 4 mar. 2022.

KORNIS, Mônica; JUNQUEIRA, Eduardo. Superior Tribunal Militar (STM). *In: FGV CPDOC*. [S. l.], [c2019]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superior-tribunal-militar-stm>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LINDNER, Julia. Contra medidas de isolamento, Planalto lança campanha “O Brasil não pode parar”. **O Estado de S. Paulo**, [S. l.], 26 mar. 2020a. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,planalto-lanca-campanha-o-brasil-nao-pode-parar-contramedidas-de-isolamento,70003249694>. Acesso em: 5 mar. 2022.

LINDNER, Julia. “Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaina”, diz Bolsonaro sobre liberação. **O Estado de S. Paulo**, [S. l.], 19 maio 2020b. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-de-esquerda-tubaina-diz-bolsonaro-sobre-liberacao,70003308307>. Acesso em: 5 mar. 2022.

LINHARES, Caroline *et al.* Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. **Folha de S. Paulo**, [S. l.], 15

mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-deixa-isolamento-do-coronavirus-e-de-carro-participa-de-ato-pro-governo-na-esplanada.shtml> . Acesso em:

LIS, Laís. Governo Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis, aponta. *In: G1*. Brasília, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2020.

MADEIRA, Rafael Machado. **Vinhos antigos em novas garrafas**: a influência de ex-arenistas e ex-emedebistas no atual multipartidarismo brasileiro. 2006. 208 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. v. 1.

MARCOS Mion. *In: Quem*. [S. l.], [c2022]. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/famoso/marcos-mion>. Acesso em: 2 maio 2022.

MARINI, Luisa. Em 27 anos de Câmara, Bolsonaro prioriza militares e ignora saúde e educação. *In: Congresso em Foco*. Brasília, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/na-camara-bolsonaro-prioriza-militares-e-ignora-saude-e-educacao>. Acesso em: 4 abr. 2021.

MARTINI, Carolina Gonzalez Colombo Arnoldi. **Mídias sociais nas campanhas políticas**: análise das estratégias de comunicação utilizadas nas mídias sociais Facebook, Orkut e Twitter pelas campanhas presidenciais de 2010 dos candidatos Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva. 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica, Signo e Significação das Mídia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAZUI, Guilherme. Mandetta anuncia em rede social que foi demitido por Bolsonaro do Ministério da Saúde. *In: G1*. Brasília, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/16/mandetta-anuncia-em-rede-social-que-foi-demitido-do-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção. Rio de Janeiro: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolitics**. [S. l.]: Duke University Press, 2003.

MINISTRO assegura que estados, DF e municípios podem adotar medidas contra pandemia. *In: Supremo Tribunal Federal – Notícias*. [S. l.], 8 abr. 2020a. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441075&amp;ori=>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar “a boiada” e “mudar” regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. *In: G1*. [S. l.], 22 maio 2020b.

Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2022.

MURAKAWA, Fabio. Bolsonaro diz a empresários para ‘jogar pesado’ com governadores porque ‘é guerra’. **Valor Econômico**, Brasília, 15 maio 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/14/bolsonaro-diz-a-empresarios-que-preciso-partir-para-cima-de-governadores-porque-guerra.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MOURA, Rafael Moraes. Bolsonaro traz desinformação que equivale a ‘mentira política’, diz Fachin. **Veja**, [S. l.], 17 fev. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-traz-desinformacao-que-equivale-a-mentira-politica-diz-fachin>. Acesso em: 30 abr. 2022.

NASCIMENTO, Leonardo et. al. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. **Plural** – Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 135-171, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28012%0A>. Acesso em: 30 abr. 2022.

NETA, Joanita Nascimento da Silva. **Armas no Brasil**: desarmamento, referendo e políticas de descontrole. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Campinas, São Paulo, 2020 Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_ca2d2ef0027d256c4ea0dc578620c53b](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_ca2d2ef0027d256c4ea0dc578620c53b). Acesso em: 5 mar. 2021.

NETO, Livino Virgínio Pinheiro. **Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente**: análise crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial brasileira de 2018. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/19038>. Acesso em: 5 mar. 2021.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne; ANDI, Simge; NIELSEN, Rasmus Kleis. Reuters Institute Digital News Report 2020. **Reuters Institute**. [S. l.], 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf) . Acesso em: 22 jan. 2022.

“NINGUÉM vai tolher meu direito de ir e vir”, diz Bolsonaro em passeio. *In: R7*. [S. l.], 10 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/ninguem-vai-tolher-meu-direito-de-ir-e-vir-diz-bolsonaro-em-passeio-10042020>. Acesso em: 5 mar. 2022.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final**: A Guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020.

“NÓS ÍAMOS passar por isso. O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil, por exemplo, só estará livre quando um certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos”, finalizou Bolsonaro. [S. l.], 17

mar. 2020. Twitter: @radiotupi. Disponível em: <https://twitter.com/radiotupi/status/1239922470746013696>. Acesso em: 5 mar. 2022.

“NUNCA abandonarei o povo brasileiro”, diz Bolsonaro após panelaços. *In: Gaúcha ZH*. [S. l.], 18 mar. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/03/nunca-abandonarei-o-povo-brasileiro-diz-bolsonaro-apos-panelacos-ck7y1hzwn05u801oao2kbqrtr.html>. Acesso at: 27 Feb. 2022.

NUNES, Cruz. **Uma análise dos saberes em torno da homossexualidade no Congresso Nacional Brasileiro através das legislaturas de Jair Bolsonaro e Jean Wyllys**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

O ARTIGO em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. **Veja**, São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980>. Acesso em: 11 fev. 2021.

OLIVEIRA, Alois Andrade de. **A intercompreensão nos discursos da rede social Facebook: um recorte do discurso político eleitoral**. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

OMS interrompe testes com hidroxiclороquina contra covid-19. *In: Deutsche Welle*. [S. l.], 17 jun. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/oms-interrompe-testes-com-hidroxiclороquina-no-tratamento-da-covid-19/a-53851557>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ONU. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**. [S. l.]: WHO, 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise do Discurso**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, jan. 2005.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Michael. Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. **Global Public Health**, [S. l.], v. 15, n. 9, p. 1-21, 2020.

PASSOS, Mariana Rezende dos; PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. Narrativas políticas em disputa no Twitter: a (des) construção da imagem pública de Lula no contexto da crise política brasileira de 2016. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [S. l.], v. 42, n. 3, p. 179–200, 2019.

PANDEMIA e o consumo de notícias nas redes sociais. *In: Gente*. [S. l.], 11 dez. 2020. Disponível em: <https://gente.globo.com/pandemia-e-o-consumo-de-noticias-nas-redes-sociais/>. Acesso at: 27 Sep. 2021.

PARAJO, Eduardo *et al.* **Relatório Internet, Desinformação e Democracia**. [S. l.: s. n.], 2020.

PEREIRA, Carlos; MEDEIROS, Amanda; BERTHOLINI, Frederico. O medo da morte flexibiliza perdas e aproxima polos: consequências políticas da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Revista de Administração Pública**, [S. l.], v. 54, n. 4, p. 952-968, 2020.

PFRIMER, Matheus Hoffmann; BARBOSA, Ricardo. **Brazil's war on COVID-19: Crisis, not conflict—Doctors, not generals**. [S. l.]: SAGE Publications Ltd, 2020.

PINHEIRO, Felipe Murta. **Eleições e mídias sociais: o uso do Facebook como ferramenta de campanha para a Câmara dos Deputados em 2014**. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

POMPEU, Ana; FREITAS, Hyndara. Bolsonaro e empresários vão ao STF para defender retomada de atividades econômicas. *In: Jota*. Brasília, 7 maio 2020. Disponível em: <https://www.jota.info/stf/do-supremo/bolsonaro-e-empresarios-vaoo-stf-para-defender-retomada-de-atividades-economicas-07052020>. Acesso em: 5 mar. 2022.

POWER, Timothy J.; ZUCCO JR., Cesar. Estimating Ideology Legislative A Research Communication. **The Latin American Studies Association**, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 218–246, 2009.

PROCÓPIO, Carla Ramalho. **Um retrato do caos: a representação midiática dos presidiários e a crise da segurança pública**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. The end of the embarrassed right? The actions of the “evangelical” and “bullet” caucuses and the paths of conservative representation in Brazil. **Opinio Publica**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 486-522, 2018.

RAJÃO, Raoni *et al.* **Dicotomia da impunidade do desmatamento ilegal**. [S. l.: s. n.], 2021.

RECUERO, Raquel. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2021.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. **E-Compós**, Campo Grande, p. 1-29, 2020a.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. **E-Compós**, [S. l.], p. 1-10, 2020b.

ROBERTS, David. Post-truth politics. *In: Grist*. [S. l.], 1 abr. 2010. Disponível em: <https://grist.org/article/2010-03-30-post-truth-politics/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SAAD-FILHO, Alfredo; BOFFO, Marco. The corruption of democracy: Corruption scandals, class alliances, and political authoritarianism in Brazil. **Geoforum**, [S. l.], v.

124, p. 300-309, 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2020.02.003>. Acesso em: 10 maio 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?** 1. ed. [S. l.]: Estação das Letras e Cores, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32016R0679&from=PT%0Ahttp://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:52012PC0011:pt:NOT>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SANTOS, Caique; PITOMBO, João Pedro. Bolsonaro repete ameaça golpista e diz que 7 de Setembro será ultimato a ministros do STF. **Folha de S. Paulo**, [S. l.], 3 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-repete-ameaca-golpista-e-diz-que-7-de-setembro-sera-ultimato-a-ministros-do-stf.shtml> . Acesso em: 30 abr. 2022.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos *et al.* Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. [S. l.], **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 25, n. suppl. 2, p. 4211-4224 out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5FLQN6ZV5yYPKv6bv4fTbVm/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 1

SHANNON, Claude Elwood. A Mathematical Theory of Communication. **Bell System Technical Journal**, [S. l.], v. 27, n. 4, p. 623-656, 1948.

SILVA, Luiz Rogério. **Discurso de ódio no Facebook**: a construção da incivilidade e do desrespeito nas fan- pages dos deputados Jair Bolsonaro, Marco Feliciano e Rogério Peninha Mendonça / Luiz Rogério Lopes Silva. 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Cris Guimarães Cirino da. **O bolsonarismo da esfera pública**: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7664>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SILVA JÚNIOR, João Dos Reis; FARGONI, Everton Henrique Eleutério. Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais [Bolsonarism: Brazilian necropolitics as pact between fascists and neoliberals]. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. 1-26, 2020.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro pede reabertura de escolas e critica governadores. **Correio Braziliense**, [S. l.], 24 mar. 2020. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/24/interna\\_politica](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/24/interna_politica),

836430/bolsonaro-pede-reabertura-de-escolas-e-critica-governadores.shtml. Acesso em: 5 mar. 2022.

SOUSA, Douglas Rabelo de. **Argumentação, cognição e discurso**: a polêmica entre conservadores e liberais sobre a imigração para o Brasil. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Caroline; ALMEIDA, Rodolfo; ZANLORENSSI, Gabriel. Como Bolsonaro votou nos últimos 20 anos na Câmara. *In: Nexo Jornal*. [S. l.], 22 abr. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/04/22/Como-Bolsonaro-votou-nos-ultimos-20-anos-na-Câmara>. Acesso em: 6 abr. 2021.

SPECHOTO, Caio. Bolsonaro diz que desemprego na pandemia é culpa de governadores. *In: Poder360*. [S. l.], 7 jun. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-desemprego-na-pandemia-e-culpa-de-governadores>. Acesso em: 5 mar. 2022.

SUPPO, Hugo Rogelio. Brasil Século XXI: O “Brasil Acima De Tudo, Deus Acima De Todos.” *In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE CIENCIA POLÍTICA*, 10., 2019, Monterrey. **Anais** [...]. [S. l.]: ALACIP, 2019. p. 1-33.

TEICH diz em reunião que “medo” do coronavírus “vai impedir” que economia seja tratada como prioridade. *In: G1*. [S. l.], 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/teich-diz-em-reuniao-que-medo-do-coronavirus-vai-impedir-que-economia-seja-tratada-como-prioridade.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2022.

TEIXEIRA, Carlos R.G. *et al.* Polls, plans and tweets: An analysis of the candidates’ discourses during the 2018 Brazilian presidential election. *In: ANNUAL*

TELES, Edison; VLADIMIR, Safatle; **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011. v. 58.

TURTELLI, Camila; BORGES, André. Ministra da Agricultura divulga vídeos e fotos que desmentem publicação de Bolsonaro sobre Ceasa. *In: Estadão*. [S. l.], 1 abr. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministra-da-agricultura-divulga-videos-e-fotos-que-desmentem-publicacao-de-bolsonaro-sobre-ceasa,70003256315>. Acesso em: 5 mar. 2022.

TWITTER ANALYTICS. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://business.twitter.com/pt.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

UNIÃO deve entregar a Mato Grosso ventiladores pulmonares requisitados do fabricante. *In: Supremo Tribunal Federal – Notícias*. [S. l.], 4 maio 2020. Disponível em:

<http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=442615&ori=1>. Acesso em: 4 mar. 2022.

VACINA covid-19: Bolsonaro diz duvidar que Justiça obrigará imunização. *In: Uol Notícias*. São Paulo, 22 out. 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/22/bolsonaro-duvido-que-a-justica-vai-obrigar-alguem-a-tomar-vacina.htm>. Acesso em: 25 out. 2020.

VALFRÉ, Vinícius. Bolsonaro volta a criticar isolamento social: “Não dá para continuar assim”. *In: O Estado de S. Paulo*. [S. l.], 26 maio 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-volta-a-criticar-isolamento-social-nao-da-pra-continuar-assim,70003315527>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VARGAS, Mateus. Ministério nega atraso proposital na divulgação de recorde de mortos pela covid-19. *In: O Estado de S. Paulo*, [S. l.], 4 jun. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-nega-atraso-proposital-na-divulgacao-de-recorde-de-mortos-pela-covid-19,70003325180>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. *In: G1*. [S. l.], 8 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VEJA quem são os 23 com coronavírus da comitiva de Bolsonaro que visitou os EUA. *Folha de S. Paulo*, [S. l.], 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-quem-sao-os-23-infectados-da-comitiva-de-bolsonaro-em-visita-aos-eua.shtml>. Acesso em: 4 mar. 2022.

VENAGLIA, Guilherme. Bolsonaro: divulgação de números da Covid-19 às 22h busca “dados consolidados”. *In: CNN Brasil*. São Paulo, 6 maio 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-divulgacao-de-numeros-da-covid-19-as-22h-busca-dados-consolidados/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VERDÉLIO, Andreia. Covid-19: Bolsonaro quer cloroquina para pacientes com sintomas leves. *In: Agência Brasil*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/covid-19-bolsonaro-quer-cloroquina-para-pacientes-com-sintomas-leves>. Acesso em: 5 Mar. 2022.

VIDON, Felipe. Governo Bolsonaro é a principal fonte de desinformação sobre a pandemia no Brasil, segundo relatório. *O Globo*, 25 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/governo-bolsonaro-a-principal-fonte-de-desinformacao-sobre-pandemia-no-brasil-segundo-relatorio-25076190>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

VILLEN, Gabriela. **O ecossistema da desinformação**. Unicamp. Campinas, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/20/o-ecossistema-da-desinformacao>. Acesso em: 1 maio. 2022.

VINHAS, Otávio Iost. **Os Sentidos Da “Facada” Em Jair Bolsonaro: Uma Análise de Redes Culturais Online à luz da Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S. l.], v. 59, n. 2, p. 1134-1157, 2020.

VIZEU, Rodrigo. **Brasil, de Deodoro a Bolsonaro.** 1.ed. [S. l.]: Casa dos Livros Editora LTDA, 2019. v. 1.

XAVIER, A. C. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo (Challenge hypertext and survival strategies of the subject of contemporary). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 73-90, 2015. Doi: 10.22481/el.v13i2.1302. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 1 maio 2022.

XAVIER, Diego Ricardo; SILVA, Eliane Lima; LARA, Flávio Alves; Silva, Gabriel R. R.; OLIVEIRA, Marcus F.; GURGEL, Helen; BARCELLOS, Christovam. Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. **The Lancet Regional health - Americas**, [S. l.], 14 mar. 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667193X22000382?via%3Dihub> Acesso em: 1 de maio 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making** Council of Europe report. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 10 dez. 2021.

WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. Digital in Brazil: All the Statistics You Need in 2021. In: **DATA REPORTAL**. [S. l.], 11 fev. 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>. Acesso em: 14 nov. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO-convened Global Study of Origins of SARS-CoV-2: China Part Joint WHO-China Study Team report. [S. l.]: WHO, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Timeline of WHO’s response to COVID-19.** [S. l.]: WHO, 2021b. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#!> Acesso em: 26 fev. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Critical preparedness, readiness and response actions for COVID-19: Interim guidance. [S. l.]: WHO: 27 maio 2021c. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/critical-preparedness-readiness-and-response-actions-for-covid-19>. Acesso em: 02 abr. 2022.

ZANINI, Fábio. Datafolha mostra dificuldade de Bolsonaro em contrapor Auxílio Brasil ao Bolsa Família de Lula. **Folha de S.Paulo**, [S. l.], 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/datafolha-mostra-dificuldade-de-bolsonaro-em-contrapor-auxilio-brasil-ao-bolsa-familia-de-lula.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ZAVERUCHA, Jorge; MELO FILHO, Hugo Cavalcanti. Superior tribunal militar: Entre o autoritarismo e a democracia. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p. 763-797, 2004.

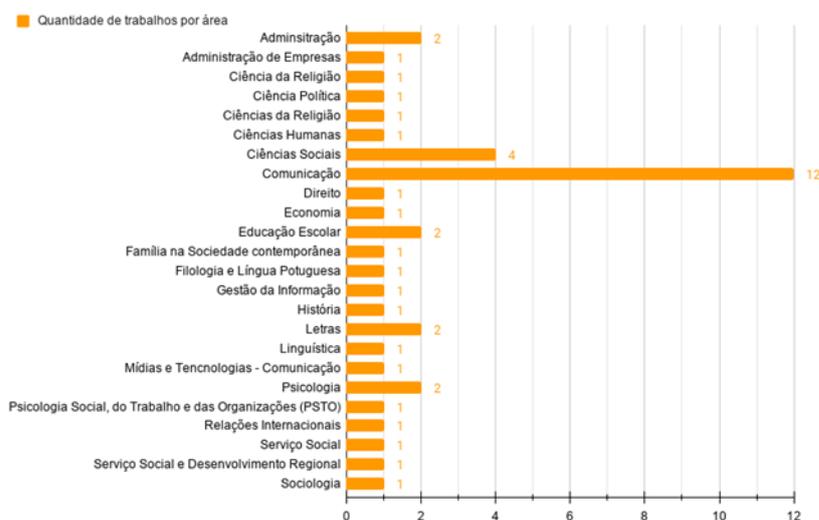
## APÊNDICE A – Complemento de pesquisa sobre Jair Bolsonaro

### O QUE JÁ FOI DITO SOBRE BOLSONARO

O material a seguir visa apresentar os trabalhos científicos que já foram publicados sobre Jair Bolsonaro, com o auxílio de gráficos que sejam visuais, funcionais, bonitos, perspicazes e esclarecedores (CAIRO, 2016). Para Cairo, o grande objetivo da visualização de dados é tornar visíveis e mais claras informações que dependem do auxílio visual. Portanto, o levantamento abaixo propõe uma metarevisão bibliográfica para identificar quais assuntos Bolsonaro está relacionado, como ele é tratado e o que pode ser feito de diferente e inovador em relação ao que já foi dito sobre Bolsonaro.

De acordo com um levantamento realizado ao decorrer do mês de fevereiro de 2021, tendo como fonte a base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram mapeados 45 trabalhos que citam Jair Bolsonaro em sua ficha cadastral (Figura 77). Entretanto, apenas 42 trabalhos estavam disponíveis para *download*, sendo 37 dissertações e 5 teses. O primeiro trabalho foi publicado em 2016 e fala sobre as eleições de 2014 e o uso do Facebook como ferramenta de campanha por deputados (PINHEIRO, 2016), um dos perfis analisados no trabalho é Bolsonaro, eleito deputado em 2014.

Figura 77 – Número de trabalhos que citam Bolsonaro de acordo as áreas de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor com base em CAPES e BDTD.

Esse levantamento foi feito para contextualizar o presidente, figura recente enquanto objeto de pesquisa, apesar de ter mais de 30 anos de trajetória política. Por exemplo, buscando em congressos como o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o artigo mais recente publicado sobre Bolsonaro é do ano de 2017. Já na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), o artigo mais recente é de 2018 (Tabela 1). Ou seja, mesmo em contextos mais especializados nos quais se propõe reflexões mais específicas e direcionadas no que tange a comunicação, Jair Bolsonaro, é um objeto de estudo recente.

Tabela 1 – Número de artigos sobre Bolsonaro: ano vs. evento

<b>Ano</b>	<b>Compós</b>	<b>Intercom</b>
2017	Não teve artigos	4
2018	2	0
2019	1	6
2020	2	Dados não publicados

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Em relação à área de pesquisa da CAPES que mais estudou Bolsonaro durante esse período a Comunicação é a líder com 12 trabalhos. Mídias e Tecnologias - Comunicação, possui um trabalho. Juntas, as áreas somam 13 trabalhos dos 42 analisados, representando cerca de 30% do total. Esse número é significativo, devido à diferença em relação as outras áreas. A segunda área que mais pesquisou Bolsonaro tem apenas quatro trabalhos, corresponde a 9,5% do total. As demais áreas possuem apenas um ou dois trabalhos sobre o assunto.

Para mapear palavras-chave e objetos de estudo nesses trabalhos foi criada uma nuvem de palavras que utilizou todas as palavras-chave ligadas a eles, resultando na imagem da Figura 78:

Figura 78 – Nuvem de palavras-chave das áreas de comunicação e comunicação e suas tecnologias







foi o mais polarizador entre todos, sempre esteve na extrema direita e foi caracterizado por ter um discurso de ódio.

Com a intenção de compreender Bolsonaro, um resumo comentando as principais conclusões sobre como ele é apresentado nos trabalhos encontrados será trazida. Os pontos de discussão a serem levantados englobam aspectos metodológicos ou de contexto do trabalho, mas sim os argumentos extraídos das descobertas dos trabalhos no que tange o decorrer da pesquisa, considerações finais e conclusões. Portanto, busca-se extrair as principais descobertas na área de comunicação para encontrar semelhanças e divergências.

## APÊNDICE B – Resumo das análises no formato de mapa mental

Figura 81 – Mapa mental do processo de agrupamento dos tweets presentes no item 5.1



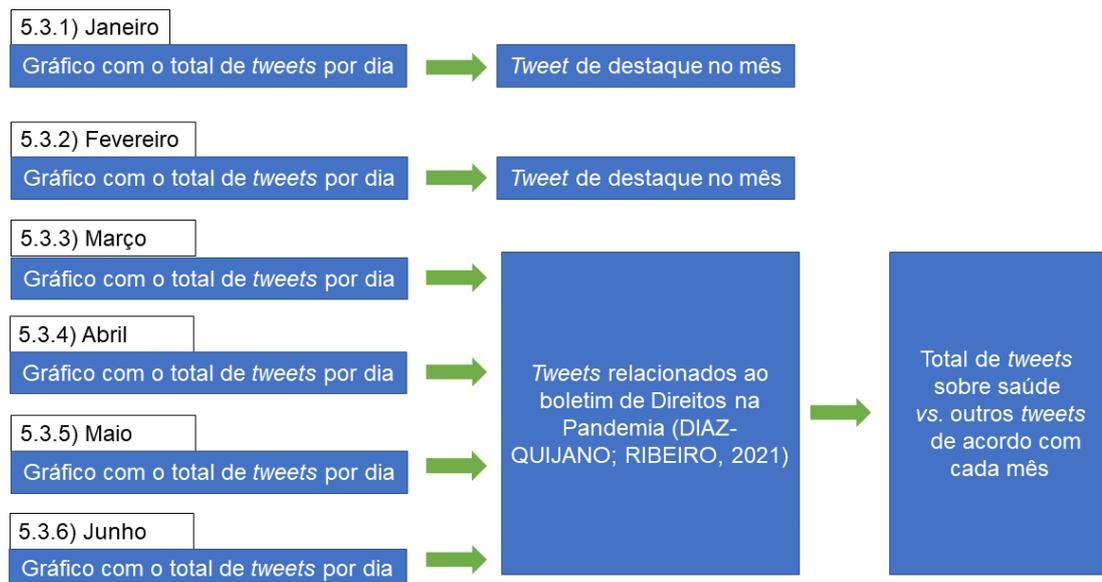
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 82 – Mapa mental do processo de análise dos tweets presentes no item 5.2



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Figura 83 – Mapa mental do processo de análise dos tweets presentes no item 5.3



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)